

145
146

ARQUITECTOS

Rui Barreiros Duarte
José Sallalheiro
João Torres Campos
Alberto Oliveira
Miguel Arruda
José Vaz Pires
Hanno Wittner

Gonçalo Próspero
João Lúcio Lopes
Adalberto Dias
Margarida Porcher
Jorge F. Barros
Tiago Meireles
Pedro Gadanhio
João R. Pereira
Sérgio Ramalho
Patrícia Matias

PROJECTO DE AMPLIAÇÃO
DA FACULDADE DE DIREITO
DE LISBOA • PROJECTOS DOS
EDIFÍCIOS DAS RESIDÊNCI-
AS UNIVERSITÁRIAS DE
CAMPOLIDE DA UNIVERSI-
DADE NOVA DE LISBOA •
PROJECTO PARA AMPLIAÇÃO
E REMODELAÇÃO DAS INS-
TALAÇÕES DA FACULDADE
DE LETRAS DE LISBOA • PLA-
NO DE PORMENOR DA FREN-
TE URBANA RIBEIRINHA
ENTRE AS PONTES D. LUÍS E

Especial

CONCURSOS

José Carreira Quinta
Pedro Pinto Duarte
Adalberto G. Dias
Cândido Chava Gomes
Jorge T. Sousa
Rui Mealha
Gonçalo Torgal
Fernando Távora
Teotónio Pereira
Vasco Massapina
Norberto Corrêa
Pedro M. Cabrito
Manuel Mateus
Francisco Mateus
António Bruno Soares
José Maneiras
Mário Duque

S. JOÃO NO
PORTO • REOR-
DENAMENTO DO MERCA-
DO DA FOZ E TERRENOS
MUNICIPAIS ANEXOS NO POR-
TO • PROJECTO DO MERCADO
DA MOUTEIRA EM LORDELO •
PROJECTO DO CENTRO CÍVICO
DE BENFICA EM LISBOA • PLA-
NO DE PORMENOR DA FONTI-
NHA - CARVALHEIRAS NO POR-
TO • PROJECTO DO ANFITEA-
TRO DA FACULDADE DE DIREI-
TO DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA • IDEIAS PARA A
MEIA LARANJA EM BEJA • AM-
PLIAÇÃO DO EDIFÍCIO-SEDE
DA ORDEM DOS ENGENHEIROS
EM LISBOA • PROJECTO DO
CENTRO CULTURAL DE MACAU

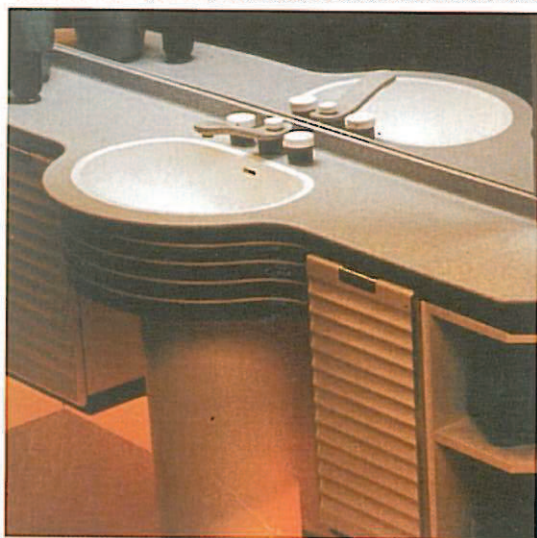
2

145

146

A QUALIDADE SEMPRE PRESENTE

CORIAN - Materiais para Hospitais, Bancos, Cozinhas, Casas de Banho, etc...



Tecto Abertura Manual - SISTEMA COCIGA

SCRIGNO - Caixa para Portas de Correr Encastáveis.



ALUCOBOND - Revestimento de Fachadas.



THERMOTOP - O Máximo em Isolamento.



EDIFÍCIO CAETANO
RUA DO TELHADO, 101 - AV. DA REPÚBLICA, 2208
4400 VILA NOVA DE GAIA
TELEF.: (02) 3705060 - FAX: (02) 3700177-3703933

Na construção para a construção

ALVARÁS: ICC 12033
EOP 11917

FIL - SIMAC
19 A 23 MAIO
EXPONOR - CONCRETA
25 A 29 OUTUBRO

ELECTRA
AR - CONDICIONADO
3 ANOS DE GARANTIA

REPRESENTAMOS:

ALUCOBOND
O NOVO CONCEITO EM REVESTIMENTO
A ALTERNATIVA EM CONSTRUÇÃO

THERMOTOP
O PAINEL QUE REFLECTE
A VERSATILIDADE NO BEM CONSTRUIR

acfal
COBERTURAS FIXAS E DESLIZANTES
(MOTORIZADAS OU MANUAIS)

SCRIGNO
O CONTRA-CHASSIS PARA PORTAS DESLIZANTES

CORIAN
O MELHOR INVESTIMENTO NA ELEGÂNCIA

Apresentação do AutoCAD Versão 13. O AutoCAD mais poderoso de sempre.

INTERFACE INTUITIVO - aumenta a sua pericia em Windows, dando-lhe acesso imediato (através de barras de ferramentas e ajudas) às características que geralmente mais utiliza.

MULTILINHAS & LINHAS-TIPO - utilize a característica de linha paralela múltipla para desenhar paredes e limpar intersecções automaticamente. Melhora a qualidade de desenho com linhas-tipo que podem incorporar formas e texto.

BARRA DE FERRAMENTAS COM PROPRIEDADES DE OBJECTOS - acesso rápido a propriedades de objectos tais como layers e linhas-tipo. Permite-lhe alterar parâmetros directamente a partir da barra de ferramentas.

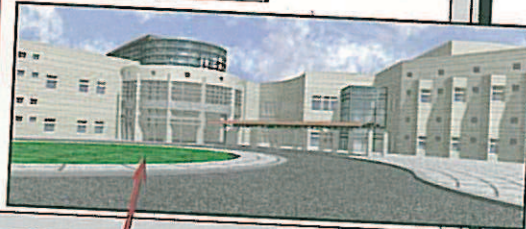
Edição de Texto Melhorada - com um editor de texto completo, fontes TrueType® e PostScript® e um corrector de ortografia, a anotação de desenhos é mais fácil e mais exacta.

COTAGEM FLEXÍVEL - Pré-visualização gráfica torna mais fácil a personalização de estilos de cotação, layout e edição automatizados acelera o processo de cotação.

OLE - permite-lhe incluir dados de outras aplicações do Windows - neste caso, um inventário do Excel.

SURGICAL UNIT
NOTE: Additional electrical outlets will need to be installed to accommodate emergency patient overflow.

FINISH SCHEDULE		
ID	Type	Color
P-1	Jackson Paints, #101, eggshell	sand stone
P-2	Ishimaru Paints, #57, semi-gloss	mission white
WC-1	Softex Wall covering, #401	plaid
	tile, #50, 15cm x 15cm	dover white
	carpet, #33, plush velvet	taupe



JANELA DE COMANDOS - continuará a ter acesso directo à linha de comando, agora uma janela flutuante ou fixa que suporta as características de "apagar" e "inserir" do Windows (Cut e Paste).

TRAMA ASSOCIATIVA - sempre que as fronteiras são alteradas é atualizada automaticamente; terminou o processo fastidioso de redesenho de tramas.

RENDERINGS MAIS RÁPIDOS - torna mais fácil criar e apresentar pré-visualização de protótipos. O AutoVision v. 2 trabalha juntamente com a Versão 13 do AutoCAD para construir renderings fotorealistas tais como este.

O novo AutoCAD® Versão 13 tem mais capacidades, novas características e melhoramentos do que aquelas que lhe podemos apresentar aqui. E está disponível através de uma licença multiplataforma para Windows™, Windows NT® e MD-DOS®. Que mais poderia Desejar? Que tal um demonstrativo gratuito? Para o obter contacte o "Dealer

Autodesk

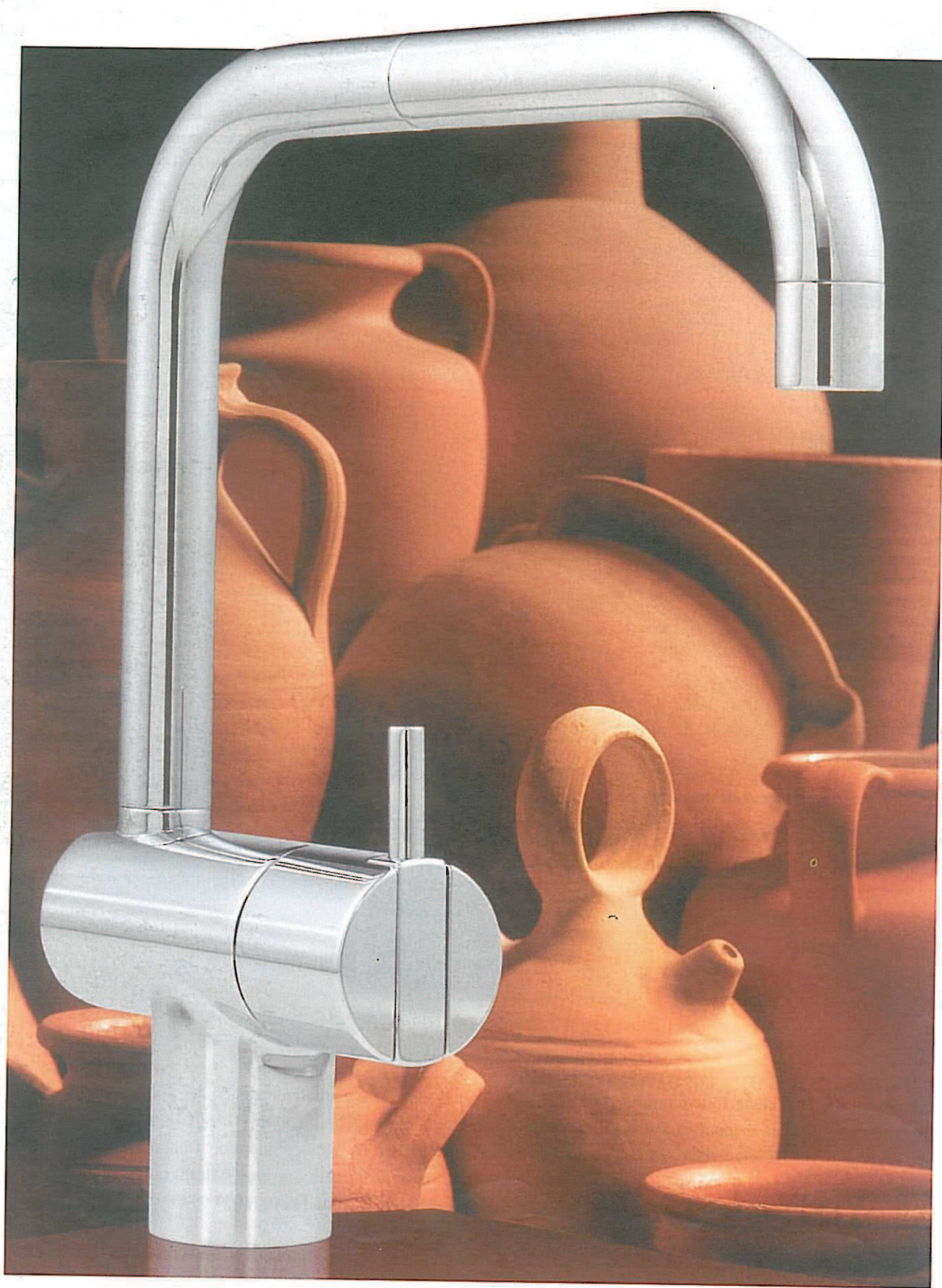
Autorizado Autodesk" mais próximo de si ou a Micrograf através do telefone (02) 937 91 77 ou do fax (02) 937 91 76

MICROGRAF
Distribuidor único
AutoCAD + 3DStudio

© Copyright 1994 Autodesk, Inc. All rights reserved. Autodesk, the Autodesk logo, and AutoCAD are registered trademarks, and AutoVision is a trademark, of Autodesk, Inc. MS-DOS and Windows NT are registered trademarks, and Windows is a trademark, of Microsoft Corporation. All other brand names, product names, or trademarks belong to their respective holders. Elmhurst Air Force Base Medical Facility 2D architectural, engineering, and construction drawings created by Anderson DeBartolo Pan (ADP). Site plan and landscape design created by Dowd Engineers for Anderson DeBartolo Pan (ADP). 3D extrusions and AutoVision rendering created by Autodesk Marketing Support.

ORIGINAL®
Voia

ARNE JACOBSEN DESIGN



DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL:



CARVALHO, BATISTA & C.ª, LDA.

FERRAGENS - FERRAMENTAS - CUTELARIAS

Rua do Almada, 79-83, 1.º

Apartado 4784 - 4013 Porto Codex

Tel. (02) 32 41 16 (4 linhas) - Fax (02) 31 96 11

Show Room - Rua do Almada, 85-89



Prémio Secil de Engenharia Civil

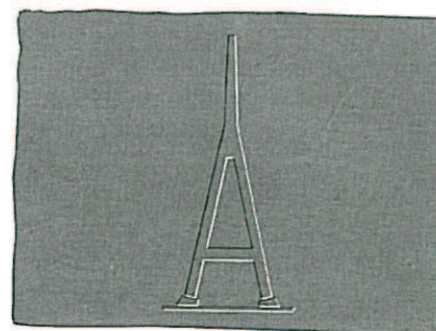
Os Engenheiros merecem prémios

Pela primeira vez em Portugal é instituído um Prémio de Engenharia Civil, levado a efeito em cooperação entre a Secil e a Ordem dos Engenheiros.

O Prémio contempla uma solução

de engenharia civil no domínio da utilização do betão estrutural e que tenha sido aplicada em obra.

Com a instituição deste Prémio, a Secil confere reconhecimento público a soluções caracterizadas por uma importante componente de inovação e desta forma homenageia o trabalho e o espírito criativo dos engenheiros portugueses.



Troféu Secil de Engenharia Civil



CONSELHO DIRECTIVO NACIONAL



Cimento de Qualidade
Produtos de Prestígio



Informações e apresentação de candidaturas até ao dia 5 de Junho de 1995, na Ordem dos Engenheiros - tel. 356 24 38.



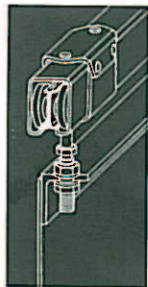
CRUZFER

REPRESENTAÇÕES, MATERIAIS E FERRAGENS, LDA

Painéis móveis, portas de folo e de correr

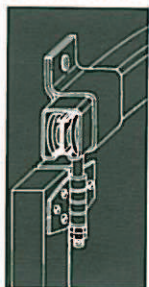
COBURN

- Resolve problemas de espaço
- Ferragens para portas de armazém
- Paredes móveis para divisórias
- Portas para armazéns e roupeiros
- Painéis rebatíveis com insonorização
- Divisórias para pavilhões desportivos



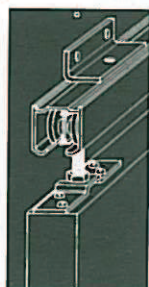
Deslizante paralela

Aplicações no exterior. Ferragens com carril inferior ou com carril superior. Especifica para portas metálicas até 4000 Kg e 10m altura.



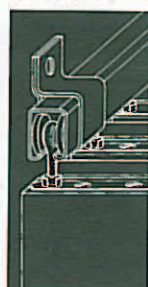
Correr ao centro ou lateral

Aplicação em portas para o exterior. Portas de folo para correr ao centro (peso máx. 70 Kg) ou no canto (peso máx. 60 Kg).



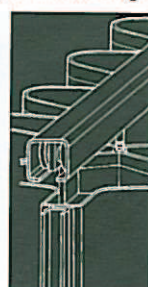
Deslizante interior

Aplicável em diversas situações de corredoras paralelas interiores, com carril superior até 100 Kg, com carril inferior até 400 Kg peso suportado.



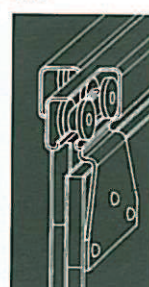
Folo ao centro ou lateral

Porta de folo com carril superior ou inferior, com batente central ou lateral, peso máximo com batente ao centro 75 Kg e 60 Kg com batente lateral.



Painéis amovíveis

Painéis amovíveis para melhor exploração espacial insonorizantes e com múltiplas aplicações visuais.

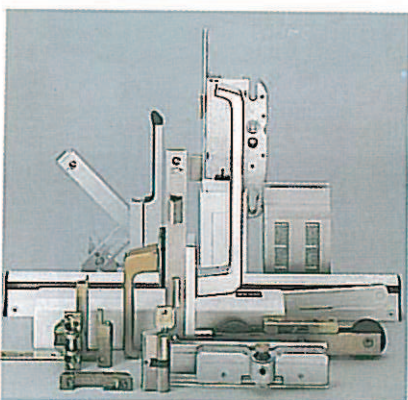


Aplicações suplementares

Um conjunto de aplicações possíveis que passa pelo suporte para toldos em cumieiros, divisórias em ginásios, portas em contentores.



O GRUPO GRETSCH-UNITAS dispõe de uma experiência de 88 anos desde que o Sr. Viktor Gretsche fabricou a sua primeira peça. A CRUZFER como associada deste Grupo, implantado em 21 países, beneficia deste "know-how" que disponibiliza aos profissionais portugueses mantendo e aumentando o nível de qualidade e avanço tecnológico do mercado português.



Tire vantagens da qualidade, capacidade e serviço

- Ferragem oscilo batente, abertura normal e pivotante
- Ferragem corredora basculante **GU**
- Ferragem de correr em harmónio
- Fechaduras para embutir e de segurança **FERCO**
- Cilindros e meistragens **BKS**
- Manetes, puxadores
- Ventilador permanente regulável e silencioso
- Molas superiores e inferiores para portas

Grupo Gretsche-Unitas
GU BKS FERCO
INTERNACIONAL



Estores **WAREMA**

- Qualidade e prestígio comprovados em mais de 70 obras
- Sistemas de estores exteriores orientáveis
- Toldos em multidesign
- Sistemas Black-out (escuridão total)
- Ligação a sistemas inteligentes com orientação por luminosidade, força do vento ou ângulo de incidência solar



Consulte o nosso departamento técnico-comercial para a escolha da melhor solução

Solicitamos informações sobre o programa "CRUZFER"

Nome: _____
Cargo: _____
Empresa: _____
Morada: _____
Telef.: _____ Fax: _____

enviar para:

CRUZFER

Representações, Materiais e Ferragens, Lda.
Parque Industrial "Meramar II" Arm. nº 2
Cabra Figa - Albarraque 2735 Rio de Mouro
Telef. Geral: (01) 915 24 82
Telef. Comercial: (01) 915 24 67
FAX: (01) 915 26 73



5-6-55

EDITORIAL

Conseguir organizar um concurso de Arquitectura já é alguma coisa como se sabe. As entidades públicas que os promovem estão de parabéns, pois muitas vezes lutam ou contra a opinião de quem as tutela ou contra a vontade daquele que dirige o serviço que se albergará nos espaços construídos segundo o projecto escolhido por concurso.

Assim, aliás como é habitual no exercício do poder (público) por cá, as decisões não são claramente e (ou) publicamente discutidas, mas são sujeitas às lutas de corredores e daí resultam documentos normativos e programas de concursos coxos, com pouca lógica, que arquitectos e membros dos júris têm enormes dificuldades em compreender e, portanto em cumprir.

Muitas vezes essas lutas passam-se para dentro do júri, nomeado por conveniências de momento e com desequilíbrios de conhecimentos muito acentuados, tornando, por seu lado, as decisões desses júris assentes em autênticas "mantas de retalho" e, por fim, resultando em escolhas mais "políticas" que seriamente alicerçadas num atento e conhecedor debruçar sobre os trabalhos concorrentes.

Estas são algumas das realidades que enformam muitos dos concursos. Mas mesmo assim, vale a pena que existam pois a alternativa da decisão pessoal e casual traria com certeza um abaixamento qualitativo pois nem publicamente haveria que dar justificação, nem sequer haveria escolha ou confronto qualitativo.

Se antigamente o príncipe algumas vezes era alguém culto e interessado em Arquitectura e tinha que, ao menos, se confrontar com os seus pares nas questões de prestígio e imagem, hoje aqueles que lhes sucederam nem esta situação enfrentam, e não têm que manter um lugar de trono, pois o tempo de estar numa situação de poder é muito mais curto e quem vier depois que enfrente os problemas. Aliás, o príncipe ainda mantinha uma cultura de poder. Hoje, sem o confronto da responsabilidade pública perante o cidadão, nada existe senão uma vontade pessoal que pode ser excelente ou desastrosa. Os Concursos de Arquitectura são assim também um modo de confrontar responsabilidades

Michel Toussaint

145/146
MARÇO/ABRIL DE 1995

10	O avesso dos Concursos
12	
	Ampliação da Faculdade de Direito de Lisboa
24	
	Residências Universitárias de Campolide - Lisboa
28	
	Ampliação da Faculdade de Letras de Lisboa
34	
	P.V. da Frente Urbana Ribeirinha entre as Pontes D. Luís e S. João
38	
	Mercado do Ramalde - Porto
46	
	Mercado da Foz e terrenos Municipais anexos - Porto
50	
	Mercado da Mouteira - Lordelo
58	
	P.P. Fontinha / Carvalheiros no Porto
61	
	Centro Cívico de Benfica - Lisboa
62	
	Anfiteatro da Faculdade de Direito de Coimbra
64	
	Meia Laranja - Beja
66	
	Ampliação da Sede da Ordem dos Engenheiros - Lisboa
67	
	Centro Cultural de Macau
73	
	Leituras

O avesso dos Concursos

Leonor Figueira

10

A grande implementação dos concursos, de há uma dezena de anos para cá, começa já a oferecer, entre outras vantagens, a possibilidade duma leitura global da sua prática efectiva, permitindo identificar as principais distorções a que, entre nós, este processo de encomenda tem sido sujeito nos últimos tempos.

Tal como alguém disse da Nostalgia que "já não é o que era", também os concursos parecem estar a afastar-se do seu arquétipo.

Aparentemente, a sua proliferação tem contribuído para neutralizar a essência eminentemente cultural que lhes é própria, transformados que foram os concursos numa praxis de mera resposta à obrigatoriedade legal da sua adopção e como via de candidatura a financiamentos, subvertendo as motivações mais profundas de ordem conceptual especulativa (ainda que estas, por vezes, se confundam com o desejo de afirmação do prestígio institucional do promotor).

Assiste-se pois, da parte dos nossos orga-

nismos oficiais e até de muitas instituições privadas, a um recurso muito insistente a concursos para a encomenda de obras de Arquitectura e Urbanismo (embora nem sempre em modalidades aceitáveis e adequadas a trabalhos de concepção, reconhecendo-se também que a sua maioria escapa à intervenção da AAP). Nos concursos públicos e limitados em que foi prestada essa colaboração técnica, vem-se constatando também que, para obras mais singelas, a pesada máquina de um concurso, nas modalidades convencionais, se mostra por vezes desproporcionada, pelo muito que exige do concorrente e do promotor, resultando num processo desgastante para ambas as partes, tanto mais que raramente são oferecidas as contrapartidas próprias dum exercício alargado de pesquisa e debate, que o transforme numa mais valia da prática profissional, mesmo para os que não ganham. Também para obras de maior vulto se verifica que, na sua generalidade, os concursos não têm primado por ser marcadamente

estimulantes, nem por fomentar a exigível exemplaridade do processo.

Nestes casos, mais que em qualquer outro, julgo ser essencial a AAP fomentar à prática, no promotor, a consciencialização do importante significado e potencialidades dum concurso de concepção. Tal atitude poderá forjar um processo mobilizador da convergência de atenções a nível nacional e até internacional, que se traduza no prestígio e na qualificação da iniciativa.

Mas voltando aos concursos mais quotidianos, não há dúvida, tanto para quem concorra com alguma frequência, como para quem os organize ou participe em Júris, que se constata a sua crescente *trivialização*, patenteada nos seus múltiplos passos, onde, desde a falta de profissionalismo de organização, à leviandade (e não só) do desempenho da avaliação da maioria dos Júris, pouco resta que exalte à adesão à modalidade, a não ser pelo que cada um faz dela, como oportunidade de trabalho meramente individual.

Para todos os profissionais envolvidos nesta matéria, que não são necessariamente apenas os concorrentes, seria interessante levar mais longe o nível de observação da aparente realidade dos concursos.

Parece impôr-se, de facto, uma leitura interna, crítica e sistemática dos elementos em jogo, para nos apercebermos das falhas e lacunas que lhes vem conferindo tal imagem. Em meu entender, é a AAP quem está melhor posicionada para centralizar esse estudo, visto que tem parte activa e até liderante na preparação e funcionamento duma apreciável faixa dos concursos do mercado, dispondo de toda a informação referente àqueles que apoia e assessora, para além de lhe chegarem os protestos e os ecos da sua prática (pedidos de constatação, declarações de voto, artigos de opinião, etc.). Também será significativo conhecer objectivamente as razões dos concursos que a mesma não recomendou aos associados.

Todos estes dados ajudam a fazer a história crítica do desenvolvimento do processo, desde a própria escolha da modalidade, à análise dos elementos fornecidos aos concorrentes, com atenção especial à formulação do programa e às respostas aos pedidos de esclarecimento, que são seu complemento (verificando se as entidades convidadas para Júri tiveram ou não participação na feitura desse programa), até à constituição e nomeação do Júri e sua actuação (metodologia de avaliação adoptada, verificação da análise explícita e individual dos trabalhos

que proceda a avaliação comparativa, incluindo o tempo dedicado à avaliação das propostas), e ainda a verificação da realização da exposição.

Julgo que este material, devidamente tratado (não haverá um voluntário que aproveite o assunto para uma tese?) poderia reconstituir com objectividade o cenário da realidade interna dos concursos que, em contraponto com os seus resultados *públicos* – as propostas de solução – nos proporcionaria algumas pistas sobre os referidos factores intervenientes na sua prática, esses mais *privados*.

Para o Grupo de Trabalho de Encomenda da AAP, este estudo teria especial interesse, visto que estão em preparação propostas tanto a nível das modalidades dos concursos de concepção e da sua relação com a Directiva 92/50/CEE, como a nível da problemática da nomeação e responsabilização dos representantes da AAP em Júris dos concursos.

Mas o que talvez nenhuma modalidade, norma ou código conseguirá salientar, é que o que caracteriza um concurso é, antes de tudo, a oportunidade de troca intelectual, o pretexto de um processo crítico, que só acontecerá, se for assumido em todo o seu desenvolvimento a *prática da interrogação*:

Desde o *antes* do concurso, que deve constituir, para quem o promove, uma tomada de consciência da problemática que tem mãos, e portanto a etapa ideal para se fomentar a investigação e o diálogo com todos os intervenientes do processo; ao *durante*, que comporta, por um lado, o trabalho de concepção dos concorrentes e, por outro, o trabalho de opinião crítica dum júri; até ao *depois* com a apresentação pública das propostas, onde acabam por ser mostradas e avaliadas duas espécies de trabalho: o dos concorrentes e o do júri.

Esta última fase, a ser devidamente divulgada, representa um polo enriquecedor de conhecimento, cujo debate merece ser explorado principalmente a nível das Faculdades, visto criar a oportunidade dos alunos despertarem para a constatação da amplitude do processo criativo: *um programa – várias soluções*.

Quanto a mim, este espectro de influência, é o valor intrínseco que é específico dum concurso de concepção, afinal o que distingue da encomenda directa, onde tudo se passa a dois.

Só é de lamentar que, actualmente ele não esteja a ser fomentado entre nós...

Concurso Público

para a Elaboração do Projecto Ampliação da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Enquadramento do Concurso

A ampliação da Faculdade de Direito constitui uma intervenção num dos três edifícios que, no final dos anos 50, ajudou a materializar, em conjunto com a Reitoria e a Faculdade de Letras, a ideia e o plano da Cidade Universitária de Lisboa – um “campus”.

De então para cá, e até metade da década de 70, a Cidade Universitária foi palco de importantes mutações culturais e políticas, não sendo, contudo, alvo de transformações que lhe alterassem a imagem.

É na segunda metade dos anos 70 que é elaborado um plano de conjunto para a Cidade Universitária por forma a organizar quer a instalação de novas unidades de ensino quer a prever e a disciplinar a ampliação das existentes – a universidade como “parte de cidade”.

A influência deste plano, não aprovado nem explicitamente adoptado, foi pontual.

Com ele, também se procurava um traçado regulador de todo o sistema viário definindo e equipando

os espaços livres urbanos.

Durante os anos 80 e 90 são projectados e realizados um vasto conjunto de edifícios que ocupam, nalguns casos, localizações ainda disponíveis do plano inicial dos anos 50 e, noutros casos, implantações definidas no plano dos finais dos anos 70.

Conjuntamente, estas intervenções concretizam, com a sua construção, um plano concreto e paragmático da actual Cidade Universitária de Lisboa.

É neste contexto que surge o concurso para a ampliação da Faculdade de Direito. Trata-se, pela primeira vez, de uma intervenção num dos três edifícios que constituem as pedras angulares do plano da Cidade Universitária tal como foi concebido nos anos 50.

As intervenções e construções posteriores foram comentando o plano e a sua arquitectura, diminuindo o impacto mas preparando as condições, de programa, de pedagogia, de arquitectura, para uma intervenção como a do concurso de ampliação.

ção da Faculdade de Direito.

Os projectos apresentados a concurso dão testemunho do caminho percorrido deste então, e no "regresso" à Cidade Universitária e ao local da Faculdade de Direito, as gerações mais novas, na generalidade dos seus projectos, dão testemunho do que as separa do edifício existente e da importância das suas propostas.

Aspectos gerais e mais salientes no conjunto dos trabalhos

Os projectos apresentados a concurso constituem um raciocínio amplo, diversificado, tendo por base o Programa Preliminar, sobre o edifício e a Faculdade de Direito.

Programa Preliminar e edifício existente são os pontos de partida comuns às quase quatro dezenas de soluções apresentadas.

Natural, portanto, que existam afinidades entre grupos de projectos, mas também diferentes e divergentes juízos sobre o existente, com soluções de arquitectura distintas na resposta ao Programa Preliminar e na forma e significado das soluções.

Relativamente ao Programa Preliminar a posição dos concorrentes divide-se: os que o aceitam, por ser completo e exustivo, os que o criticam, por exagerado na sua definição e nas indicações distributivo-funcionais, o que ameaçaria, eventualmente, a capacidade de proposta e de inovação no projecto de ampliação.

Um risco, afinal, sempre inerente à elaboração de um Programa Preliminar razoavelmente completo e preciso nas áreas funcionais.

No conjunto dos trabalhos regista-se, na generalidade, o cumprimento do Programa Preliminar; quando se verificam alguns desvios, nomeadamente nas áreas funcionais, são imputáveis, em muitos casos, às opções morfológicas e consequentes aspectos distributivos.

Dois aspectos merecem ainda referência.

Por um lado, a indicação programática da continuidade dos percursos entre o edifício existente e o edifício novo; por outro lado, o comentário, com o projecto novo de ampliação, ao edifício existente e à sua específica carga ideológica, cultural e de ideia de arquitectura.

O primeiro aspecto levou, em muitos casos, à consideração das ligações pedidas como percursos técnicos, de resposta estritamente funcional, sem

o necessário e desejável comprometimento arquitectónico, afectando, com isto, a qualidade de toda a solução. Noutros casos, a ligação mereceu um tratamento com forte capacidade estruturadora de toda a solução – trazida, por exemplo em ligações desde o átrio principal actual, por sob o auditório do 1º ano, até ao nível térreo a sul onde, em muitos casos, o átrio da nova biblioteca constitui a articulação entre existente e novo. O que provou, mesmo neste propósito, que a indicação do Programa Preliminar não vinculava a solução, permitindo até desenvolvimentos surpreendentes.

O comentário e crítica ao edifício existente é feito com dois suportes: os textos – a Abordagem Crítica ao Programa Preliminar e a Memória Descritiva – e o próprio projecto.

As posições escritas, com poucas excepções, consideram que o edifício existente deva permanecer intocável na sua individualidade; a proposta, nestes casos, passa por acostar e ligar ao existente a nova ampliação. Raramente se formulam juízos de valor que conduzissem, para além do que o Programa Preliminar pedia, a uma reformulação da arquitectura do edifício existente e/ou integrá-lo num novo todo que, modificando-lhe partes e relações lhe subvertesse a utilização e significado.

A posição face ao actual edifício da Faculdade é, em regra, legível na arquitectura proposta para a ampliação: uma arquitectura que não assume compromissos técnicos ou formais com o pré-existente.

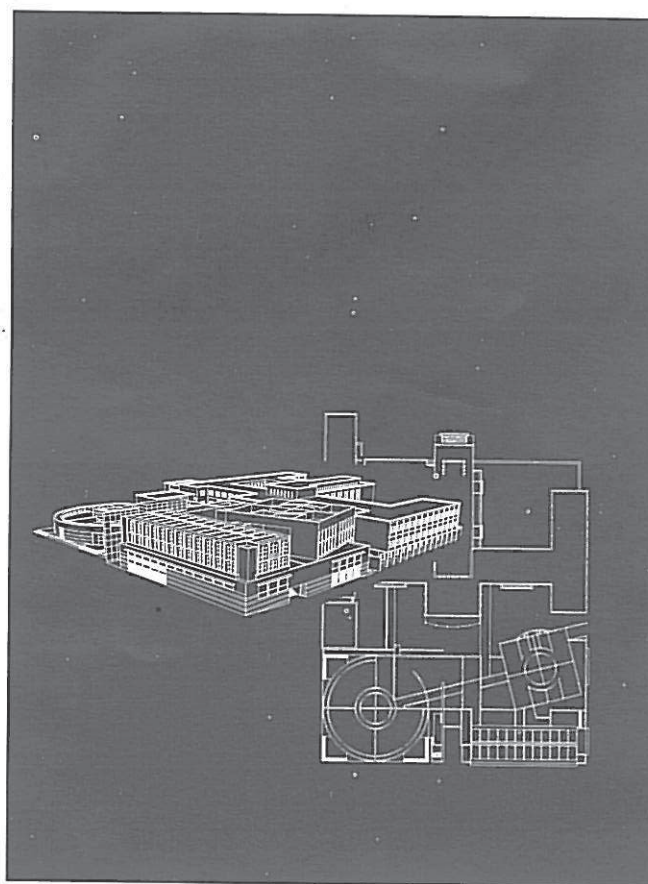
O lapso de tempo decorrido entre o projecto de Pardal Monteiro e a oportunidade de intervenção de agora, foi preenchido por um amplo debate e experimentação da arquitectura, confrontada com um período de fortes mutações sociais, económicas, políticas e culturais. O que explica que hoje, ao projectar-se sobre a Faculdade de Direito, se sinta, na quase generalidade dos concorrentes, um distanciamento histórico que não obriga a fazer contas, porque se dão como já feitas.

Ao carácter unitário da Faculdade projectada por Pardal Monteiro, respondem hoje os projectistas com uma multiplicidade de linguagens e referências, que se traduzem, regra geral, por uma ampliação decomposta em vários edifícios, com expressão e definição diversificadas que conferem à ampliação não tanto uma forma, mas muitas, como se tratasse do acostamento plural, no tempo, de várias vontades e estilos.

1º Prémio

Rui Barreiros Duarte
Ana Paula Pinheiro

Colaboradores Mónica Francês de Matos, Carlos Alberto Cruz, Filipe de Melo Catalão **Modelação Tridimensional** RIIIC – Projectos de Arquitectura, Lda. **Estrutura** Jorge Chaves Gomes Fernandes **Inst. Eléctricas, Mecânicas e Segurança** Anselmo M. Lourenço, António Manuel Alho Martins, António Sequeira Santos **Águas, Esgotos e Gás** Rui de Carvalho Serpa dos Santos **Arranjos Exteriores** Júlio Carlos dos Santos Moreira



A zona da Cidade Universitária onde se insere a Faculdade de Direito, corresponde a uma estrutura urbana e a uma linguagem arquitectónica que prolongava a esteticização do regime formalmente estabilizada nos anos quarenta.

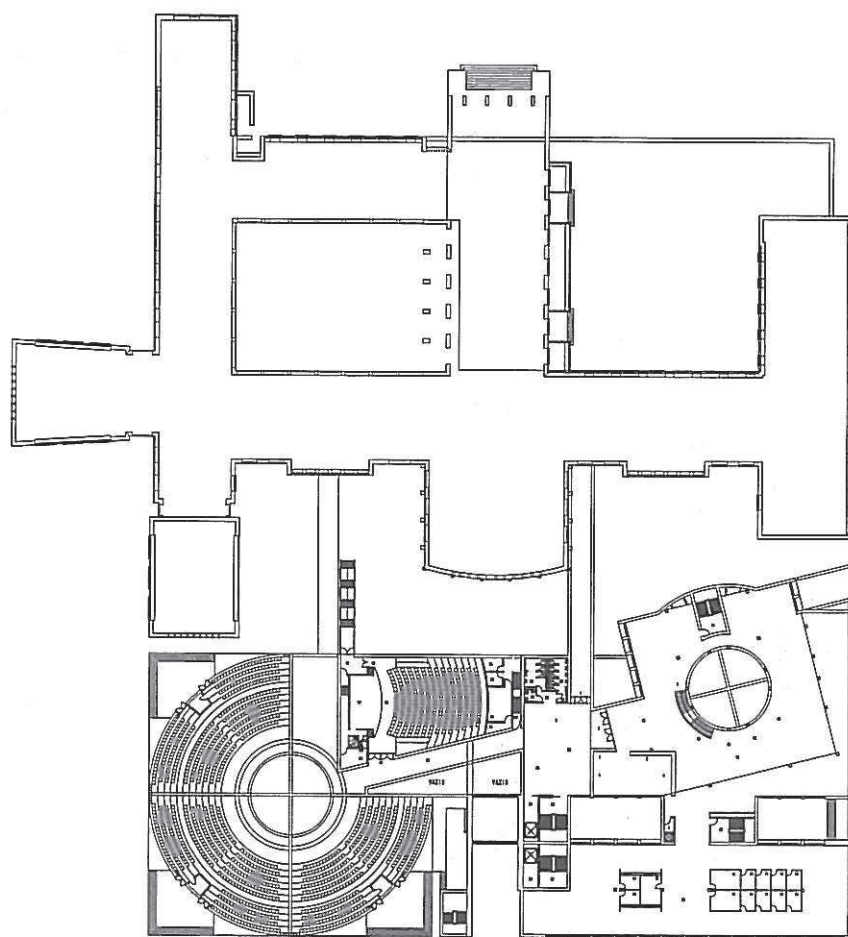
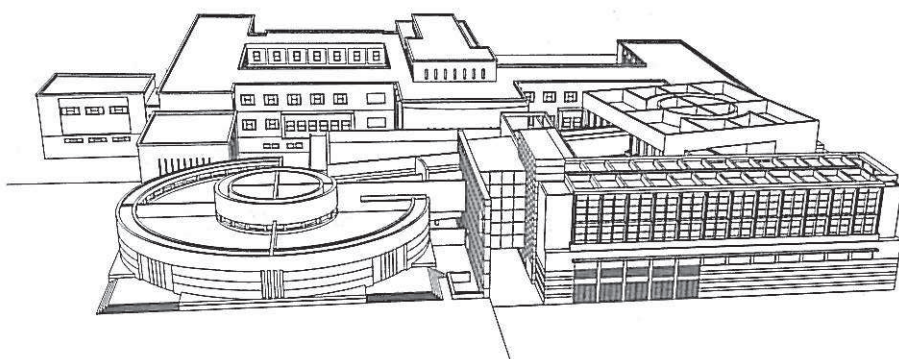
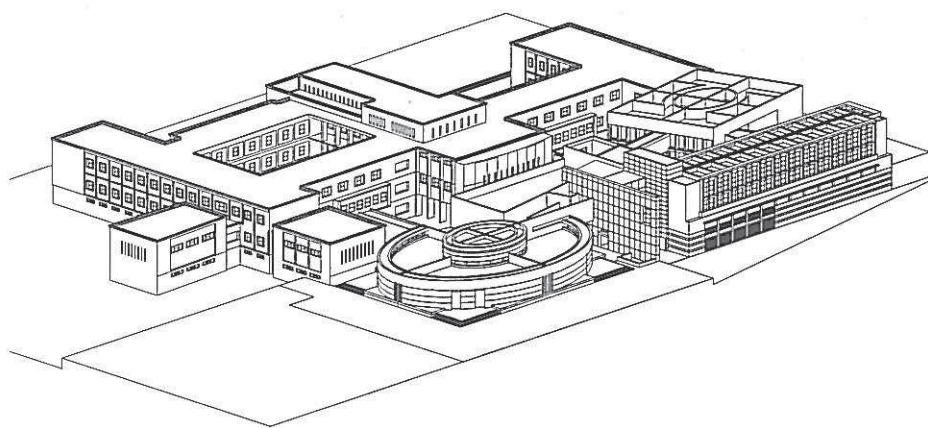
A noção de distanciamento e hierarquia é traduzida por uma escala urbana e arquitectónica que propunha uma encenação do poder.

A democratização da sociedade possibilita a existência de arquitecturas, com soluções mais intimistas e humanizadas, incentivando a sua apropriação por parte dos utentes. A criação de espaços que facilitem o encontro, funcionam como agentes geradores de um salutar convívio e indutor da troca de ideias.

Assim, como alternativa complementar ao eixo da composição urbana existente, é proposta uma nova frente que dinamizará e articulará o espaço intersticial existente entre as outras Faculdades existentes na zona.

A proposta para o novo edifício que amplia a Faculdade de Direito é assumida como tendo uma valência idêntica ao edifício existente, tendo como contraponto à entrada actual uma outra, sugerida por um plano ortogonal em relação ao actual edifício que progressivamente deixa ler os diversos espaços distribuidores com a capacidade de criarem alternativas de uso por diversos tipos de utentes e em horários diversificados, possibilitando o controlo desses espaços sem devassamento dos restantes. Um conjunto de pátios ilumina controladamente todo o edifício, que se liga por duas galerias em diferentes níveis ao existente, deixando ler a relação temporal das épocas em que foram construídos, buscando relações geométricas e altimétricas entre si.

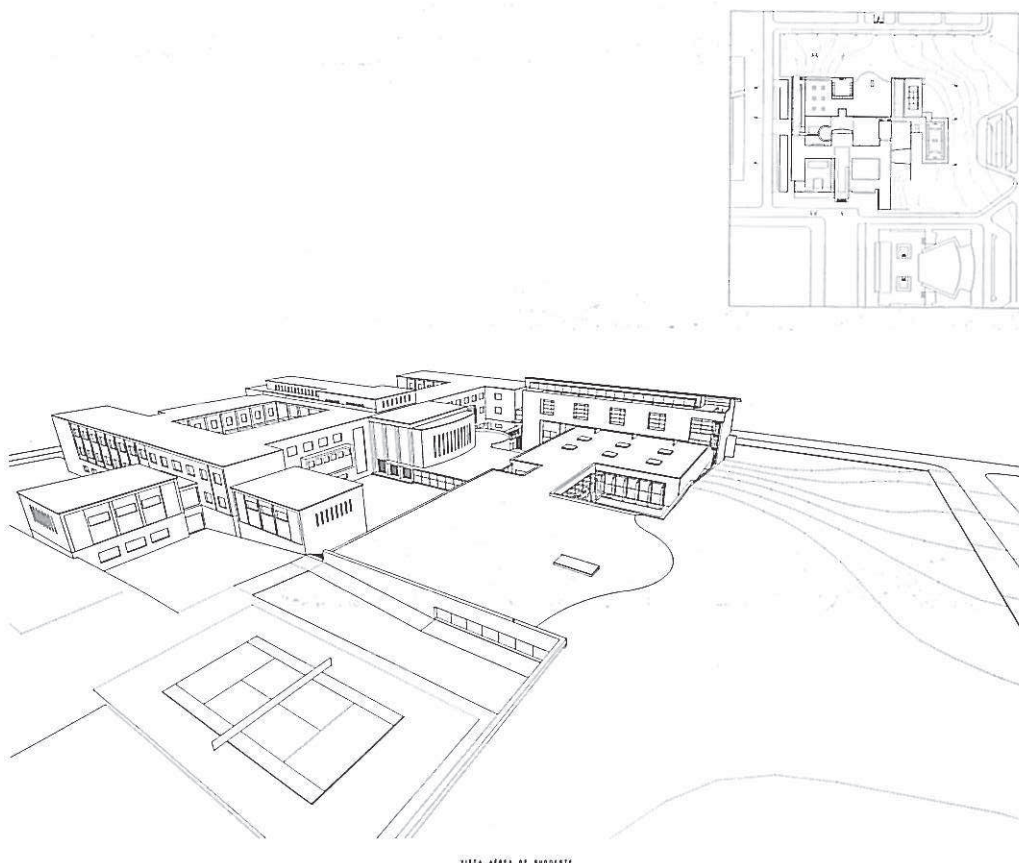
O eixo diagonal que decorre do prolongamento da Rua Dr. João Soares e que secciona a Faculdade de Psicologia sendo prolongado como percurso pedonal, cria no desenho do novo Edifício da Faculdade de Direito um eixo paralelo que articula duas formas platónicas – cilindro e cubo – existindo em tensão com o actual edifício.



2º Prémio

**José Soalheiro
Teresa Castro
A. Paula Calheiros**

Localização Lisboa – Cidade Universitária Soluções Construtivas João Appleton Fundações e Estruturas João Appleton – António Costa
Inst. Equip. Eléctricos Silvino Maio- Lacerda Moreira Segurança Integrada Ferreira de Castro Inst. Equip. Mecânicos Serafim Graña Inst.
Equip. Águas e Esgotos Serafim Graña Arranjos Exteriores Hipólito Ponce Leitão Bettencourt Consultor em Acústica e Térmica Canha
da Piedade Construção 12 000 m2



Este estudo surgiu na sequência de um concurso público promovido pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, com o objectivo de implementar a construção de um novo auditório, uma biblioteca, três anfiteatros, gabinetes de professores e novos espaços para a Associação de Estudantes, num total de 12000 m2 de área de construção, dos quais 2500 m2 afectos a estacionamento coberto para 100 viaturas.

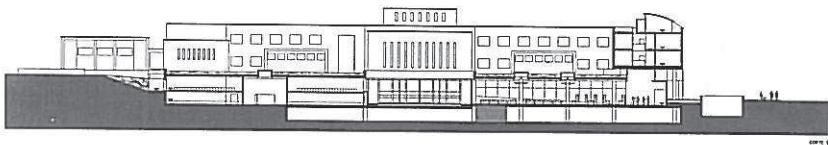
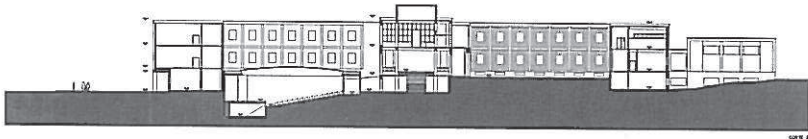
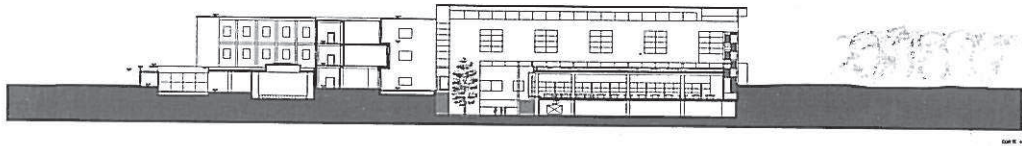
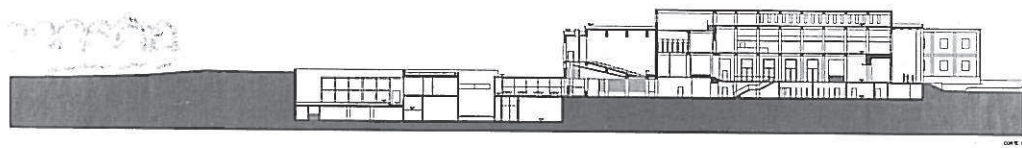
Integrado na alameda da Cidade Universitária de Lisboa, e edifício da Faculdade de Direito, juntamente com o da Reitoria e com o da Faculdade de Letras, forma um conjunto arquitectónico datado, um referencial importante da Arquitectura Portuguesa dos anos 50. A exemplo de outras obras de Estado do período do pós-guerra, a Cidade Universitária rege-se por Cânones de referenciais clássicos: enquadramentos perspectivísticos longos; Preponderantes eixos de simetria; Eixos referenciais de composição convergentes num ponto de fuga central, determinantes, pelos enquadramentos perspectivísticos, para a *sobrevalorização da escala* dos edifícios.

A inserção da Faculdade de Direito neste conjunto, o seu desenho e escala foram determinantes para a selecção dos parâmetros definidores de uma metodologia de intervenção. Inicialmente com uma só frente o edifício voltava-se unicamente para a alameda, sendo a partir desta que se efectuavam todos os acessos. Com a construção da Faculdade de Psicologia e a abertura do primeiro lanço da via nascente, opera-se a primeira de várias alterações aos pressupostos originais. Era pois importante actuar sobre essa frente no sentido de a dotar de uma lógica urbana, pela reconversão e hierarquização do que antes era apenas um alçado lateral de um edifício isolado.

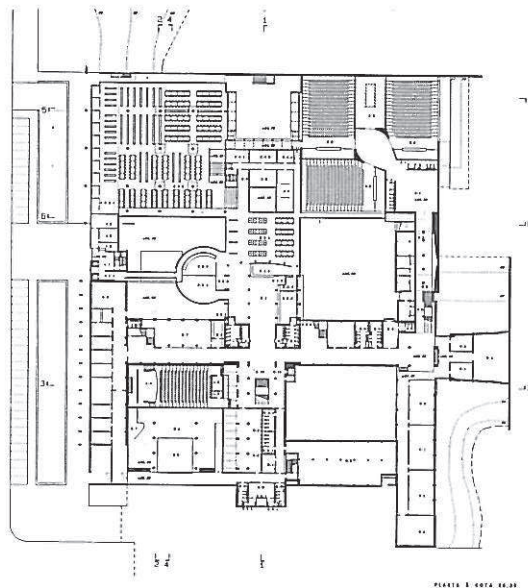
Em termos de infraestruturas viárias de aproximação ao edifício, uma única via desempenha esse papel: a Alameda. Nela convergem todos os fluxos viários dirigíveis às Faculdades e nela se concentram igualmente as bolsas de estacionamento exterior. Esta realidade tende no entanto a ser alterada pela abertura da via Nascente, actualmente segunda frente da Faculdade de Psicologia e futuro acesso principal à Extensão da Faculdade de Medicina Dentária.

A envolvente próxima, em termos de estrutura verde, caracteriza-se por uma ampla zona de mata, a sul do edifício e, nas suas franjas, por espaços intersticiais não consolidados, fruto da ausência de um plano definidor de uma estrutura exterior globalizante.

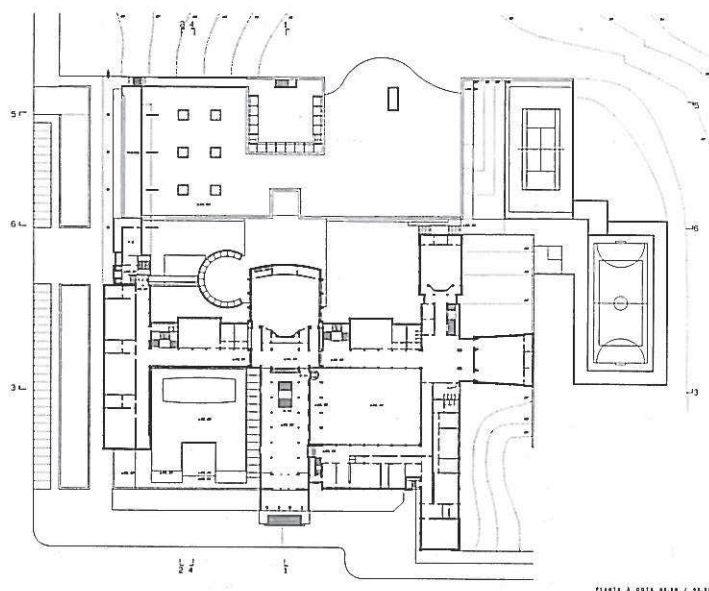
Os arranjos exteriores caracterizam-se por tipologias diferenciadas e formam com a proposta, um enquadramento paisagístico global. A génese e os pressupostos projectuais da proposta passavam pela filosofia de alterar inequivocamente o carácter de traseiras do actual edifício, enaltecendo-lhe os atributos formais pela utilização de uma ampla superfície de espelho de água, poderoso filtro virtual da imagem. O edifício passaria a ter uma nova frente, a Sul, não por lhe ser alterada a fachada nem tão pouco por passar a ocultar-se por trás de novas construções *mas antes por poder mostrar-se de outra forma*. Todo o espaço exterior a Sul era intencionalmente tratado não como uma frente de carácter urbano mas como um potencial paisagístico, contributo valorativo de actividades de lazer e recreio, capazes de dinamizar e recuperar uma zona de mata subvalorizada pela falta de um suporte eficaz.



PLANTA COTA 86.30



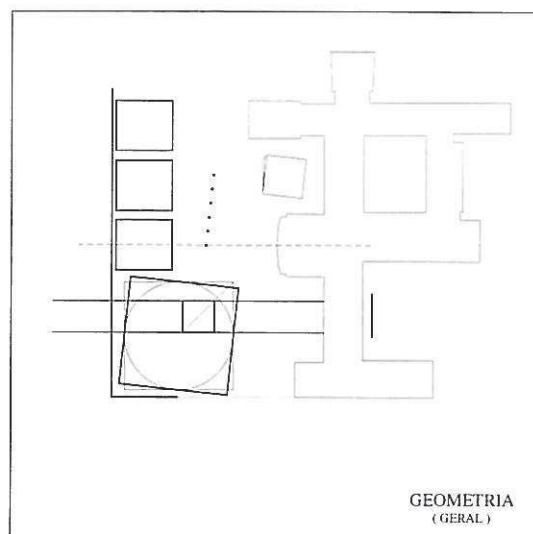
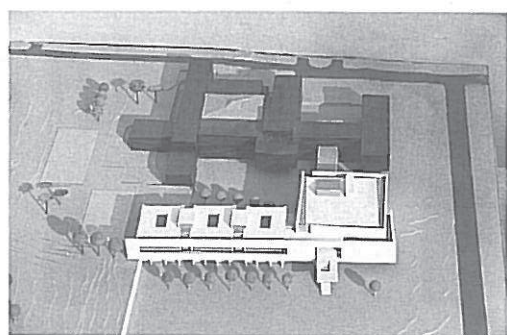
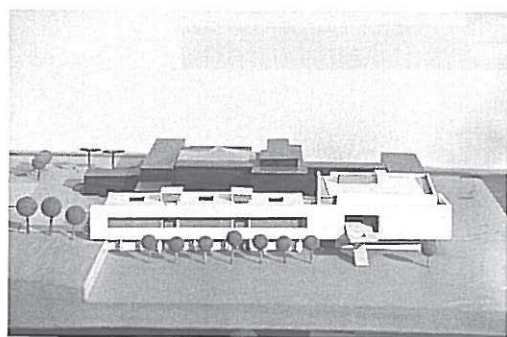
PLANTA COTA 89.60/90.80



3º Prémio

Arquitrave, Arquitectos Associados, Lda.

Arquitectos João Torres Campos (coordenador), Manuel Deyrieux Centeno, Pedro Reynolds de Sousa, Filipe Carneiro, Édila Siqueira, Rafael Santorum, Estrutura Pecnon, Gabinete de Estudos e Projectos, Lda., Águas e Esgotos Sanágua, Estudos e Projectos de Engenharia, Lda. Instalações Especiais Marobal, Gabinete de Estudos e Projectos de Instalações Especiais, Lda. Paisagismo Arqº Alvaro Manso



A intervenção objecto do concurso, localiza-se na Cidade Universitária de Lisboa, e constituirá a futura expansão da actual Faculdade de Direito.

O edifício existente em conjunto com a Reitoria e a Faculdade de Letras, fazem parte de um significativo grupo de edifícios notáveis projectados e construídos na Capital em meados do século.

Com carácter sóbrio e austero o actual edifício, responde cada vez com maior dificuldade ao número crescente de alunos e às novas solicitações tecnológicas (banco de dados, informatização de serviços e documentos, comunicações, etc...).

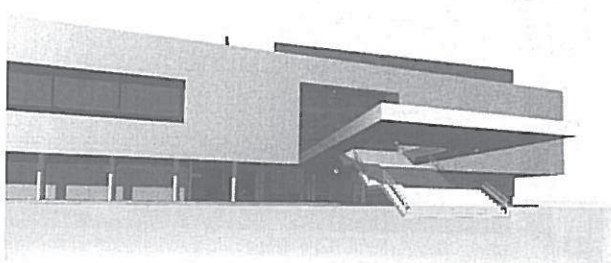
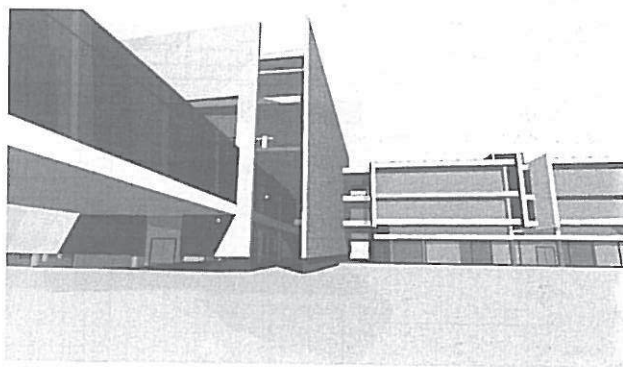
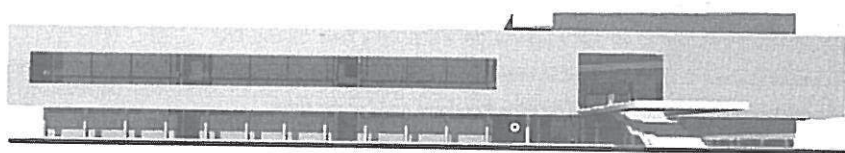
Por estas e outras razões, decidiu a Faculdade criar novas áreas no terreno adjacente a Sul, nomeadamente a Biblioteca (elemento basilar na Universidade), um novo conjunto de anfiteatros e gabinetes de trabalho para docentes e um moderno auditório.

Analisado o local, analisado o edifício existente a Norte e analisado o envolvente, criámos/projectámos um objecto/edifício que por um lado responda cabalmente ao programa estabelecido e por outro reflita as nossas opções arquitectónicas e tecnológicas.

Não minorámos o problema da integração dos dois edifícios, mas optámos apenas pela relação volumétrica, estabelecendo-se entre eles um diálogo cúmplice, reforçado por duas ligações físicas que apenas "tocam" os edifícios.

A nova construção é constituída basicamente por dois volumes que se interceptam, o primeiro transparente rectangular (gabinetes e anfiteatros) orientado de Nascente para Poente e o segundo opaco e quadrangular (biblioteca) que se deslocou dos eixos predominantes e que assim reforça a sua condição de paradigma.

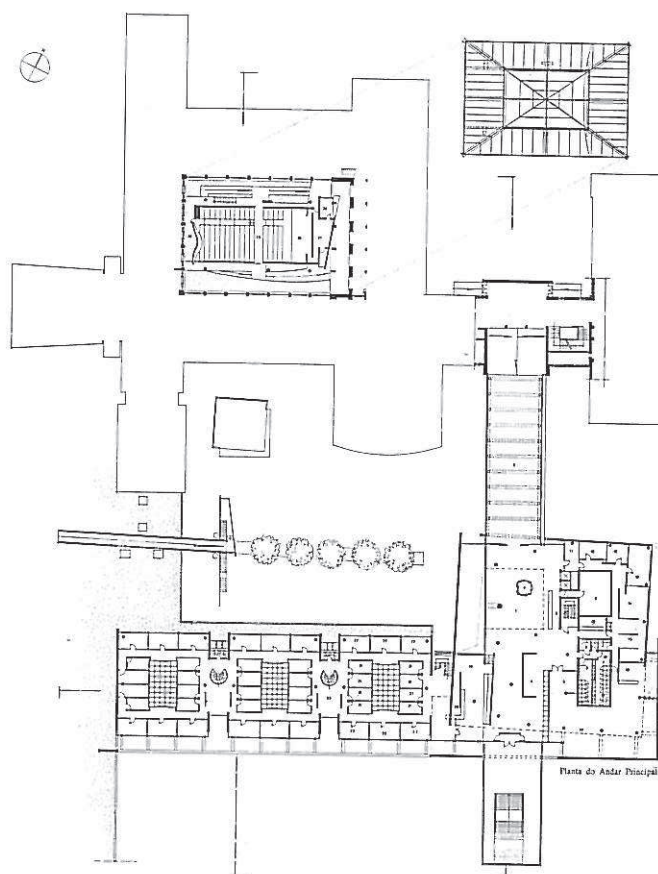
A tensão geométrica estabelecida entre os dois prismas, pretende equilibrar o conjunto construído da Faculdade, que com o novo edifício a Sul, se desequilibrou ligeiramente.



- BIBLIOTECA**
- 1- Átrio
 - 2- Zona de Exposição
 - 3- Balcão
 - 4- Ficheiros
 - 5- Fotocópias
 - 6- Vestiário
 - 7- Inst. Sanitárias - Mulher
 - 8- Inst. Sanitárias - Homem
 - 9- Inst. Sanitárias - Crianças
 - 10- Armários
 - 11- Sala de Espera
 - 12- Serviço de Direcção e Gestão
 - 13- Sala de Reuniões
 - 14- Secretaria
 - 15- Zona de Tratamento Documental
 - 16- Montagem de Livros
 - 17- Zona de Leitura Informal
 - 18- Sala de Software Diversificado

- GABINETE DOS DOCENTES**
- 19- Átrio- Sala de Espera
 - 20- Secretaria
 - 21- Gabinetes Individuais
 - 22- Gabinetes Triplex
 - 23- Zona de Convívio
 - 24- Inst. Sanitárias

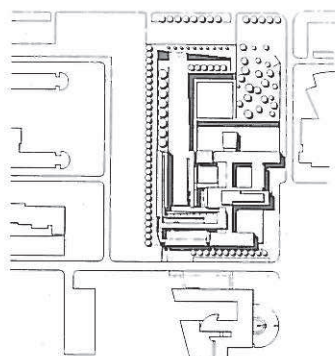
- AUDITÓRIO**
- 25- Auditório
 - 26- Palco
 - 27- Área de Apoio
 - 28- Cabine de Projectão
 - 29- Vestíbulo



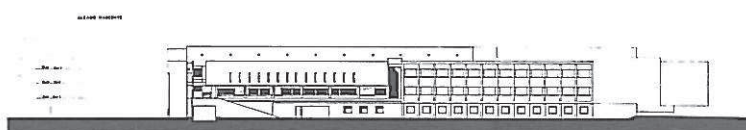
Planta do Andar Principal

Menção Honrosa
Coimbra Neves
Gonçalo Próspero
Cristina Coimbra Neves

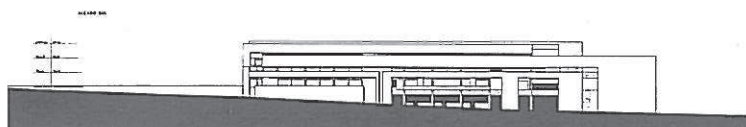
Colaboração Arq. Teresa Sousa Estruturas e Fundações Gesbau, Eng. João Durão Inst. Equipamentos Eléctricos e Telef. Gesbau, Eng. António Varandas Instalações e Equipamentos Mecânicos Gesbau, Eng. António Matias Instalações e Equipamentos de Águas e Esgotos Gesbau, Eng. Eduardo Sousa Segurança Integrada Gesbau, Eng. António Matias Arranjos Exteriores Arq^a Coimbra Neves



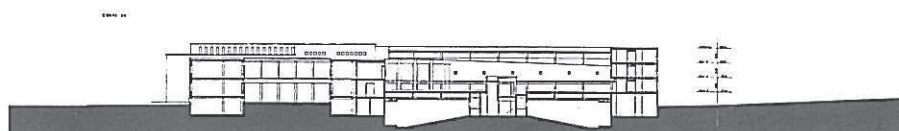
CORTE GH



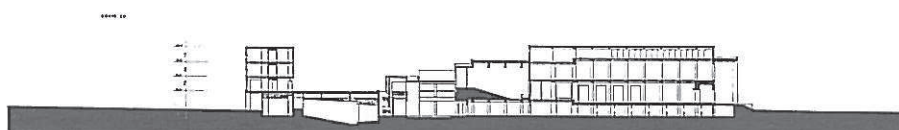
ALÇADO NASCENTE



ALÇADO SUL



CORTE AB



CORTE CD



CORTE EF

A composição abrangida como um todo sinóptico é uma das características mais importantes da concepção da peça arquitectónica, conferindo-lhe um estatuto de unidade.

Tendo por base esta "coordenada", sem de alguma forma menosprezar o facto de se tratar de um projecto de ampliação, procedeu-se à concepção desta proposta elegendo como princípios ordenadores: uma organização volumétrica simples e clara, e um conjunto de elementos geométricos que fazem parte constituinte do edifício da Faculdade e desenho urbano local.

Da análise das direcções dominantes existentes, resultou a eleição dos eixos orientadores da expansão proposta que conta ainda com duas ordens de elementos:

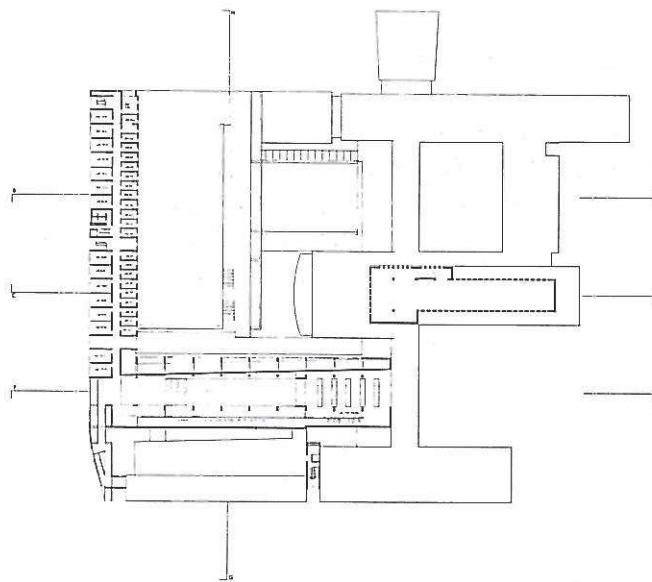
Os interiores de que se destaca o átrio da Faculdade e os dois pátios laterais.

Os exteriores em que se realça o prolongamento para poente com desenvolvimento perspectivado da Praça; a possibilidade de atravessamento do edifício de Nascente para poente; e o prolongamento da Rua Dr. João Soares assinalado pela geometria estrutural do novo edifício.

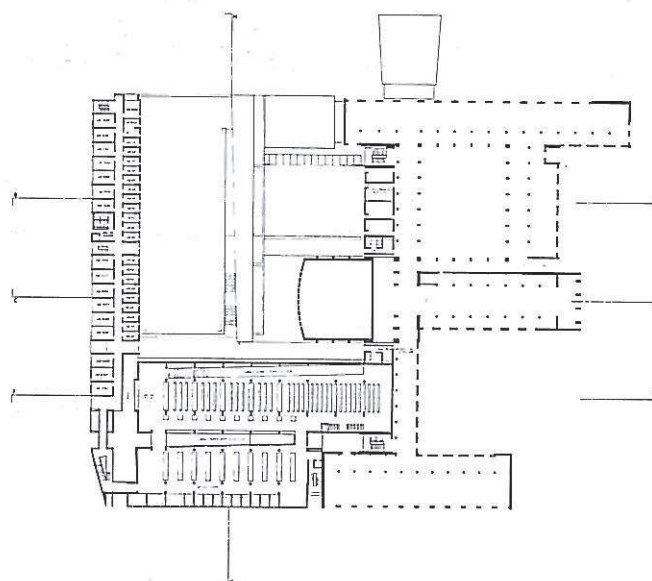
Assente nestes elementos conceptuais do espaço da Biblioteca, contrapõe-se o corpo dos gabinetes dos docentes sobre a negação do volume dado ao conjunto dos anfiteatros, que aparecem abaixo do plano de referência local, libertando um claustro de reclusão moderada como expansão do primeiro.

O envolvimento que se faz ao edifício existente responde à exigência de lhe dar uma referência tridimensional, num espaço exterior em evolução por oposição ao binómio Frontaria-Resto do Edifício que parece ter regido a concepção inicial.

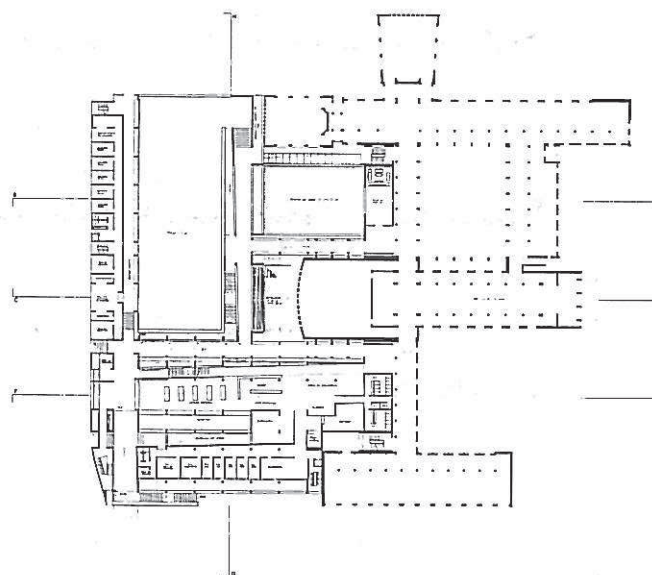
PLANTA PISO 3



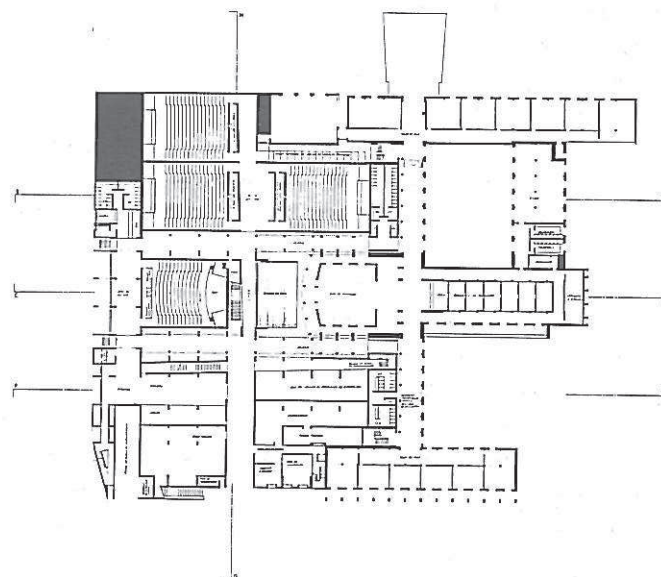
PLANTA PISO 2



PLANTA PISO 1



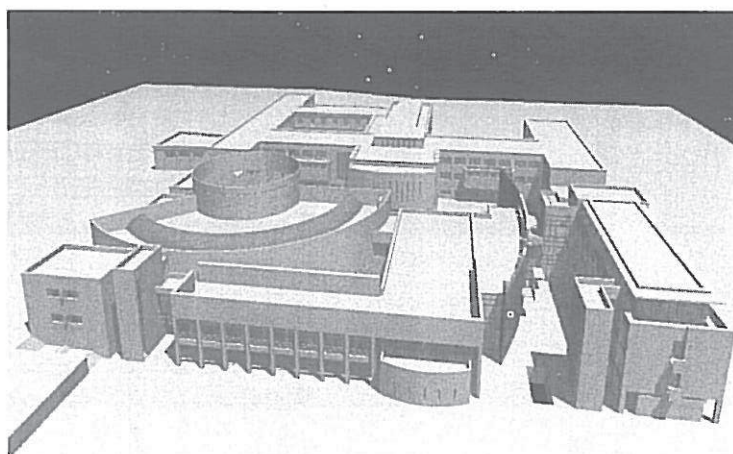
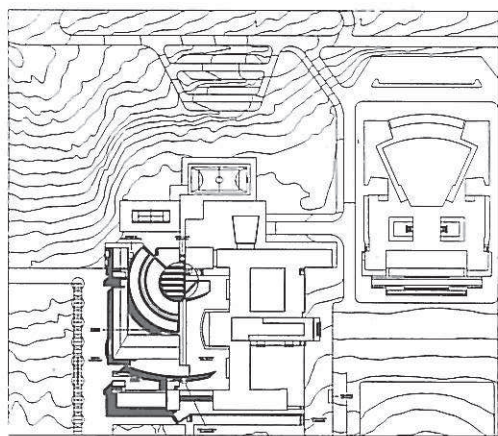
PLANTA PISO 0



Menção Honrosa

João Paciência

Colaboração Pedro Ferreira, Sofia Morgado, Alexandra Duarte, Fernando Mota Fundações e Estrutura Neoconsul - Engº Fernando da Silva
Neto Inst. Equipamentos Eléctricos e Telecomunicações Engº Fernando Lacerda Cruz Inst. Equipamentos Mecânicos Engº Francisco
Santos Loureiro Inst. Equipamentos Águas e Esgotos Engº Francisco Santos Loureiro Segurança Integrada Engº Fernando Lacerda Cruz
Arranjos Exteriores Arqº Paisgº Isabel Caetano Ferreira



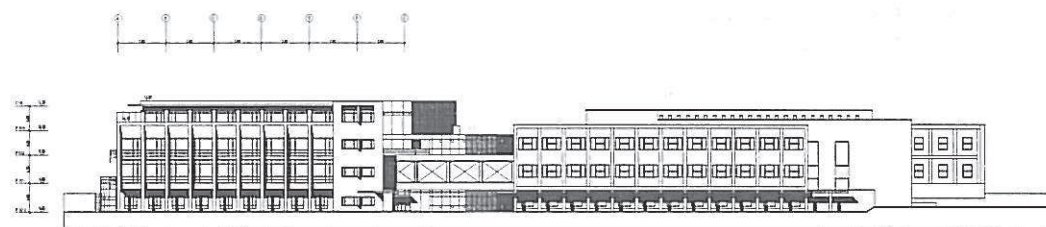
A leitura do programa e visitas sucessivas e atentas ao sítio, levaram-nos a propôr um conjunto de formas articuladas que, no seu todo, permitissem por um lado uma leitura unitária que ajudasse ao "fechamento" do quarteirão classicizante então interrompido, mas que ao mesmo tempo que se continua a fachada Nascente com o mesmo alinhamento e métrica do edifício existente, se liberta e permite uma composição mais variada do lado Sul, deixando afirmar com alguma autonomia conjuntos de espaços com a mesma identidade.

Esta abordagem permite assim a criação de espaços muito variados (quer interior, quer exteriormente), autonomizando os três grandes grupos fundamentais do programa, a saber: Gabinetes de Professores, Biblioteca e Anfiteatros / Sala de Práticas.

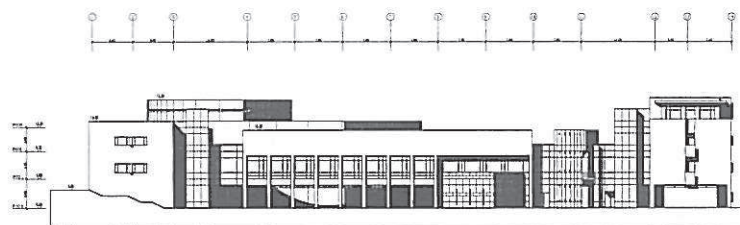
Cada um destes grupos garante acesso independente (como era solicitado), colocando os Anfiteatros junto dos já existentes (canto Sul-Poente), a Biblioteca no miolo mas no piso superior e os gabinetes de Professores no seguimento do edifício a Nascente, de molde a poder ter luz natural em ambas as fachadas, e uma tranquilidade derivada do seu absoluto isolamento.

Esta composição global assim conseguida, respeita escrupulosamente a área de intervenção que era sugerida no programa, e baseia-se também na ideia de rectificar o percurso lateral nascente, que começa no canto Norte-Nascente do edifício existente (onde existe aliás já sedimentada uma paragem de transportes públicos muito utilizada), e vai cruzar-se com o percurso posterior da Faculdade de Psicologia que assim também, ganhará maior consistência funcional.

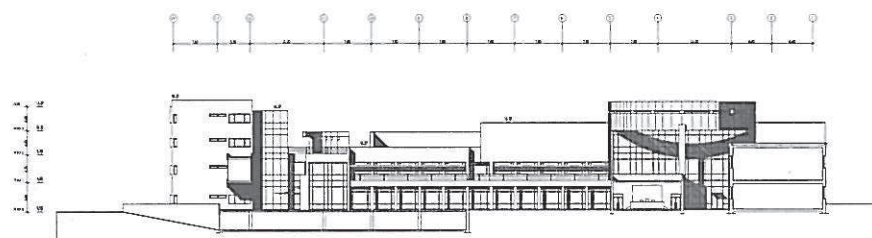
A entrada principal de peões para este novo conjunto, situa-se lateralmente, no ponto de arranque do novo edifício dos gabinetes dos Professores, e é enfatizada por uma galeria superior de ligação que virá a unir o topo Sul do existente com o novo edifício.



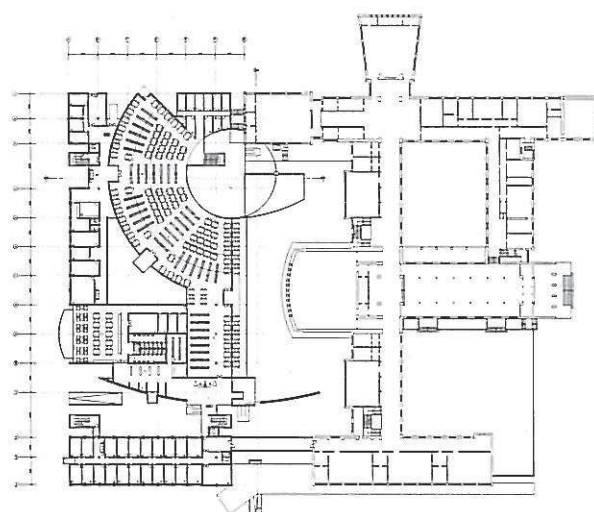
ALÇADO NASCENTE



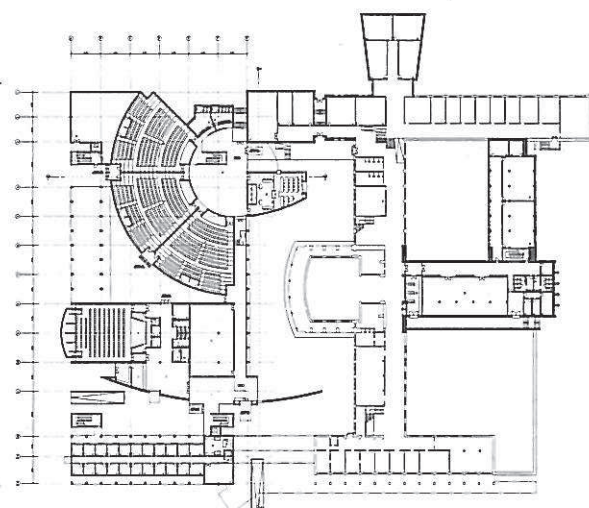
ALÇADO SUL



CORTE AB



PLANTA PISO 1



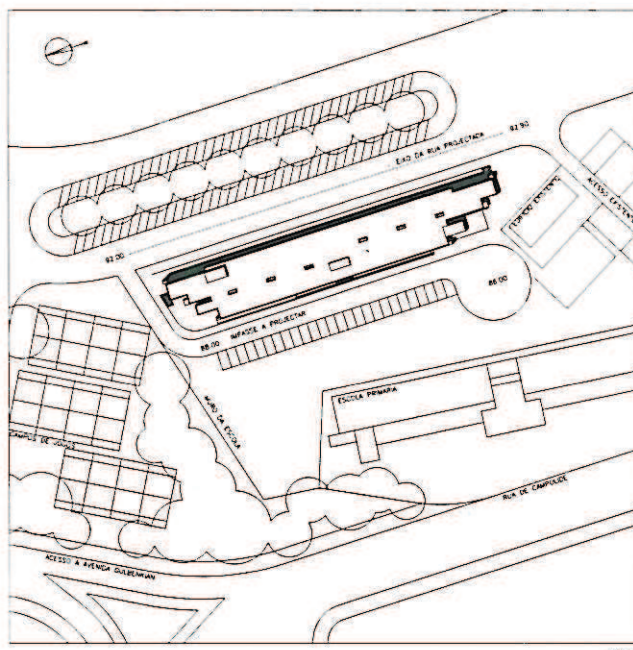
PLANTA PISO 0

Concurso Limitado para Elaboração do Projecto dos Edifícios da Residência Universitária de Campolide - Universidade Nova de Lisboa

1º Prémio

Alberto de Souza Oliveira
Júlio T. Saint-Maurice

Colaboração João Paulo Vasconcelos Ferreira, João Santos, Sofia Pinto Basto, João Cohen Fundações e Estruturas João Luís Nascimento Ferreira Instalações e Equipamentos Mecânicos José Vital Lacerda Teixeira Instalações e Equipamento de Águas e Esgotos João Carlos Paixão Estorninho Instalações e Equipamentos Eléctricos e de Telecomunicações Floriano da Conceição Ferreira Contreiras Arranjos Exteriores João Ferreira Nunes



1. Proposta Arquitectónica

A arquitectura proposta é a de um edifício "laminar" contido entre duas paredes que procuram resolver diferentes situações urbanas.

A primeira frente organiza uma fachada que se confronta, tal como um "muro", do lado da Faculdade de Economia, determinando um diálogo muito discreto c/ "campo aberto" que ali se organiza.

A segunda frente responde à abertura sobre a Av. Gulbenkian e ao Parque de Monsanto.

A proposta arquitectónica entende reforçar a assimetria das duas situações, desfazendo a totalidade da forma, através de dois "muros" que se libertam do solo.

Todo o edifício está como que "suspense", produzindo-se uma leveza que contraria o encaixe do edifício no terreno.

A contenção dos muros é sujeita, na solução proposta, a uma descontinuidade nos topos, uma vez que os dois muros deixam "escapar" uma "fragmentação" do interior, produzindo uma solução de acentuada plasticidade.

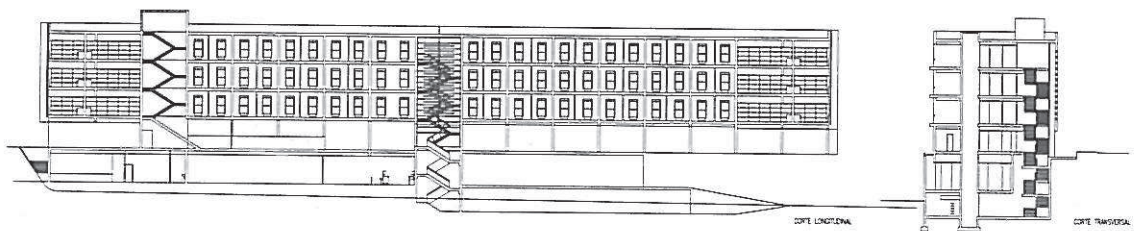
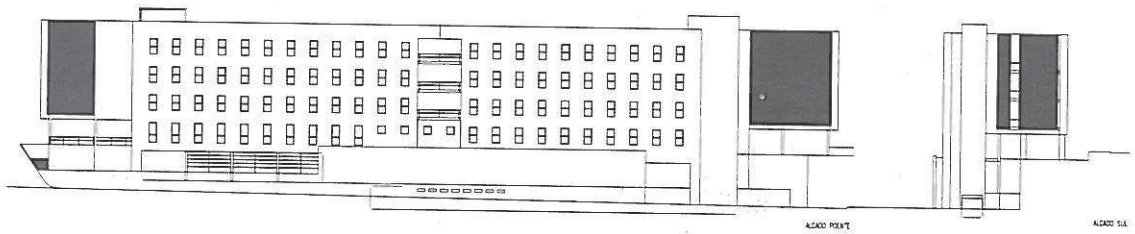
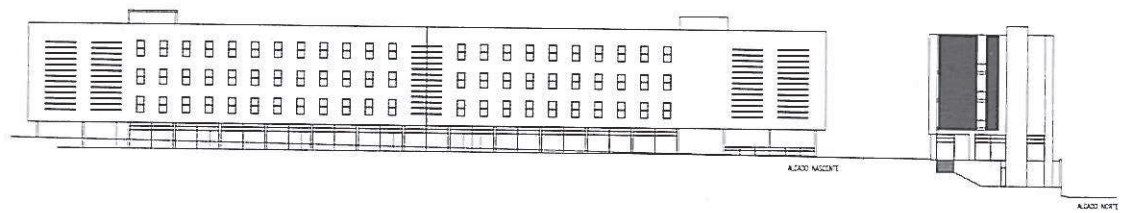
Foi intenção dotar o edifício desta clareza de imagem, conferindo-lhe a particularidade de uma habitação colectiva na cidade, com a capacidade de se tornar signficante na memória dos estudantes que nela venham a residir.

2. Distribuição Espacial

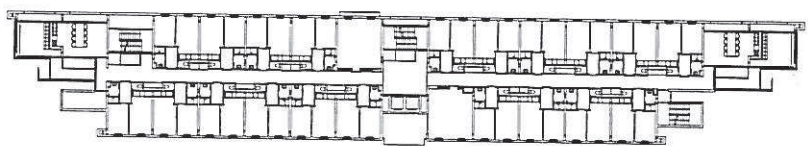
As orientações tomadas para a organização espacial da Residência tiveram em conta o Estudo Prévio e a inclusão da cantina solicitada posteriormente.

Resumem-se aquelas orientações aos seguintes itens:

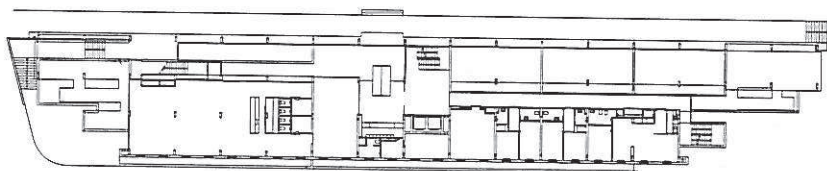
- 4.1 – Organização da Residência em duas alas – Norte e Sul, servidas por sistema de circulações verticais que permite o funcionamento do conjunto, ou o funcionamento em separado, daquelas alas.
- 4.2 – Átrio de Recepção e Serviços Administrativos ao nível do acesso principal e centrados em relação às duas alas.
- 4.3 – Sala de Convívio desdobrada em Sala de Televisão/Espera e Sala de Reuniões, posicionadas de modo a não interferirem no funcionamento dos quartos.
- 4.4 – Apartamento T1 do encarregado, localizado junto ao Átrio.
- 4.5 – Localização dos quartos em pisos superiores.
- 4.6 – Dois Apartamentos T2 localizados ao nível dos quartos em posição resguardada do movimento geral da Residência.
- 4.7 – Posicionamento das áreas de serviço com acesso exterior a partir do arruamento projectado a Poente.
- 4.8 – Cantina para cerca de 200 refeições com 2 turnos, com funcionamento independente da Residência Universitária, instalada em piso acessível a partir do arruamento Poente.



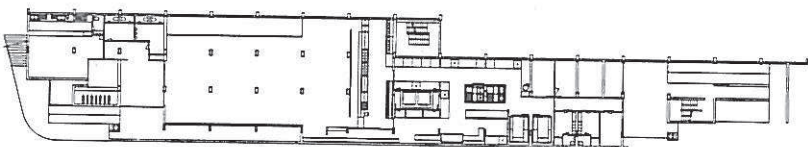
PISO 3



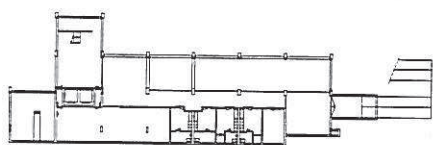
PISO 1 E 2



PISO 0



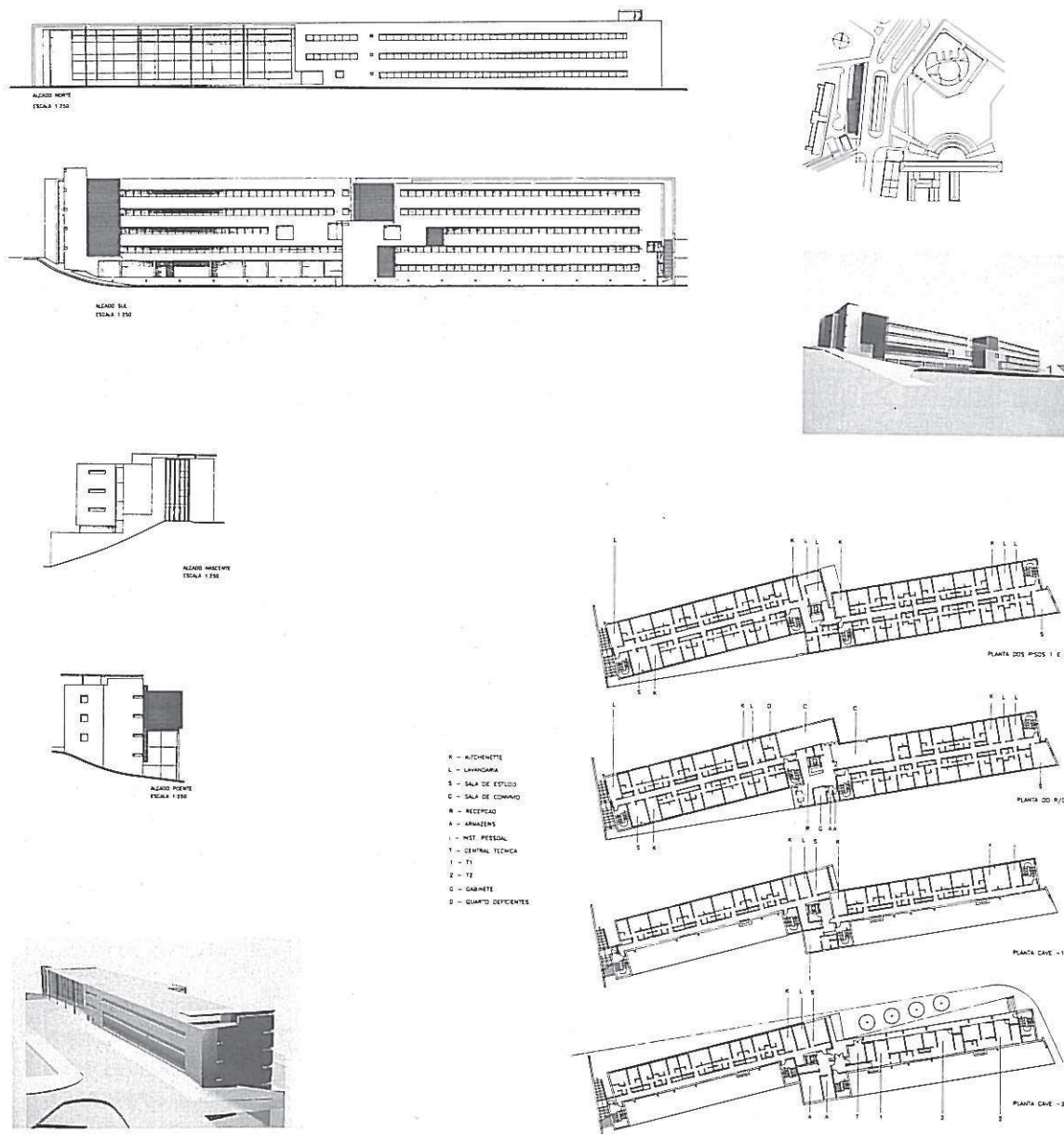
PISO -1



PISO -2

2º Prémio Miguel Arruda

Coordenação do Projecto Miguel Arruda, Fernando Martins, Fernando Mira Godinho, Jorge Pereira, Ana Miranda Santos Op. CAD Joaquim
Nave Estruturas Planear Instalações Eléctricas e AVAC Fase, Estudos e Projectos, S.A.



Introdução

A orientação do programa preliminar associada ao desenho do lote e morfologia do terreno, foram determinantes para a caracterização formal e funcional do edifício.

Assim, a forma paralelepípedica apontada no plano de pormenor a que supostamente correspondia o programa em causa deveria ser dividida em duas partes a que respondiam as alas A e B com autonomia de circulações e de gestão. Porém, como se tratava de um único edifício era forçoso relacionar essas duas alas através de um núcleo central (rótula) que respondia funcionalmente por determinados serviços comuns. Atendendo à inserção no local e nomeadamente ao relacionamento deste volume com a Faculdade de Economia com o qual embora em menor escala se pode identificar, observamos que ambas fazem um ângulo de 86 graus o que foi pretexto para fazer accionar a rótula por forma a que o volume A fizesse um ângulo de 90 graus com o edifício da Faculdade de Economia. Esta rotação do elemento A permitiu uma mais correcta inserção no tecido urbano pela sua intenção de relacionamento com o edifício da Faculdade de Economia e por outro lado sob o ponto de vista formal conferia outro dinamismo à forma paralelepípedica que inicialmente respondia pelo todo do edifício a construir.

Assumida esta orientação o projecto evoluiu no sentido de que o efeito de rótula desse lugar a uma interpenetração dos dois volumes.

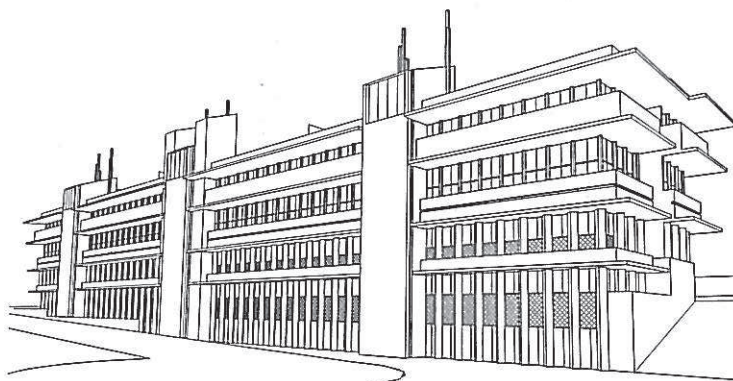
Cabia agora ao volume B pelo seu posicionamento em relação ao traçado viário assumir um papel de liderança em relação ao volume A que se traduziu pela rotação daquele sob uma pala existente na extremidade da qual A foi pivotado por forma a ficar perpendicular com o edifício da Faculdade de Economia.

Julgamos assim continuar suficientemente identificados com a forma originalmente paralelepípedica, decorrente do plano de pormenor e à qual, pela rotação produzida, procuramos conquistar um mais explícito relacionamento com a envolvente, uma melhor exposição solar e finalmente sob o ponto de vista formal conferir outro dinamismo à forma original.

3º Prémio

José Vaz Pires
César Barbosa

Colaboração Cristina Marques, Rosário Loureiro, Estela Brados Estabilidade Orlando Videira Electricidade Silvino Maio Águas e Esgotos
Orlando Videira Equipamentos Mecânicos António Lacerda Moreira Arranjos Exteriores Isabel Caetano Ferreira



O Terreno

O terreno disponível para a implantação da futura residência universitária da Universidade Nova de Lisboa em Campolide, situa-se junto ao edifício que alberga a Faculdade de Economia, antigo Colégio de Campolide e localiza-se a Poente deste. Com uma forte pendente a Sul/Poente o terreno possui uma forma rectangular com aproximadamente cem metros de comprimento por vinte de largura, o que condiciona à partida o tipo de intervenção assim como a concepção do objecto arquitectónico. Os acessos ao terreno são francos estando previstos no Plano Director vias em três dos lados do rectângulo.

A Solução

Se por um lado a cércea admitida para o local eram os três pisos, isto é, piso térreo mais dois pisos, levou-nos face ao programa proposto a ocupar a totalidade do terreno, até ao limite da Rua a norte perpendicular ao prolongamento da Travessa de Estevão Pinto, acesso principal, de momento à Universidade Nova, por outro tornou-se essencial tirar partido da forte pendente do terreno já referida. Assim, conseguiu-se responder cabalmente à totalidade dos requisitos do Programa do Caderno de Encargos, organizando as várias funções do edifício de uma forma funcional e lógica tanto ao nível do piso como em altura, procurando tirar o partido máximo de todos os aspectos inerentes ao tipo de edifício.

(...) Foi prevista a possibilidade de articular o edifício na utilização da totalidade, da sua capacidade ou não, através do núcleo central de acessos, que se localiza no seu eixo geométrico, de modo a permitir uma gestão da unidade que se adaptasse facilmente às necessidades.

A Distribuição Espacial e os Módulos Tipo

A disciplina modular foi a base do estudo em questão, quer ao nível do quarto individual, quer do quarto duplo, da instalação sanitária ou da kitchenette, passando pelos núcleos de acesso verticais ou do módulo estrutural o que conduziu a um esquema construtivo económico e de execução rápida e fácil.

Assim passamos a descrever os módulos base tipo que constituem a composição da Residência de Campolide:

1 – Módulo Quarto Individual/Quarto Duplo

Módulo estudado de forma a criar maior sociabilidade entre os estudantes e eliminando quaisquer conflitos nas suas actividades e interesses.

2 – Módulo Quarto Individual/Quarto Individual/Apartamento T1

Este módulo encontra-se numa área de maior privacidade e normalmente é reservado ao estudante em pós-graduação.

3 – Módulo Lavandaria/Kitchenette

Este módulo encontra-se numa zona mais movimentada (junto aos acessos verticais) e foi estudado de forma a poder ser frequentado em simultâneo por vários estudantes.

4 – Foram dimensionados e localizados nos r/c prevendo a ausência de barreiras arquitectónicas, os quartos para deficientes respeitando as normas em vigor.

O Edifício

O Edifício em estudo participa na definição da grande Praça proposta no Plano Director Universitário, insere-se a Poente onde participa no remate da grande área projectada e estabelece um diálogo com o Velho Edifício Jesuíta. Procuramos um pouco no Estudo Prévio em concurso uma integração quer ao nível da imagem austera quer ao nível dos materiais a utilizar, sem no entanto deixar de propor de uma forma devidamente estruturada um edifício com características urbanas de uma grande actualidade. (...)

Conclusão

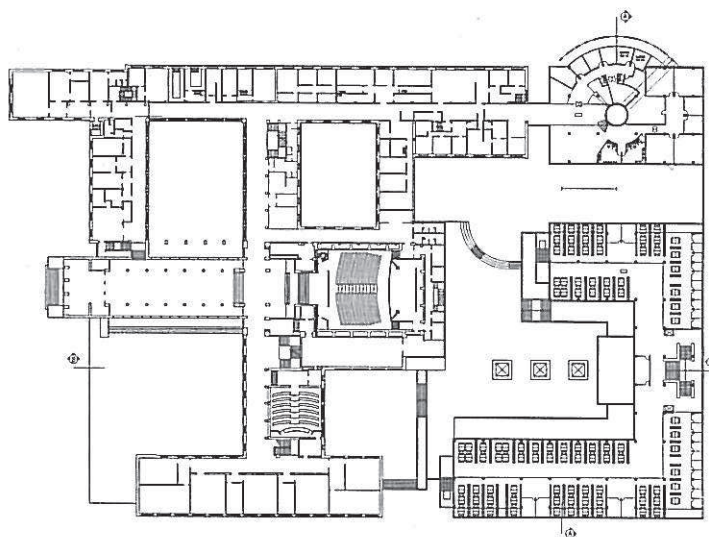
Pensamos ter respondido de uma forma global ao desafio que se nos punha no concurso em questão uma vez que o terreno proposto para a Residência Universitária de Lisboa, assim como a condicionante dos três pisos de cércea máxima conduziu a uma solução respeitando a totalidade de Programa do Caderno de Encargos, sem dar grande margem de manobra e de certo modo limitando a liberdade de actuação.

Concurso Público para Elaboração do Projecto de Remodelação e Ampliação da Faculdade de Letras de Lisboa

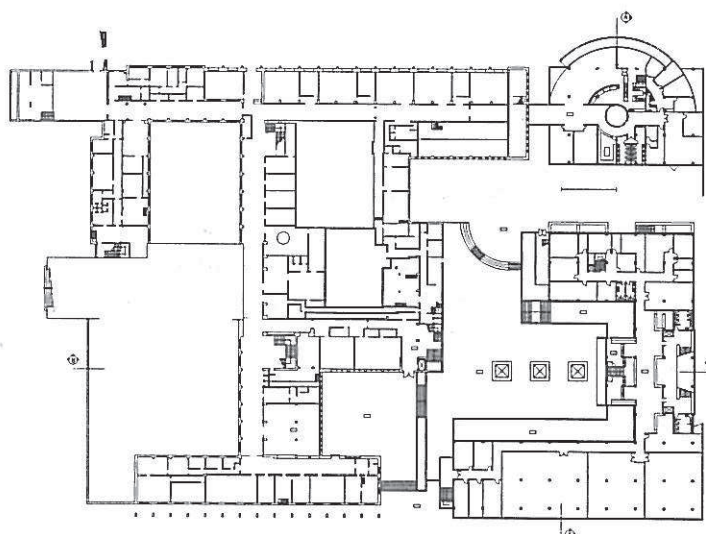
1º Prémio

Harro Wittmer

PISO 1



PISO TÉRREO



Para a ampliação da Faculdade de Letras de Lisboa, foi disponibilizado um espaço com cerca de 6.600m², espaço que corresponde ao prolongamento do edifício actual em direcção a Norte, tendo como limite um arruamento projectado Ponte Nascente, paralelo à Alameda da Universidade. Conjugando a área disponibilizada (6.600m²) e a área necessária à concretização do Programa (16.550m²), fácil se torna verificar a dificuldade da tarefa requerida aos concorrentes...

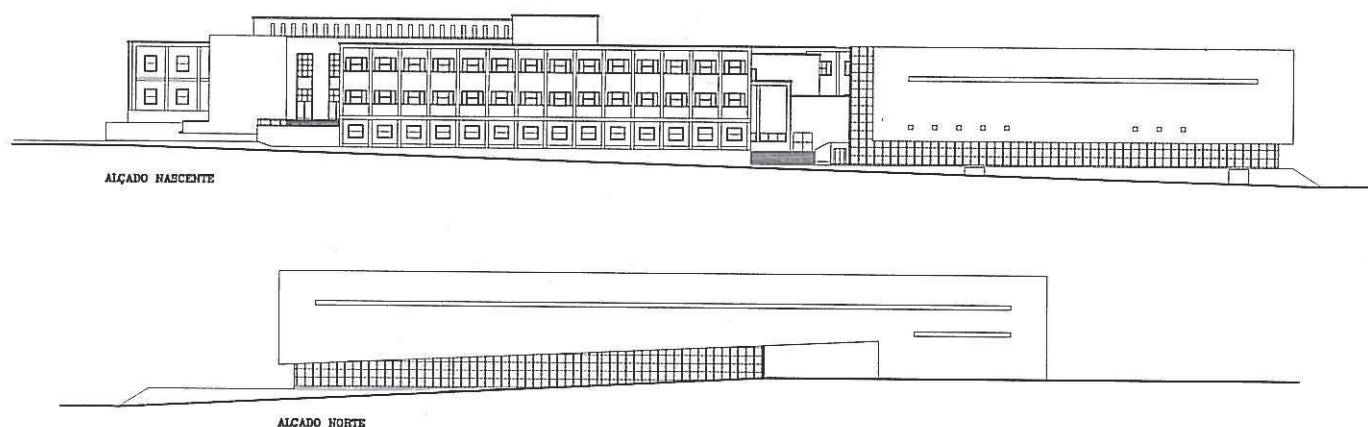
Outros constrangimentos assumem igualmente grande importância: Tratam-se sobretudo de condicionantes formais ditadas pelo próprio edifício da Faculdade, que se integra num conjunto extremamente homogéneo de edifícios ladeando a Alameda da Universidade, hoje participado com felicidade pelo edifício da Faculdade de Psicologia, estabelecendo com o volume da Torre do Tombo contraponto (discutível) dessa homogeneidade.

O edifício da Torre do Tombo, elemento de ruptura formal com o conjunto da Faculdade de Direito, Letras, Reitoria e agora com a Faculdade de Psicologia, na qualidade de "vizinho" da futura ampliação objecto da presente proposta, é quem mais a condiciona formalmente, já que obriga a um diálogo formal aparentemente contraditório, entre a arquitectura modernista da Faculdade de Letras e um edifício que, traduzindo a linguagem pós-modernista num registo de grande sobriedade, assume claramente o vocabulário e sobretudo a gramática daquela, apesar de o fazer com notável contenção.

Da conjugação destes factores surgem dois edifícios cuja autonomia formal e volumétrica não é propositadamente assumida, subsistindo vestígios da sua comum origem, sobretudo para quem os "lê" de fora, da rua, ou ainda através de subtis repetições de forma e de materiais. Tratava-se de recriar um pátio, local abrangente e ao mesmo tempo ponto de partida para os três destinos agora individualizados: A grande biblioteca face à maior das duas "praças" que vão ladear o volume do grande auditório da construção inicial, a associação de estudantes e o núcleo de informática, centradas noutra corpo a construir.

O edifício da biblioteca, fechado para o exterior, procura estabelecer com a Torre do Tombo uma relação mimética, repetindo as grandes superfícies fechadas e "limpas", abrindo-se apenas num envidraçado longitudinal junto ao chão, envidraçado que se estabelece num plano recuado relativamente àquela cortina cega; esta solução contorna o edifício e como uma pele prolonga-se por todo o lado Norte do lote "abraçando" o 2º edifício que constitui a ampliação (centro de informática e associação dos estudantes).

O referido plano longitudinal envidraçado, sobe ao longo daquele alçado até atingir o final do edifício da biblioteca, prolongando-se numa ampla abertura de acesso ao vazio interior.



2º Prémio

Gonçalo Próspero

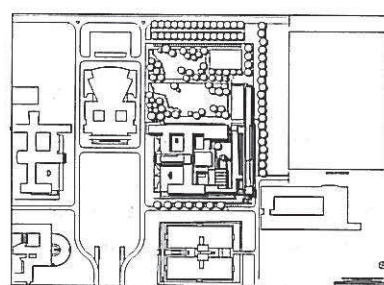
Cristina Coimbra Neves

Jorge Palma Martins

Francisco Dinis Ferreira

Fundações e Estruturas António Gorgulho Instalações e Equipamentos Eléctricos e Telef. Domingos Barreto Instalações e Equipamentos Mecânicos José António Fraga Carneiro Instalações e Equipamentos de Águas e Esgotos Rui Serpa dos Santos Segurança Integrada José António Fraga Carneiro Arranjos Exteriores Gonçalo Próspero, Paulo Simões Coordenação e compatibilização dos Projectos José Luis Serpa dos Santos Mobiliário e Equipamento Fixo Gonçalo Próspero Sistema Integrado de Gestão Técnica José António Fraga Carneiro

29



Memória Descritiva e Justificativa

Cidade Universitária, corresponde a um território, dentro do qual vão surgindo edifícios, que são as diversas Faculdades, em que cada um parece querer dar a conhecer uma nova linguagem arquitectónica originando algumas vezes bons exemplos de abordagem do tema: Arquitectura/Edifícios de ensino.

Este espaço regrado fundamentalmente pela trilogia de um conjunto de que fazem parte a Reitoria, Fac. de Direito, e a Fac. de Letras representa o núcleo estrutural urbano primordial como também é a entrada principal deste sistema.

A proposta organiza-se genericamente em dois corpos, constituindo um, o limite do Edifício Principal – onde se localizarão, o Núcleo de Informática e a Associação de Estudantes com o Infantário – e o outro assume-se como um elemento distinto que vai albergar toda a carga programática da biblioteca podendo-se dizer que se trata do edifício da biblioteca.

A localização da Biblioteca foi decidida, como elemento que se encontraria mais a Norte do conjunto da Fac. para que se pudesse disfrutar o mais possível da luz de incidência indirecta.

Todo o monumento pede a existência de um espaço frontal de desafio, sobre o qual impõe a sua qualidade de

edifício dominador. Desta forma, preferimos a marcação da porta de entrada da Biblioteca no lado poente para que usufruisse da extensão espacial e visual, proporcionada pela área verde projectada, em detrimento da exposição oposta que possui à partida uma barreira visual demasiado forte (Torre do Tombo) e hierarquicamente mais importante.

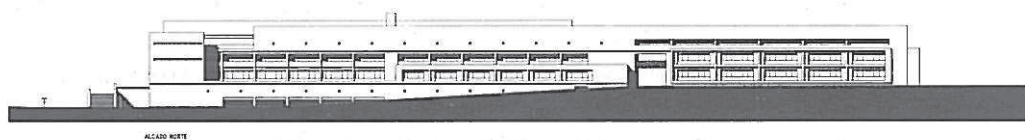
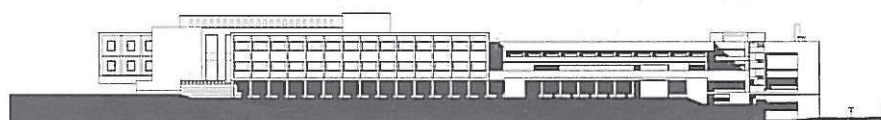
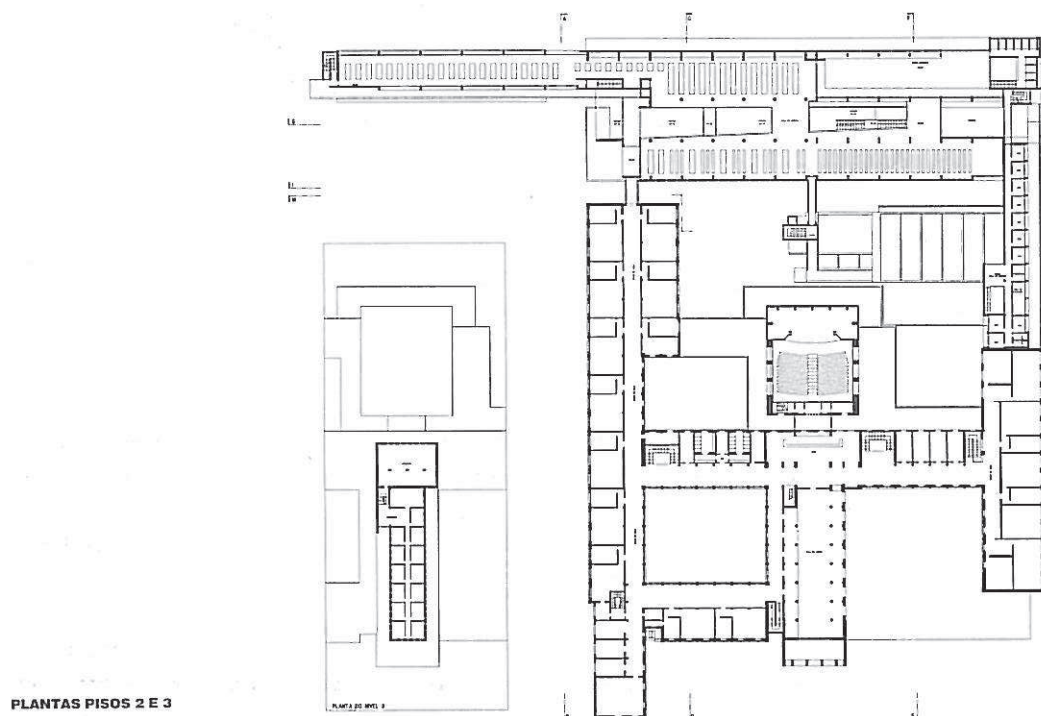
Uma vez dentro, a Biblioteca oferece uma imponente escadaria central estrategicamente posicionada no átrio de triplo pé-direito, em redor da qual se desenvolve uma circulação livre em cada piso.

Na continuação formal da Biblioteca dispõem-se duas galerias que vão dando acesso a salas de aula – salas de apoio à Biblioteca – formando um elemento unificador de construções existentes no logradouro da Fac, como alguns espaços verdes, o campo de jogos, o circuito a poente do edifício principal, etc.

(...) Distribuição espacial dos diferentes serviços no corpo mais próximo do Edifício Principal:

Piso 0 – Associação de Estudantes (à cota 86.80) com acesso para abastecimentos a partir da entrada que lhe está próxima (acesso Nascente). **Piso 1** – Núcleo de Informática onde se localiza a área destinada ao trabalho prático. **Piso 2** – Núcleo de Informática no que respeita à zona dos docentes e investigação. Distribuição espacial dos diferentes serviços no Edifício da Biblioteca: **Piso 2** – Estacionamento **Piso 1** – Estacionamento e depósitos da Biblioteca **Piso 0** – Serviços privados da Biblioteca, átrio e zona de atendimento. Salas de apoio à Biblioteca. **Piso 1** – Sala de leitura da Biblioteca e salas de apoio. **Piso 2** – Sala de leitura e um pátio para uso exclusivo da Biblioteca.

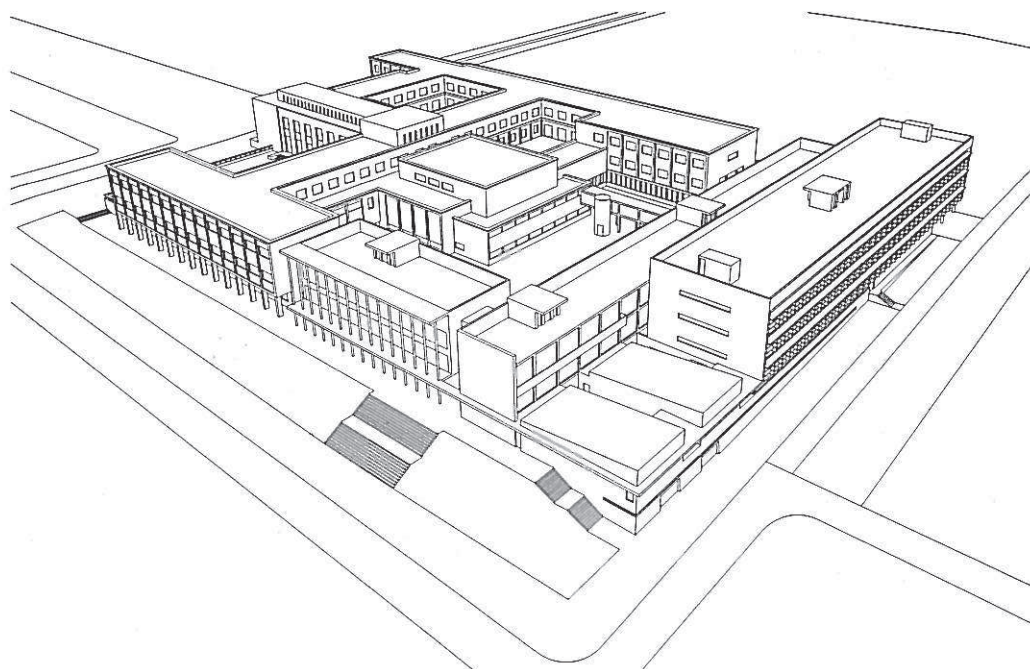
(...) Procurou-se recuperar o projecto inicial tanto quanto possível retirando todos os elementos adicionais (por ex. varandins dentro dos institutos), construídos ao longo dos anos como solução provisório-definitivo e atribuíram-se aos compartimentos as funções pretendidas segundo o programa preliminar.



3º Prémio

João Lúcio Lopes

Projecto de Arquitectura João Lúcio Lopes, Paulo Lima, Vítor Coutinho Lopes Projectos Especiais STA, Segadães Tavares & Associados, Lda



31

1 – Muito mais importante que o **mérito relativo** dos concorrentes – um somatório das classificações obtidas através duma grelha de avaliação – é o seu **mérito absoluto** ou seja o seu enquadramento e avaliação através daquilo que é a essência da própria disciplina em análise – neste caso a de **Arquitectura**.

Não tendo existido esta última apreciação para as propostas em concurso, ainda hoje subsistem dúvidas sobre os critérios a que o júri fez corresponder as diferentes notas atribuídas a cada concorrente, o que se lamenta.

2 – Preâmbulo

Sob o ponto de vista urbano as propostas valorizaram atitudes pouco *explícitas nas suas intenções* e que se podem caracterizar genericamente como de **espaços tendencialmente sobranes das próprias construções** que confinam. A vocação **plural e dinâmica** do **espaço público desaparece** (ou então não tem escala que o sustente) remetendo-o para funções meramente **residuais** traduzidas por opções tipológicas com um carácter eminentemente *estático*.

No que respeita à edificabilidade e no relacionamento que as propostas estabelecem com o edifício existente, **desvirtua-se e altera-se** significativamente toda a espacialidade e caracterização arquitectónica do projecto do Arqtº Pardal Monteiro quer através do “**Encosto**” de novas construções ao conjunto edificado, quer pela “**Adulteração**” do conceito de “**Ligações a Estabelecer**”. (No interior constróem-se novas escadas e elevadores, e no exterior abrem-se e alteram-se vãos, fecham-se outros etc.).

Por outro lado, a confrontação volumétrica estabelecida entre a ampliação (no seu quadrante Norte-Nascente) e o Edifício C6 (Faculdade de Ciências), em vez de ser efectuada duma forma *articulada e inter-relacionada*, assume-se duma forma autónoma como se ele não viesse a existir.

3 – Solução Proposta

O conceito projectual, de introduzir à ampliação a efectuar um carácter de fecho e de remate do edifício existente, gerando uma **praça pública** que simultaneamente relacionasse o “**velho**” e o “**novo**”, assume-se como princípio estruturante de todo o projecto.

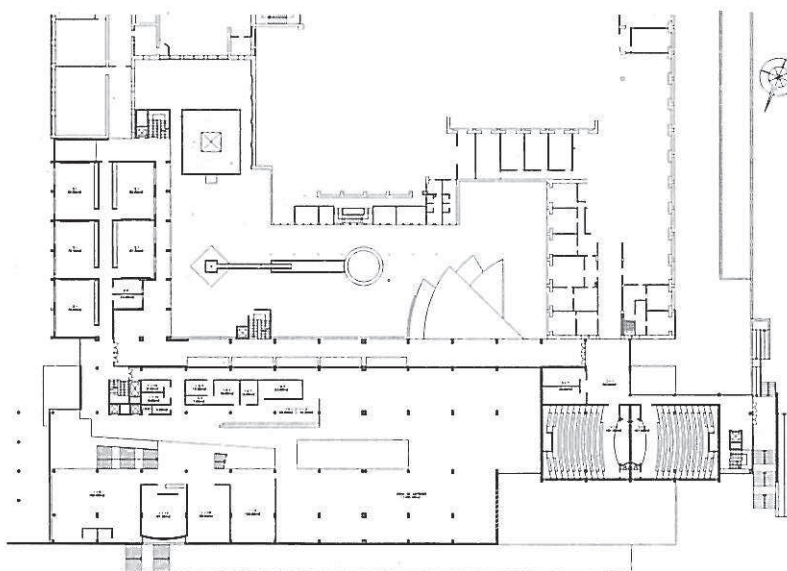
A vinculação do conjunto a edificar com a praça proposta, não se traduz unicamente por uma *opção tipológica de base*, relacionando-se directamente quer na volumetria quer na sua organização espacial com o desenho do edifício. Assim, e ao nível da sua expressão volumétrica este assume-se numa distribuição por dois corpos com um carácter marcadamente unitário na sua relação.

O primeiro desenvolve-se em L sob a praça configurando e definindo os seus limites. O outro corpo demarca-se pela sua altimetria e conteúdo funcional, assumindo-se com o novo alinhamento estabelecido a ponte, como potencial elemento gerador duma futura organização a estabelecer para aquela área.

Menção Honrosa

Rosa de Oliveira Melo da Silva
Carlos Eduardo Marques

Fundações e Estruturas Maria Elisa de Almeida da Fonseca Inst. Equip. Eléctricos, Telecomunicações e Segurança Integrada António Agostinho Varandas Ferreira Instalação e Equipamentos Mecânicos António Manuel Matias Instalações e Equipamentos de Águas e Esgotos Fernando Mendes de Seica e Santos Arranjos Exteriores Álvaro Nuno Vaz Manso Barbosa Operadores do CAD Cristina Benito, Manuel Benito



EN CADEADOS (da memória... descritiva)

Cidade Universitária!...

Cidade... Estrutura Urbana... Desenho... Quarteirão...

Quarteirão da *Faculdade de Letras*... de forma rectangular.

Forma rectangular delimitada por ruas.

Ruas marginalizadas por cheios e vazios... Torre do Tombo... Sociedade Hípica...

Estádio Universitário... Alameda da Cidade Universitária...

Reitoria... Faculdade de Direito... Faculdade de Psicologia...

Edifício da Faculdade de Letras implantado ao "canto" e de costas voltadas para Norte deixando vazios, "terra de ninguém".

Há que organizar, dinamizar, humanizar esta "terra de ninguém".

Rasgue-se uma rua a Norte, – dita o Plano Director para a Cidade Universitária.

Ocupe-se este vazio com um edifício ou edifícios é a aposta da F.L.L..

Dê-se vida própria a este "lado". "Lado" que permanentemente dialogue com o "lado oposto" – edifício existente da F.L.L.. "Lado" que enriqueça o diálogo formal já existente. Dê-se pois corpo e vida a uma biblioteca e às suas salas de estudo, ao núcleo dos alunos deficientes visuais, ao núcleo de informática, aos anfiteatros, à associação dos estudantes, ao infantário. São estas as partes. Partes que se relacionarão de forma independente, mas não de costas voltadas entre si nem com o "corpo mãe". Partes que constituirão um todo pensámos nós. Mas um todo constituído por partes em que "novo" e "velho" se completem, se complementem, enfim que comuniquem.

Vamos acordar o corpo existente... que dorme de braços estendidos para Norte à espera que lhe deem as mãos.

Vamos pois pegar-lhe nesses braços e fechá-los deixando um interior que o aqueça e desperte.

Vamos romper os topos das suas exaustas e tristes veias e entrar/sair em alegres e luminosos percursos...

Percorrer o interior da "velha mãe"... o "novo corpo"... e continuar, continuar, continuar até que se chegue ao ponto de partida é uma das nossas apostas. Aposta é também a criação de um "claustro" que chame a si os jovens e os adultos para que dialoguem ou estejam em convívios e entendimentos de silêncios, deixando que a água discursse, escorrendo pela viga, babando-se para algures e grite em repucho, que o "claustro" não é fechado, que o "claustro" é aberto para... a "velha mãe" um dia dar à luz um novo filho. E aí, crámos nós ao "novo corpo" uma roupagem que permita o seu nascimento a Poente. Na roupagem criada identificam-se dois corpos que jogam em tensão. O "grande corpo de biblioteca" esforça-se por se soltar do "pequeno corpo da informática" que o não deixando, lhe demonstra a sua presença aberta e transparente..., poisando-lhe em cima e demonstrando-lhe a sua independência.

Então o "corpo da biblioteca" fecha-se e assenta o seu peso a nascente medindo forças com a Torre do Tombo. Abre-se mudo e trslúcido para ela, e espreita os "novos" e "velhos" corpos da Faculdade de Ciências, os "verdes" do Campo Grande e chame a si a Alameda da *Cidade Universitária*.

Menção Honrosa

Frederico Burnay

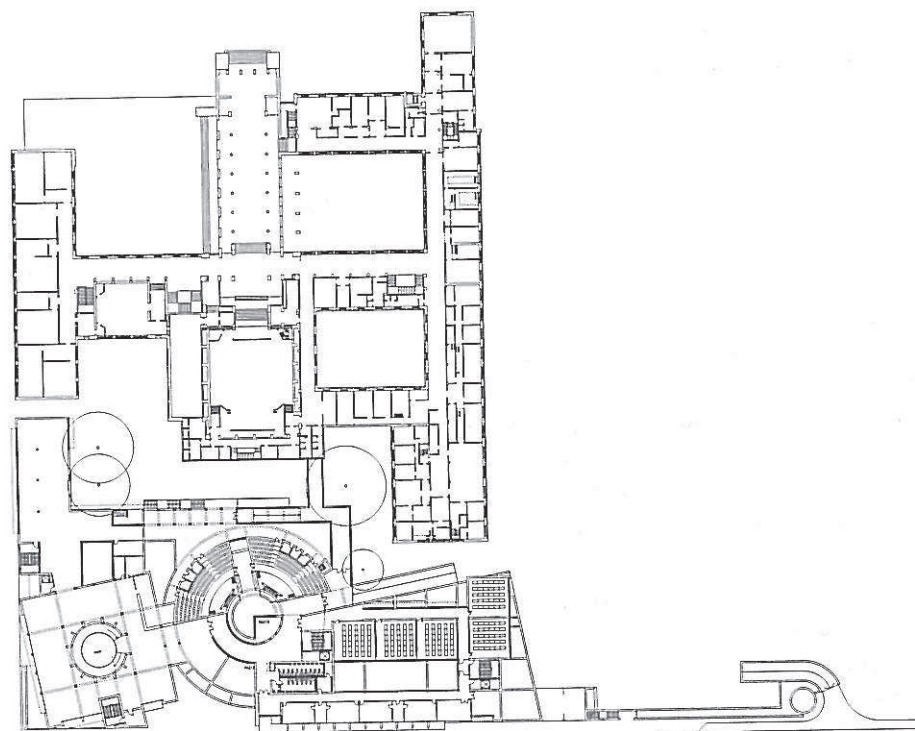
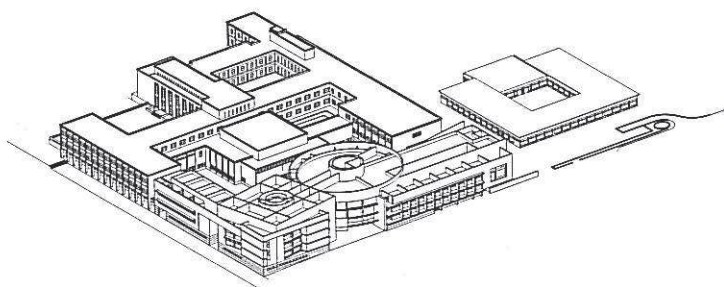
NÃO FORNECEU ELEMENTOS

Menção Honrosa

Rui Barreiros Duarte

Ana Paula Pinheiro

Colaboradores Mónica Francês de Matos, Carlos Alberto Cruz, Filipe de Melo Catalão Modelação Tridimensional RIIC - Projectos de Arquitectura, Lda Estrutura Eduardo Marinho Marques Inst. Mecânicas, Eléctricas e Segurança Anselmo M. Lourenço, António Manuel Alho Martins, António Sequeira Santos Águas, Esgotos e Gás Eduardo Fernandes de Sousa Arranjos Exteriores Júlio Carlos dos Santos Moreira



33

O edifício proposto estrutura-se a partir de uma definição de envolverência (continente) que disciplina a legibilidade do conjunto, tendo-se eleito igualmente como importante a relação altimétrica entre os diversos volumes, bem como o seu posicionamento relativo.

Uma omissão no alinhamento do alçado Norte torna legíveis um cubo e um cilindro contidos dentro do primeiro volume, tornando facilmente referenciável a entrada através da base do cilindro que se recolhe ao nível do Piso 0, criando um nartex exterior de protecção e induzindo à entrada num Átrio interior com duplo pé direito que se prolonga por um espaço com luz zenital razante. Em todo o edifício a luz foi controlada como principal elemento modelador do espaço.

A rotação que se estabelece entre o cubo e o cilindro e se prolonga pela rampa, permite organizar uma geometria dentro da geometria, que se torna estruturante da potência das relações de aproximação que se fazem através da entrada principal do edifício da Faculdade e do pavilhão das Salas de Aulas a preservar.

O edifício proposto coexiste em tensão com o existente definindo pátios que permitem uma articulação onde se integram as frondosas árvores existentes de modo a tirar partido da apazibilidade do local e do potencial de enquadramento.

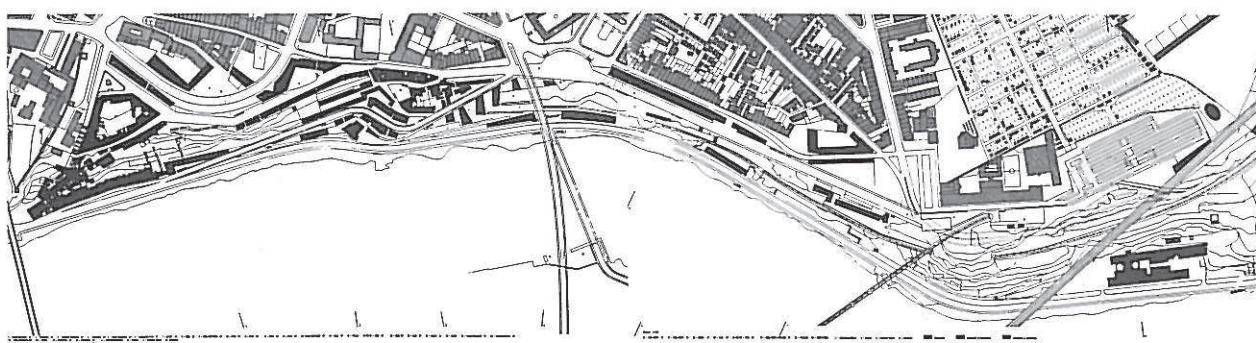
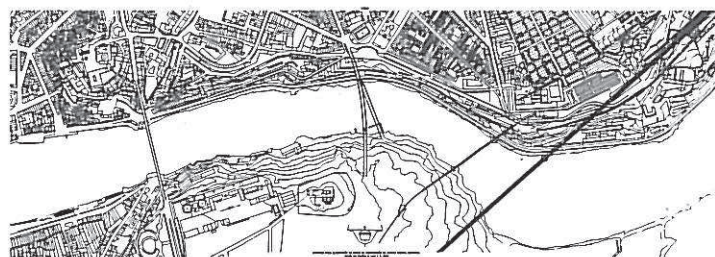
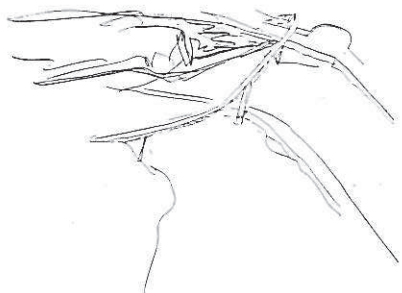
Perante dois edifícios que embora semelhantes são diferentes – Faculdades de Direito e de Letras – optou-se na proposta por uma linguagem que embora diferente fosse semelhante à ampliação do edifício da Faculdade de Direito, aprofundando a relação já existente.

Concurso Público para Elaboração do Plano de Urbanização da Frente Urbana Ribeirinha entre as Pontes D. Luís I e S. João - Porto

1º Prémio

Adalberto Rocha Dias

Colaboração Arménio Teixeira, Chiara Porcu, Jaime Eusébio, José Miguelote Planeamento António Perez Babo Obras de Arte e Infraestruturas António Alves Dinis Geologia Henrique Botelho Miranda Paisagismo Isabel Teixeira Diniz Sociologia M. Cristina P. Andrade



34

Extracto da Memória Descritiva

É gesto ousado, neste tempo de grandes transformações uma nova ponte nas Fontainhas, não só pelo motivo que o origina (fecho do tabuleiro superior da Ponte de D. Luís para passagem do metro, em resultado da estratégia viária definida), como ainda pelo impacto que provoca na paisagem urbana nesta parte da cidade.

Seria gesto de igual ousadia construir um terceiro tabuleiro sobre o actual e a cota mais alta para o mesmo sistema.

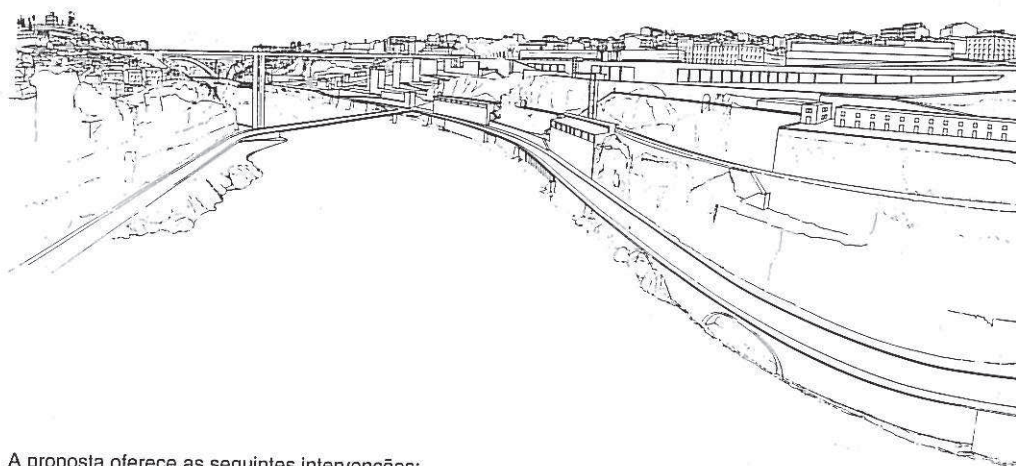
Ambos obrigam a novas frentes e alçados da cidade (havendo contudo na versão Fontainhas o aparecimento de uma "nova porta" — o que não é grave dado que o Porto as foi perdendo, sem as recuperar, ao longo do tempo); ambos se baseiam numa nova ligação em locais distintos sem que a estrutura urbana existente para nenhuma delas esteja preparada. Ambos potencialmente competitivos sob o ponto de vista económico, mesmo pensando nas distintas e profundas alterações que provocarão, apresentam diferenças conceptuais enormes quando, a versão Fontainhas aposta numa significativa transferência de usos, formas e funcionamento da cidade actual — e a outra a versão D. Luís apostaria na sobreposição e interacção de diferentes sistemas na mesma estrutura.

Os sinais de mudança que se adivinham e o ritmo de transformação que se vem verificando aconselham-nos a aceitar o sonho dos novos Almadas, acreditar mais na legitimidade do gesto ousado de ruptura, mas necessário, que o gesto ousado de continuidade, mas certo.

A solução surge na simultaneidade da resolução dos novos e diferentes problemas que resultam da localização da ponte nesta parte da cidade, com todos os outros inerentes à requalificação do espaço urbano existente e ligação cotas altas/cotas baixas, e estrutura-se no cruzamento de dois eixos paralelos (Sul/Norte — Rua das Fontainhas e Rua Duque de Saldanha) com um terceiro que corresponde ao alinhamento da Rua Alexandre Herculano/Alameda das Fontainhas. Os primeiros originam os principais traçados de entrada e saída da cidade (nova ponte e ligação marginal — L. Baltazar Guedes), e o segundo organiza todo o sistema de acessos e percursos locais, desenha a frente nova da cidade e a estratégia de desenvolvimento de toda a encosta e zonas envolventes.

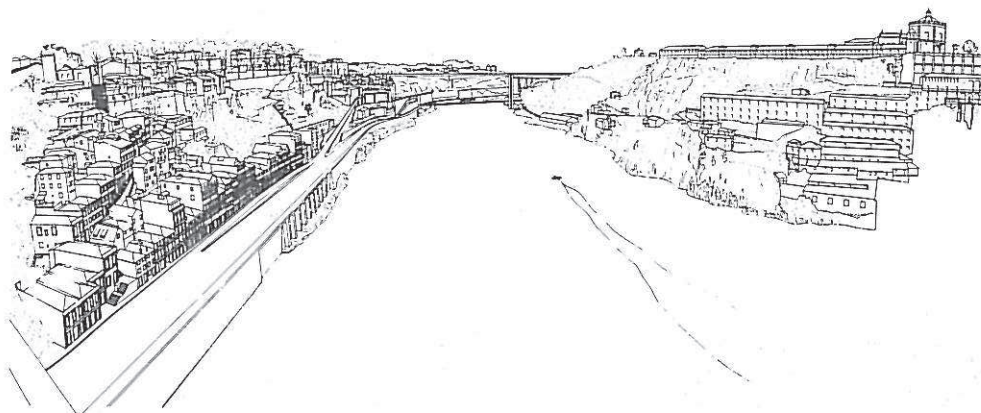
Comprometemos, relacionamos e sobreponemos, aqui mantendo e demolindo, ali recuperando e construindo, ao lado revolucionando, rua com acesso com jardim com casa com plataforma com linha com comboio com metro com eléctrico, criando novas formas, espaços, usos e percursos, e estabelecendo correspondências impensadas como Espinho/Areosa/Ermesinde, Marginal do Douro/Matosinhos.

Na Serra do Pilar, tem a ponte que o Porto quer o seu único apoio; na Marginal do Porto tem a ponte que Gaia quer o seu único pilar.



A proposta oferece as seguintes intervenções:

1. Novo atravessamento rodoviário do Douro – Ponte da Serra do Pilar/Fontainhas – e a nova ligação ao Lg. Baltazar Guedes numa lógica de amarração estritamente urbana, associada a um esquema de circulação que se interpenetre com o tráfego urbano, segundo o conceito dos anéis e bolsas consagrados no PDM, para além de privilegiar os acessos directos e tão imediatos quanto possível aos novos Parques de Estacionamento propostos.



2. Aumento do número de ligações rodoviárias entre a cota alta (miolo urbano mais compacto) e a cota baixa (marginal fluvial), por forma a favorecer aspectos de circulação nas áreas mais densas do sector sudeste da cidade, onde o tráfego interurbano se concentra num número reduzido de eixos.

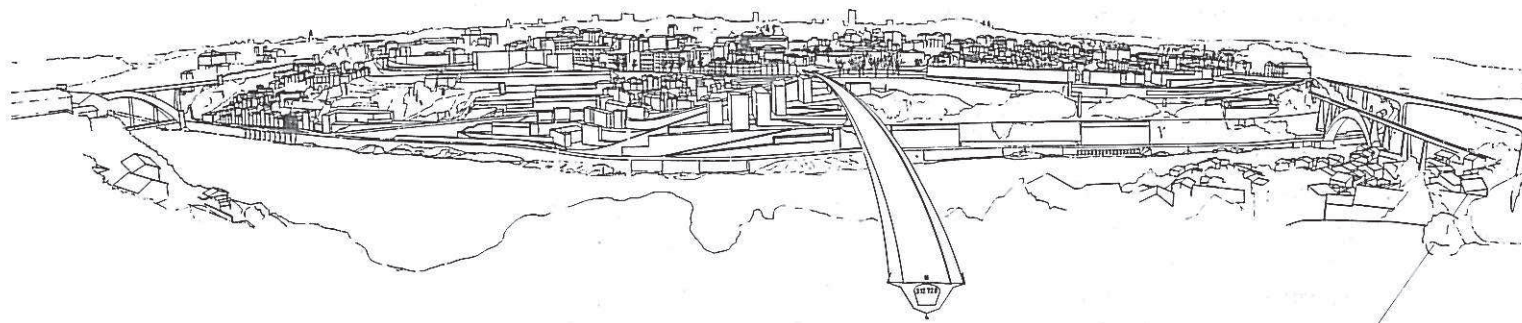
3. Aumento da oferta de estacionamento em Parques, associados aos novos eixos de entrada na cidade, e repartidos por três pólos de vocação diferenciada.

4. Tirar partido das diferentes linhas dos sistemas de transportes públicos em sítio próprio, que usam ou podem vir a usar os canais ferroviários existentes, favorecendo a ocupação e animação da encosta e da nova Alameda, através da criação de espaços de correspondência entre as diversas linhas e destas com os três parques de estacionamento propostos.

5. Promover a densificação habitacional da área, através da ocupação dos vários patamares possíveis da encosta, e dos vazios urbanos existentes, como forma de revitalização da zona e de prolongamento da malha urbana mais compacta no sentido do Rio.

6. Manter o espaço/festa das Fontainhas, através da criação de uma nova Alameda a construir sobre o canal ferroviário da linha Campanhã/S. Bento até ao largo Baltazar Guedes, onde um espaço Mirador se desenha sobre as plataformas existentes, para continuar ao longo do Colégio dos Salesianos e terminar num grande espaço, que se constrói sobre o canal das linhas ferroviárias que aqui se juntam. Esta nova plataforma permite a criação de uma nova entrada ao cemitério e um bom apoio de parque.

7. Atrair algum terciário às novas zonas de construção propostas, principalmente junto aos três Parques de Estacionamento previstos e aos espaços de correspondência de transportes públicos.



8. Promover a integração paisagística da encosta, através da criação de áreas de revestimento vegetal como o prado natural e espontâneo (de pouca manutenção e pacífico para a estabilidade de algumas plataformas), de áreas de arborização de pequeno porte em alguns socacos de forma a interromper a presença forte e intensa das linhas horizontais dos muros, ou de grande porte no Passeio das Fontainhas continuando assim a falha verde dos Guindais ou no maciço de apoio das pontes ferroviárias prolongando o arvoredo da Quinta das Águas.

9. Completar e dinamizar os percursos pedonais entre os diversos patamares da encosta, através do desenho dos percursos e de momentos, que unem e articulam as diferentes plataformas, os vários núcleos urbanos e os espaços de correspondência de TP's.

2º Prémio

António Luís Novais Madureira

NÃO FORNECEU ELEMENTOS

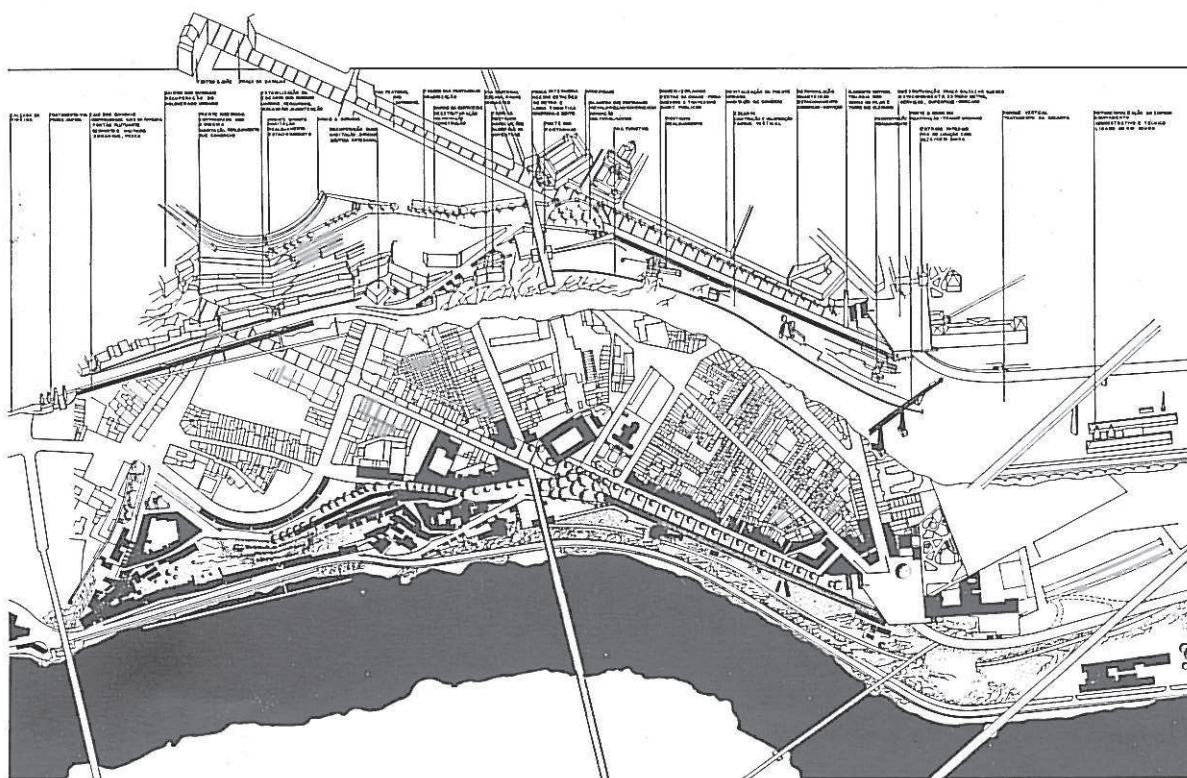
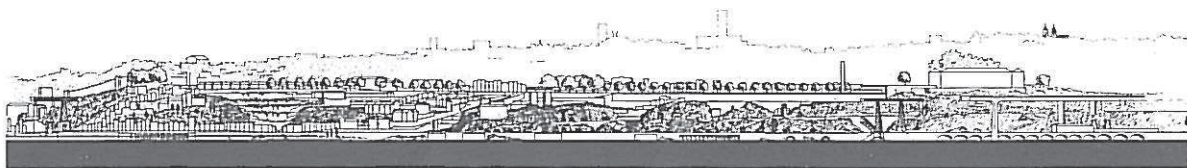
3º Prémio

Maria Margarida de Almeida Oliveira Porcher

Jean-Pierre Simon Michel Porcher

Colaboração Albino José Mendes de Freitas, Renato da Silva Martins Arquitectura Paisagista Daniel Cristovão Mangana Monteiro

Engenharia Luís Manuel Machado Macedo Geologia José Eduardo Lopes Nunes Sociologia Adelino Apolinário da Silva Gouveia



A proposta opta por evidenciar e especificar através de intervenções pontuais as urbanidades subjacentes, integrando de forma pragmática a envolvente como elemento do projecto acima da fragmentação da área de intervenção para preservar o génio local.

Tratamos assim 4 temáticas.

A Frente Ribeirinha, para reinventar o relacionamento da cidade com o rio, recriando o antigo Cais dos Guindais, e tratando a frente urbana em continuidade do cais (Ribeira).

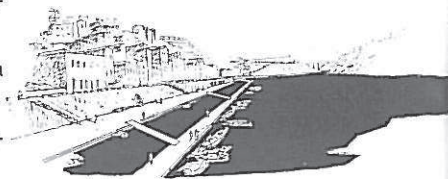
A Escarpe Alicerce da cidade, valorizando o suporte físico, através da recuperação e reconversão de algumas construções de interesse (fábrica do Carvalhino...) e a criação de um parque vertical.

Acessos e Percursos, reforçando num conjunto de intervenções modestas a espacialidade dos mesmos, e estabelecendo continuidades por forma a dar usos a sítios hoje inacessíveis.

Elementos Urbanos, criando um eixo na malha urbana por forma a "atar" a área ao centro da cidade desde a Praça da Batalha até à Praça Baltazar Guedes:

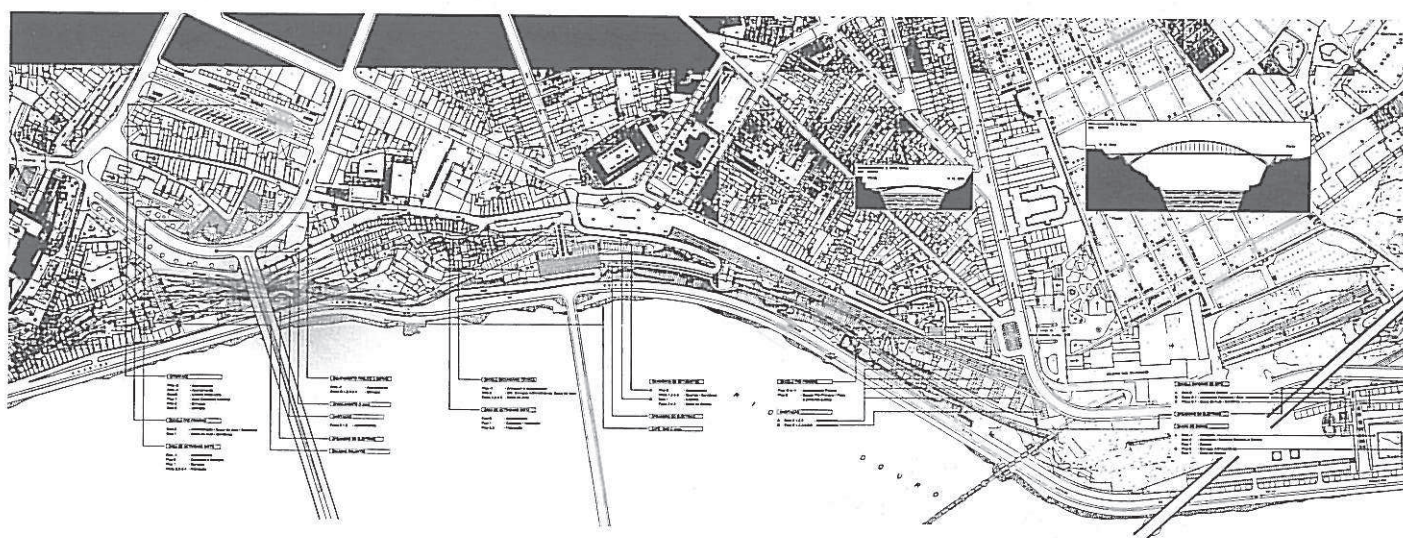
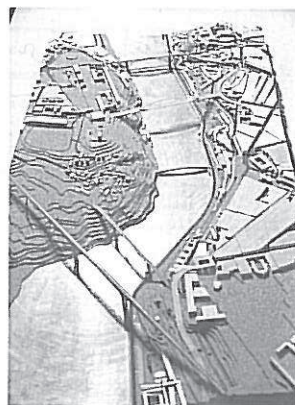
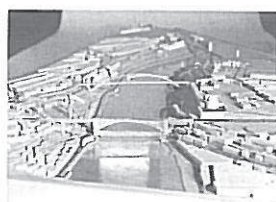
- criando condições excepcionais para o desenvolvimento e a organização das Festas da Cidade através do tratamento de uma Alameda na continuidade da Praça das Fontainhas.
- colocando um elemento "referência" em trilogia com a Torre dos Clérigos e a Serra do Pilar na paisagem.
- tratando a Praça Baltazar Guedes, acima da ligação cota baixa/cota alta, com a reestruturação do Quarteirão, (serviços, comércio, acessos a transportes públicos, habitações) em centro de actividades.
- reutilizando o monumento "Ponte D. M. Pia" em linha de transportes urbanos.

Acima de tudo, a proposta visa a intervir com costuras e colagens de Elementos Urbanos simples capazes de ser geradores (a baixo custo) da desmarginalização e do desenvolvimento da Área em questão.



Equipa Alexandre Duarte, António Castro e Melo, Fernanda Orfão, José António Amaral, Maria Rosário Pires

Equipa Alexandre Duarte, António Castro e Melo, Fernanda Orfão, José António Amaral, Maria Rosário Pires



Propõe-se:

- A manutenção das características preponderantes da Escarpa, topográficas, morfológicas e paisagísticas, a valorização da área através da intervenção pontual.
- A reabilitação dos tecidos urbanos pré-existentes, quer por acção integrada de recuperação de construções degradadas, quer por colmatagem de rupturas que subsistem.
- Equipamentos de suporte da vida local (comércio, serviços, escolas), e outros de maior alcance na cidade, capazes de valorizarem a área.
- A criação de uma área ajardinada entre os Guindais e a Corticeira, apoiada em diversos percursos e estadias, e de um percurso pedonal marginal à beira-rio, apoiado nos rochedos existentes e com a instalação de pequenos equipamentos de apoio, ambos com fins lúdicos e de lazer, reforçando a ligação ao Rio Douro.
- Não localizar a nova ponte nas Fontainhas (previsto no Programa do Concurso), a uma cota idêntica à da cota superior da Ponte D. Luís I; por não se afigurar adequado dada a perturbação que iria provocar no Passeio das Fontainhas para já não falar do esforço suplementar de entrada na cidade e de inserção no Esquema Viário Fundamental previsto no Plano Director Municipal. Sendo dirigida ao Viaduto Duque de Loulé, cria-se um sistema viário em rotunda, através do Interface das Camélias, resolvendo-se assim a ligação entre a ponte e o esquema deanel de circulação interno da cidade, sugere e facilita uma intervenção urbanística ordenadora do espaço livre. Esta solução permite uma intervenção paisagística menos conflituosa com as pontes metálicas, pois situando-se à cota 80, superior em 20 metros à Ponte Luís I e realizada com um arco de sustentação por cima do tabuleiro, ao invés da actual ponte, evita a situação de sobreposição e encobrimento que hoje se observa entre as pontes Maria Pia e S. João. Do lado de V. N. de Gaia permite a abertura de uma nova Avenida paralela à actual, libertando esta para um espaço urbano central (praça alongada) de que V. N. de Gaia carece, permitindo ainda a instalação do metro ligeiro de superfície.
- Ponte à cota baixa, ligando a marginal do Porto a V. N. de Gaia, para peões.
- Uma nova calçada, de traçado sinuoso, entre a Avenida Gustavo Eiffel e o Passeio das Fontainhas, susceptível de permitir acesso automóvel, será um elemento fundamental de consolidação da escarpa. Uma praça suspensa a meia encosta sobre parte desta via. Com esta medida estabelece-se uma relação entre a cota alta e a marginal ribeirinha.
- Valorização de Alameda das Fontainhas com o seu prolongamento até ao Largo Baltazar Guedes.
- Parques de estacionamento: debaixo do viaduto existente, Interface e no remate da Alameda das Fontainhas. Permitir o estacionamento e acesso ao transporte público, condicionando a entrada na cidade.

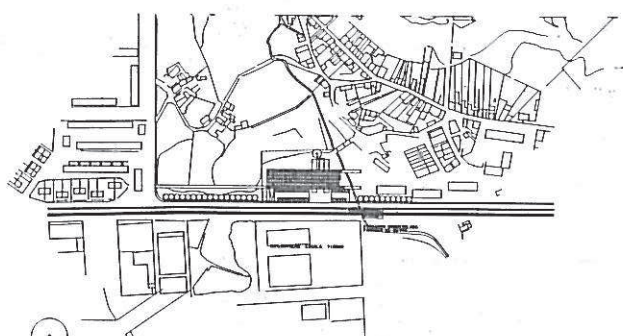
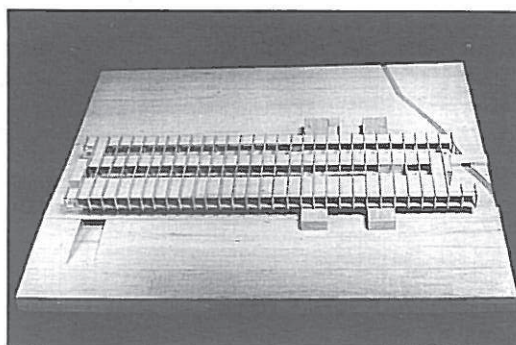
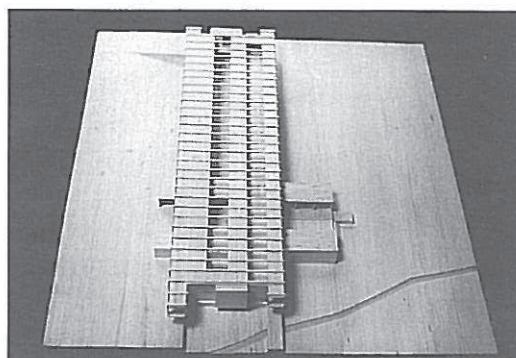
Concurso para o Projecto do Mercado de Ramalde - Porto

1º Prémio

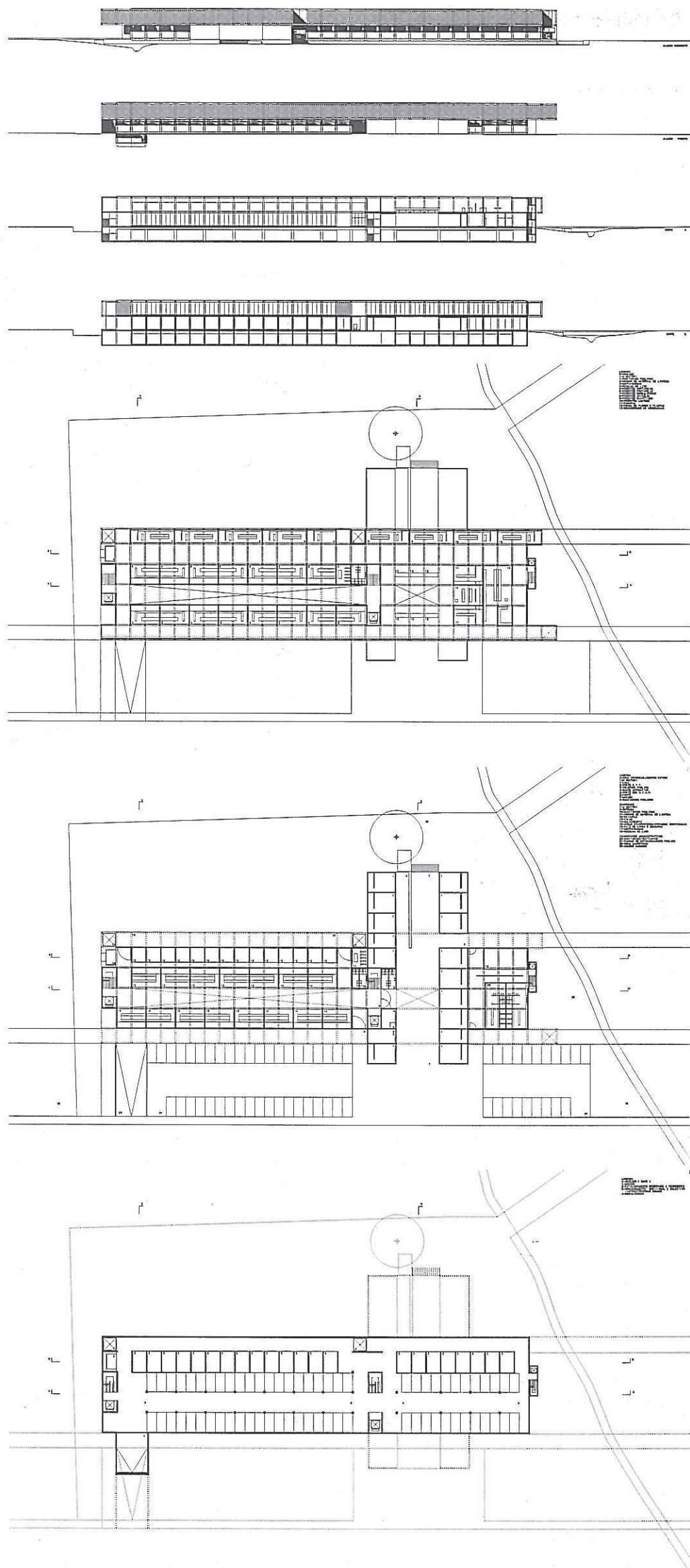
João Loureiro

Nuno Brandão Costa

Coordenação Jorge Barros Estruturas ETEC



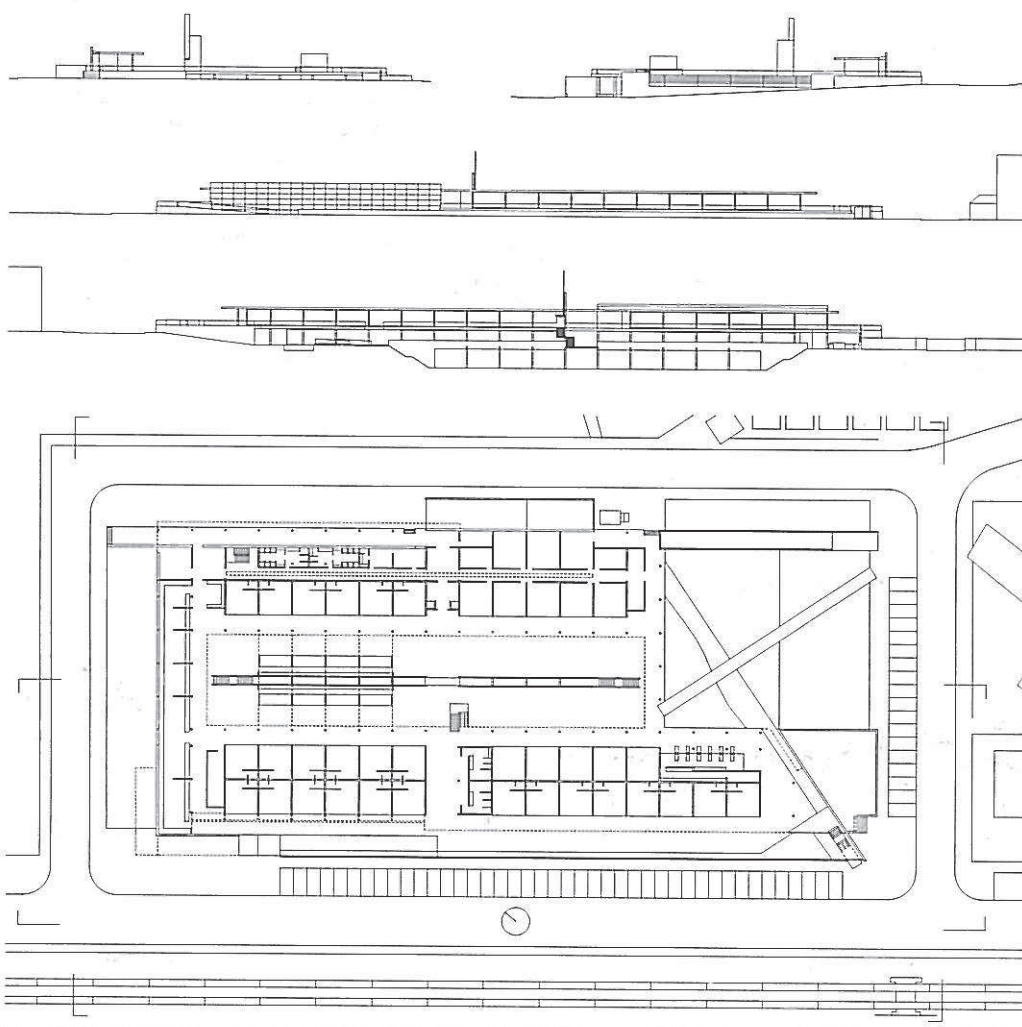
1. O Programa pedia a concepção de um único edifício, Mercado, formado por lojas individualizadas de 18 e 36 m², e um Centro Cívico – local de comércio e outros acontecimentos.
 2. O edifício compõe-se de uma estrutura modulada, tendo por base uma malha apertada de 3.60 x 5.00 (18 m²), sub-múltiplo directo da área pretendida para as lojas (36 m²) e de imediata sub-divisão.
 3. Este módulo materializado por uma estrutura metálica, é inteiramente assumido como quadrícula visível nas 3 dimensões. O edifício apresenta uma estrutura reticulada e contínua, compondo uma imagem de uniformidade métrica e construtiva.
 4. A rua alargada e longa, o caminho de ferro, as construções industriais existentes e a serialidade do programa, dirigiram a concepção do edifício como uma extensa banda de dois pisos cujo eixo principal Norte-Sul se desenvolve paralelamente aos elementos referidos – dominando a horizontalidade da presença do volume.
 5. Exteriormente o 1º piso apresenta-se como um plano neutro, fechado por painéis opacos, enfatizando a elevação do 2º piso, suspenso em consola de fachada totalmente transparente, permitindo a percepção dos movimentos do público no seu interior.
 6. Ao eixo principal cruza-se um eixo ortogonal Nascente-Poente correspondente ao centro-cívico – Praça ou grande átrio parcialmente coberto, rasgando de lado a lado a continuidade do edifício ao nível do 1º piso, ligando o percurso exterior Norte-Sul com a malha urbana, a Nascente, conduzindo ao acesso principal do Mercado.
 7. Internamente, o mercado é organizado, agrupando as lojas ao longo das galerias paralelas ao eixo principal, no topo das quais se localizam as ligações verticais.
- Contrastando com a uniformidade métrica das lojas, as galerias adquirem características espaciais variáveis, pela diferente utilização da mesma estrutura serial: iluminação zenital ou lateral (conforme se situam no interior ou junto da fachada), variação do pé-direito.
- Obtém-se uma diversidade de espaços contínuos que permite definir e caracterizar sectores diferenciados.



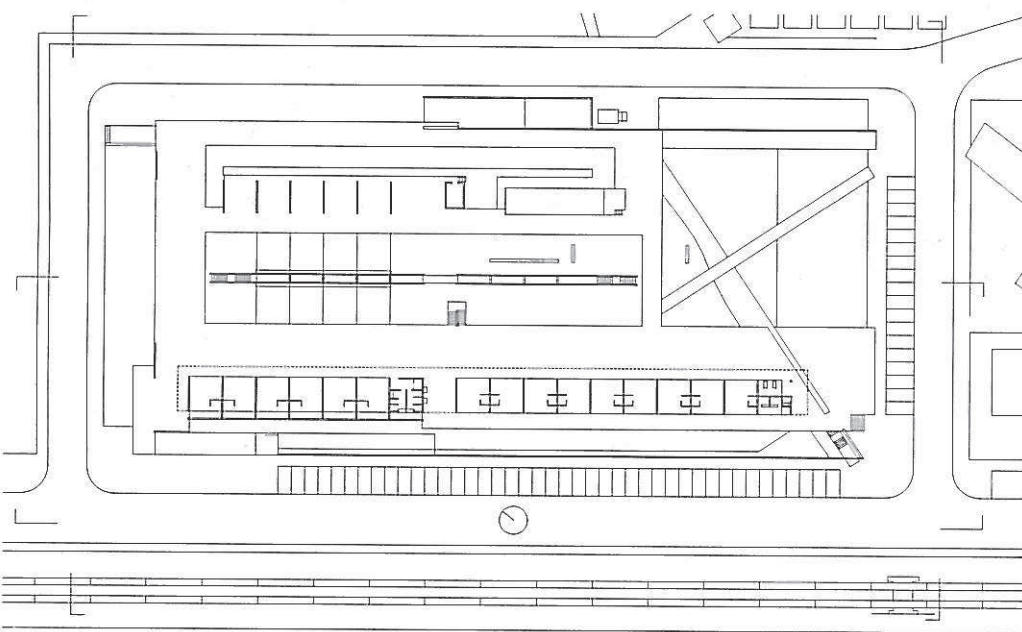
2º Prémio

Tiago Meireles
Paulo Lima Santos

Fundações e estruturas João José Justiniano Águas e Esgotos Rui Lopes da Silva Instalações Eléctricas António Silva Amaral
Instalações Mecânicas Mário Alçada Pinheiro



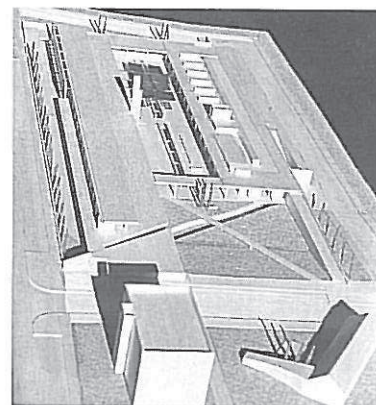
PLANTA PISO 0



PLANTA PISO 1

Uma rua paralela à linha de caminho de ferro – comprida. A ortogonalidade dos mais recentes conjuntos habitacionais e alguns apontamentos de uma malha ainda rural. Uma ribeira que toma os nomes dos lugares por onde passa, do Meio, de Baixo, aqui da Granja. Um eixo, de um lado o verde, do outro a indústria. O mercado nasce no meio – Mercado em Ramalde do Meio. Paralelo à rua e à linha e ao comboio, quando passa.

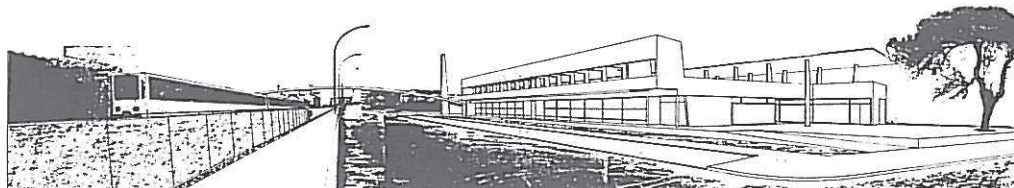
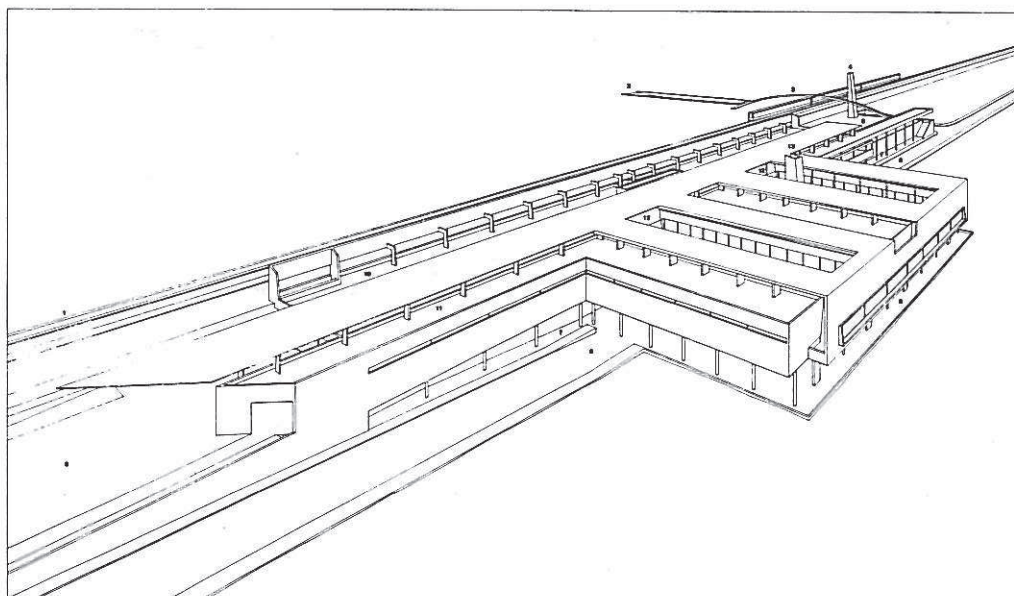
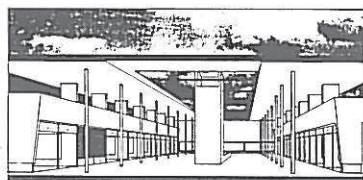
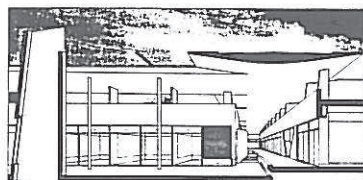
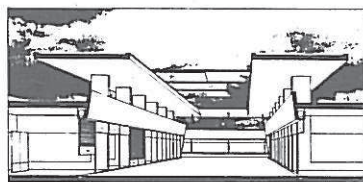
Em cima as lojas, em baixo o mercado ("praça") visivelmente sempre presente – lojas com vista sobre o mercado. Um conjunto que ultrapasse as suas funções imediatas e que contribua para a qualificação do local, favorecendo o carácter de centro cívico, que busca na estimulação mútua de todas as actividades, das previstas e das propostas, o seu carácter. Daí também, a opção do acesso às lojas que compõe o 2º sector se fazer por entradas pontualizadas, estrategicamente colocadas, e relacionadas com o 1º sector de modo a favorecer circulações que apesar de tudo possam atender a um funcionamento quer em simultâneo quer em horários distintos, favorecendo um conjunto que resulte mais de paragem que de passagem...



3º Prémio

Pedro Gadanho

Desenho Urbano Julieta Quintas de Oliveira Estabilidade e Estruturas Paulo Queirós Electricidade Nuno Romão Engenharia Hidráulica
Jorge Matos Paisagismo Daniel Monteiro Consultor de Engenharia Ambiental Pedro Gonçalves Colaboração Alexandra Lima, Luis Pereira



O projecto do Mercado de Ramalde procura reencontrar, dentro dos limites do programa proposto, a abertura e a generosidade espacial de modelos clássicos de Mercado estruturados em volumetria única.

A partir desse modelo tenta-se, porém, construir tanto a especificidade de uma estratégia urbana, como também a diversificação física e perceptiva de uma arquitectura que responda à presença simultânea de usos bastante diferenciados.

A inserção urbana do Mercado de Ramalde guia-se por duas directrizes distintas e complementares: por um lado, investigar e responder antecipadamente aos futuros desígnios e destinos da área de intervenção, preparando assim o edifício e os seus usos para o embate funcional de alterações e evoluções já previsíveis; por outro lado, utilizar a localização da nova estrutura, pelo seu pórtico e carácter de equipamento público proeminente, como elemento do já chamado "efeito de catálise urbana", propondo-se, assim, despoletar a requalificação urbana e paisagística de uma zona degradada e desregada.

A reconversão dos caminhos-de-ferro existentes para receber a linha 2 do Metropolitano ligeiro do Porto, a consequente criação de uma nova estação e interface, o fortalecimento de ligações viárias à Zona Industrial vizinha e à Circunvalação, revelam-se, no primeiro caso, como factores decisivos de alteração profunda dos usos da zona. É, de facto, perante tais previsões que o Mercado de Ramalde se deve colocar no eixo longitudinal de novos fluxos de utilização e circulação, aproveitando, com a duplicação do acesso, o encontro das diversas texturas urbanas.

No segundo caso, persegue-se o completamento da estrutura urbana existente através da criação de novas vias mecânicas e peatonais que assegurem, umas, a eficácia funcional e a separação Público/Serviço; outras, uma rede optimizada de ligações aos aglomerados urbanos presentes e às novas funções previstas.

No mesmo sentido, complementam-se ruas inacabadas, estabelecem-se ligações alternativas, qualifica-se o usufruto paisagístico da zona pela inserção de praças e pérgolas, pelo próprio carácter aberto do novo edifício.

De facto, na concepção arquitectónica, e dentro de uma imagem tradicional que nos parece ainda atraente, assumem-se a abertura dos espaços de circulação, a proposta de um dos terraços para mercado sazonal e, finalmente, a criação de dois pátios – ligados ao céu e à paisagem – que se diferenciam pelo tipo de produtos vendidos, pela dimensão, pela própria cor do interior das lojas.

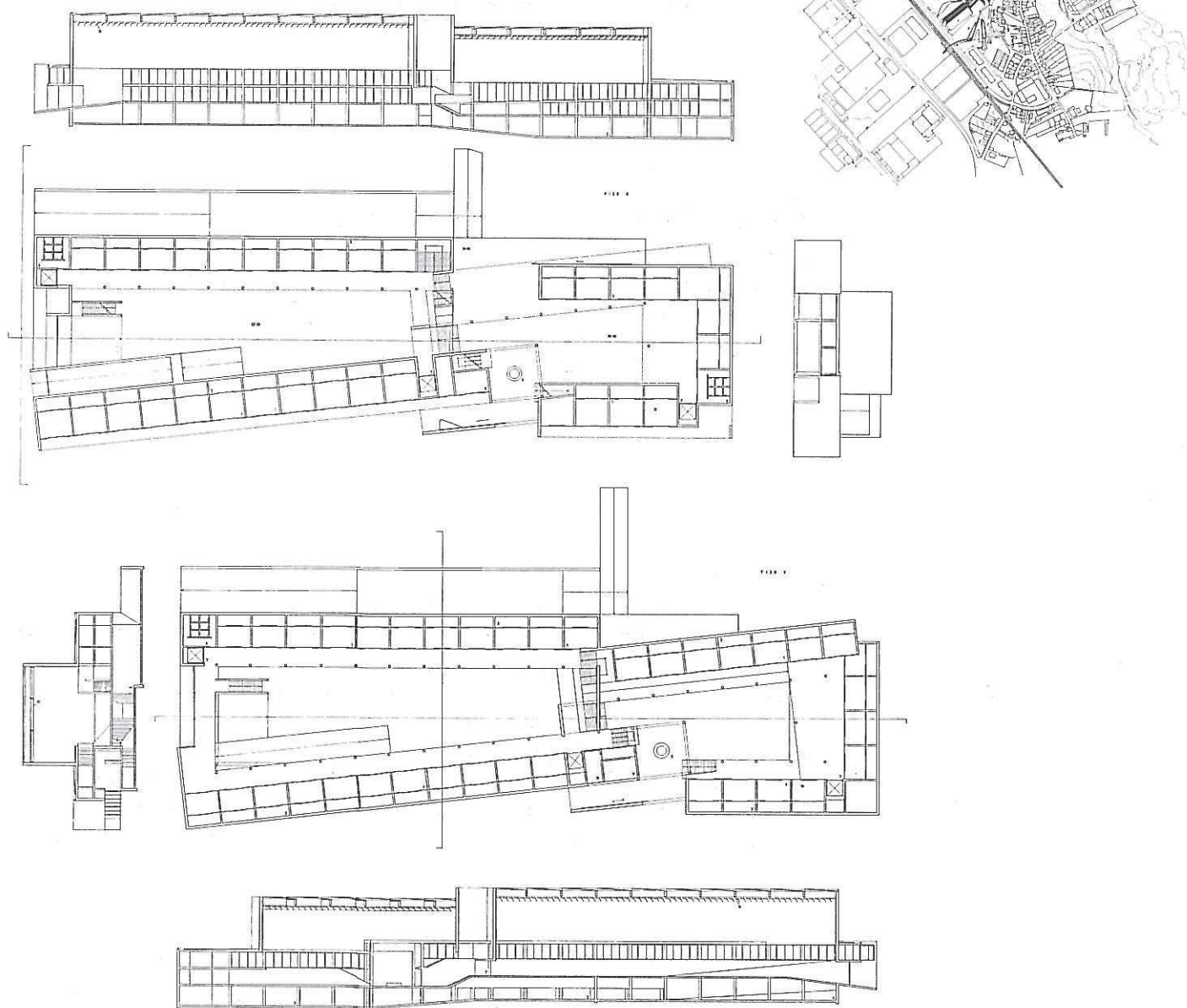
Salvaguardado, pretende-se, no entanto, o conforto físico dos utentes e do pessoal, através da possibilidade de encerrar em vidro os vãos superiores e de utilizar, circunstancialmente, elementos ligeiros de protecção solar.

A separação entre uso público e de serviço é completa, propondo-se uma via mecânica de serviço que, associada a estacionamento e perfeitamente autónoma, procura facilitar o funcionamento escorreito e eficiente do Mercado.

De modo similar, procura-se enriquecer a variedade de percursos internos públicos, oferecendo, através da diferenciação física e funcional do corredor que liga as entradas principais, a vantagem de um atravessamento eventual mais rápido; oferecendo, através da galeria comercial externa, uma possibilidade de circulação efectivamente complementar ao uso específico do Mercado.

Menção Honrosa
Frederico Nascimento
Vasco Pinto
Pedro Brígida
Nuno Correia

Engenharias, Especialidades Gab. Grafermonte (Coimbra)



A área atribuída ao futuro mercado de Ramalde, constitui a confluência de diferentes estratégias económicas e outros tantos modelos de ocupação do território: - a ruralidade: a pequena propriedade, a casa senhorial agrícola, o caminho rural serpenteante; - o espaço residencial suburbano: a casa modesta, as ilhas, as habitações sociais de 60 e 70, a habitação cooperativa em altura, a malha rodoviária; - o horizonte industrial: fábricas, chaminés e o caminho de ferro. Nas incompatibilidades entre estes mundos, poder-se-ia ver a causa de algumas perplexidades sociais. O desenho do mercado aconteceu como derradeira tentativa de clarificar as relações entre os pólos e subpólos já ditos. Do descocerto entre a área de implantação do mercado e essa pretensão se declarou a desconsideração do perímetro expresso no regulamento do concurso.

A perpendicularidade à rua é expressão de um meio rompimento com o eixo rodoviário, e da necessidade de trazer o centro cívico, peatonal, para o largo paralelo e fronteiro ao mercado que quer, a todo o custo articular as duas malhas urbanas beligerantes - as grandes bandas de habitação social e a malha mais antiga que irradia da rua de Ramalde do Meio.

Entendeu-se ainda sugerir a colocação de um edifício de lojas a conformar o largo, a implantação de uma estação do metropolitano de superfície, e um atravessamento pedonal da linha em passadiço sobreelevado. Defende-se, nos terrenos para Norte do mercado, a permanência do espaço verde no espaço urbanizado.

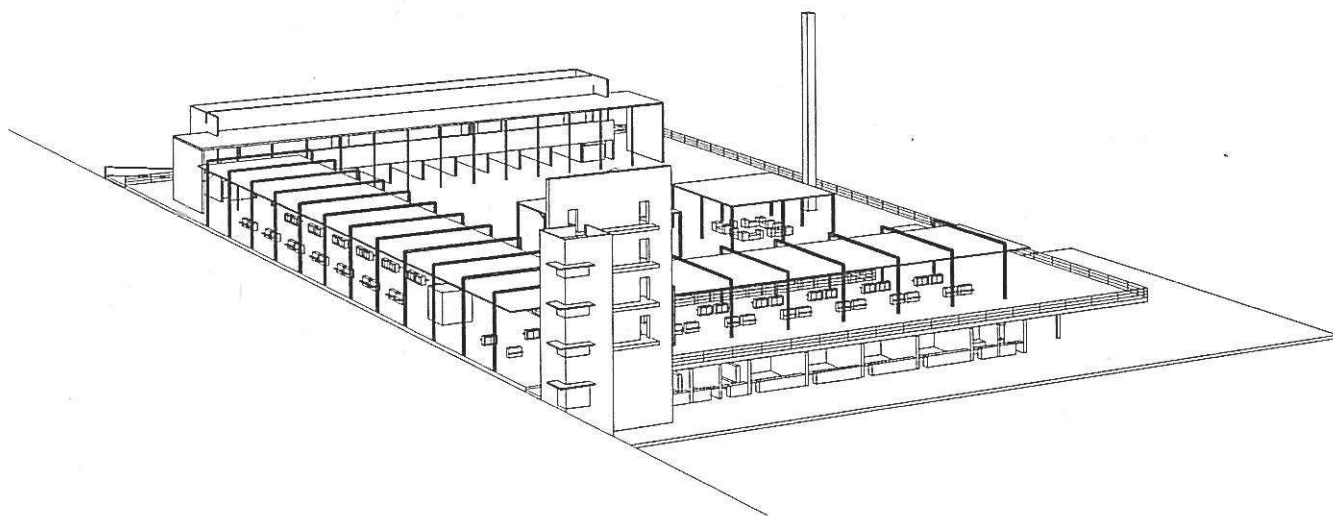
O mercado - equipamento público preponderante do território envolvente - pretendeu assumir carácter representativo. De todos os elementos de que dispõe, o arquitecto entendeu distinguir um: o espaço-luz. O mercado cresceu da articulação de uma nave longilínea e de dois pisos de lojas em galeria. A nave central, coberta, é a luz e a respiração do mercado - uma segunda atmosfera.

Esta nave longitudinal, por pressões do exterior e pela criação de um percurso que atravessa transversalmente o mercado sofre a desmultiplicação em dois sectores distintos desnivelados. A partição da nave em dois, é afirmada pela torção de uma das partes. As galerias não ficam indiferentes a esta desarticulação - tomam partidos, deslocam-se em afirmações perspécticas e dinâmicas. Os elementos de circulação vertical instalam-se nas linhas de falha dos espaços em luta. A iluminação fez-se zenital e indirecta para acentuar o peso e gravidade do espaço e contrariar alguns desvarios da forma e do desenho. Fez-se directa e colocada para confirmar esses desvarios.

Menção Honrosa

Liseta Auzenda Valente de Almeida

Projecto Geral Liseta Auzenda Valente de Almeida, Eugénio Macedo, Óscar Marques Couto, Gabriela Matias **Colaboração** DANCOP – **Desenho Assistido por Computador, Lda.,** Pedro Costa, Joaquim Marques, Manuel Freitas, Alexandra Lourenço, Maria João Pimentel **Arquitectura Paisagista** Catarina Assis Pacheco **Fundações e Estruturas** Pedro Manuel Tavares Vieira da Costa **Instalações e Equipamentos Eléctricos** GATENGEL – Fernando Jorge Loureiro Ferreira **Instalações e Equipamentos Mecânicos** GATENGEL – Pedro Manuel Fenos Gordinho **Instalações e Equipamentos de Águas e Esgotos** Pedro Manuel Tavares Vieira da Costa



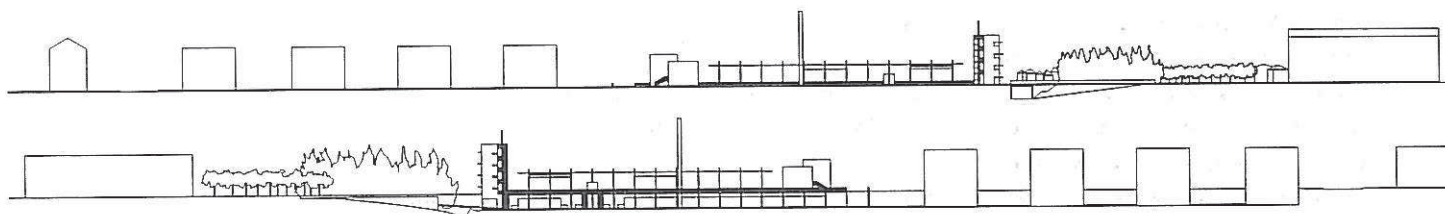
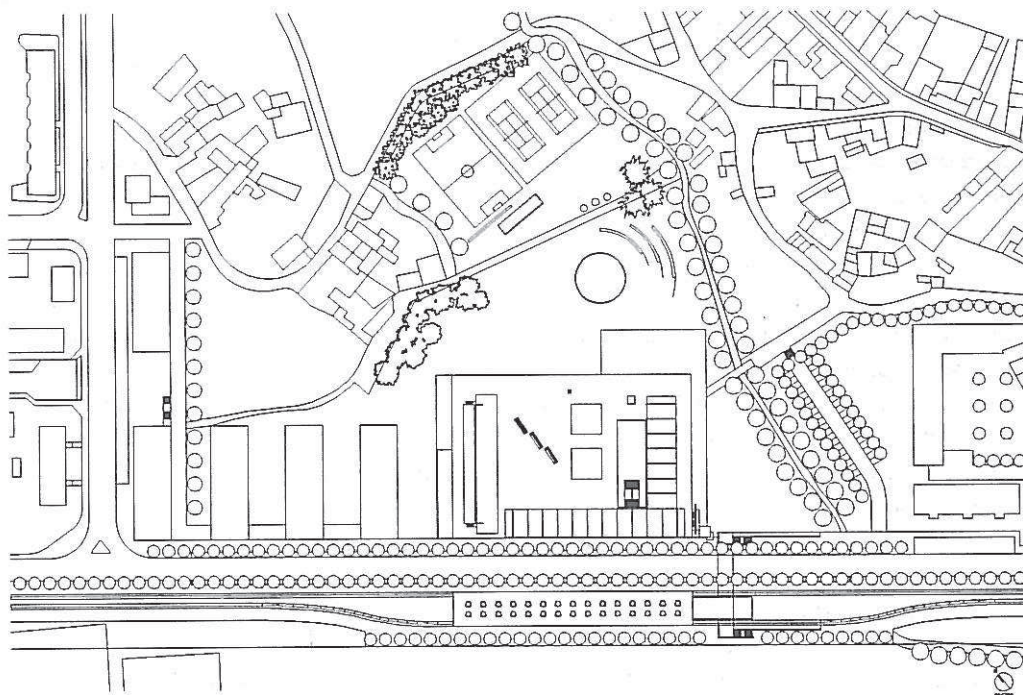
Concepção formal do mercado

Conceptualmente o mercado é dado por uma praça: local cívico, social e comercial de um aglomerado urbano. Formalmente concretiza-se através de uma grande plataforma: elemento de requalificação urbana da área de intervenção.

O "edifício único" preconizado no programa do concurso é entendido como espaço urbano único que articula elementos diferenciados estrategicamente localizados num todo contínuo.

A inversão do "cheio" pelo "vazio" retoma o conceito do mercado tradicional, entendido como um espaço aberto e dinâmico onde a aquisição de bens proporciona o usufruto livre do local. A este princípio é associado outro conceito de mercado, entendido como um espaço construído e fechado devido às infraestruturas de apoio à função comercial. Estes conceitos, aparentemente contraditórios, permitem-nos formalizar um objecto urbano e arquitectónico que conjuga e interpreta os princípios referidos.

43



Menção Honrosa

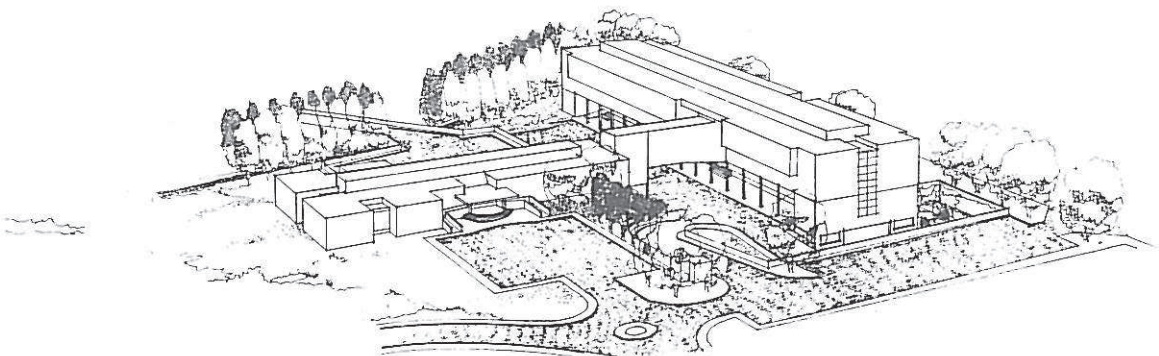
J. Carlos Loureiro

L. Pádua Ramos

J. Manuel Loureiro

GALP, Lda

Colaboração M. Noémia Coutinho



Quando visitamos o local impressionou-nos violentamente a desarticulação da paisagem que tendo começado por ser um povoado rural entre o Porto nuclear e a circunvalação do fim do século XIX, atravessado pela linha do caminho de ferro (tão familiar que era aproveitada pelos Romeiros da Senhora da Hora e de Matosinhos), comporta agora a zona industrial que bordeja a Avenida Marechal Carmona, as urbanizações de diferentes bairros camarários (11 na freguesia), a poluição da ribeira que, vinda de Paranhos e da Prelada faz aqui, ainda a céu aberto um meandro de 300° para ir, muito mais a sul, vencer desníveis nas cascatas dos bairros da Moureira e depois desaguar no Ouro.

O terreno encontrado para implantar o mercado parece ser, de facto, o lugar geométrico dos acontecimentos arquitectónico-urbanísticos de Ramalde do Meio (que é etimológica e geograficamente, por sua vez, o lugar geométrico dos três Ramaldes); assim sendo, a nosso ver, ele, será o "novelo" com que se irá cerzir, na medida do possível o tecido urbano, tão fragmentado, empobrecido, difícil. O autocarro 77, que percorre a rua de Ramalde do Meio, orgulha-se de o fazer de 7 em 7 minutos; isto significará que uma boa parte da população o utiliza demandando diferentes serviços quer no Porto, quer na periferia da Circunvalação, saindo, mais que entrando.

A ideia do mercado neste sítio constitui pois, a oportunidade para recuperar o valor do "ágora" grego, local de todos os encontros, de todas as linguagens, de todas as trocas. Ele poderá, deverá ser a praça centro cívico, feira, sala de visitas, casa comum.

Propomos a formalização do mercado de bens alimentares um rectângulo longo, paralelo à rua D.^o João Coutinho (que se constatou sub aproveitada) e para a do "centro cívico" o outro lado, a noroeste, que faz a perfeita articulação entre os núcleos de Ramalde do Meio e do Viso (semidestruído a abertura da rua Ferreira de Castro); para além disso, como margina a ribeira, permitirá o seu aproveitamento – executada a despoluição – juntamente com os terrenos agrícolas ainda existentes. Propor-se-á a criação de um parque público com prados, árvores, um lago (que resulta do alargamento do ribeiro) espaço onde toda a população encontrará algum sossego, alguma calma do tempo, numa relação de gerações.

O eixo que vai ligar os dois edifícios aponta a Nordeste, a belíssima Casa do Rio, que aglutina sabiamente, capela, habitação nobre, anexos agrícolas com raiz no século XVII e desenvolvimento oitocentista. Como diria Álvaro de Campos "dá surpresa de ser" e será um estupendo remate para a perspectiva do parque.

A partir do exposto é quase imperiosa a necessidade de reformular, recuperando em boa parte caminhos abandonados, todo o grande quarteirão, rua de Ramalde do Meio, rua D.^o João Coutinho, rua Ferreira de Castro e rua Direita do Viso. Essa tomada de posição passará por:

- a) A despoluição da ribeira e a sua manutenção a céu aberto, com aves, pássaros, canaviais, árvores de flor e cheiro, moitas de arbustos rústicos.
- b) A recuperação de algumas casas agrícolas que ainda cultivam as margens do regato, organizando-as como um museu aberto onde se tentasse manter ofícios, artes e labores que vão morrendo aos poucos. Só a título de exemplo lembramos uma padaria, uma olaria, uma oficina de ourives, um atelier de tecelagem e rendas, um herbanário, um horto, uma mercearia, um atelier de costura.

No conjunto seriam articulados, desde que benvindos, uma casa de chá, salas de convívio, um sítio para dançar, outro para ouvir música; possuindo a freguesia de Ramalde vinte e duas colectividades de natureza diferente (sociais, desportivas, musicais) duas ou três delas aqui se poderiam instalar.

- c) A recuperação do troço da antiga rua Central do Viso (abandonado e cheio de ervas) que atravessa na diagonal o quarteirão; no "miolo", desdobrar-se-ia em dois ramos, um pedonal integrando o circuito do "museu aberto", outro para veículos, circular, donde irradiarão os vários arruamentos de ligação à envolvente.

- d) A proposta de loteamentos razoáveis para os dois gavetos da rua Ferreira de Castro (que se nos afigura uma grande estrada que serve só os extremos dos bairros); organiza-se assim, uma frente urbana que vitaliza e rentabiliza e faz da rua um processo orgânico de ser cidade.

Menção Honrosa

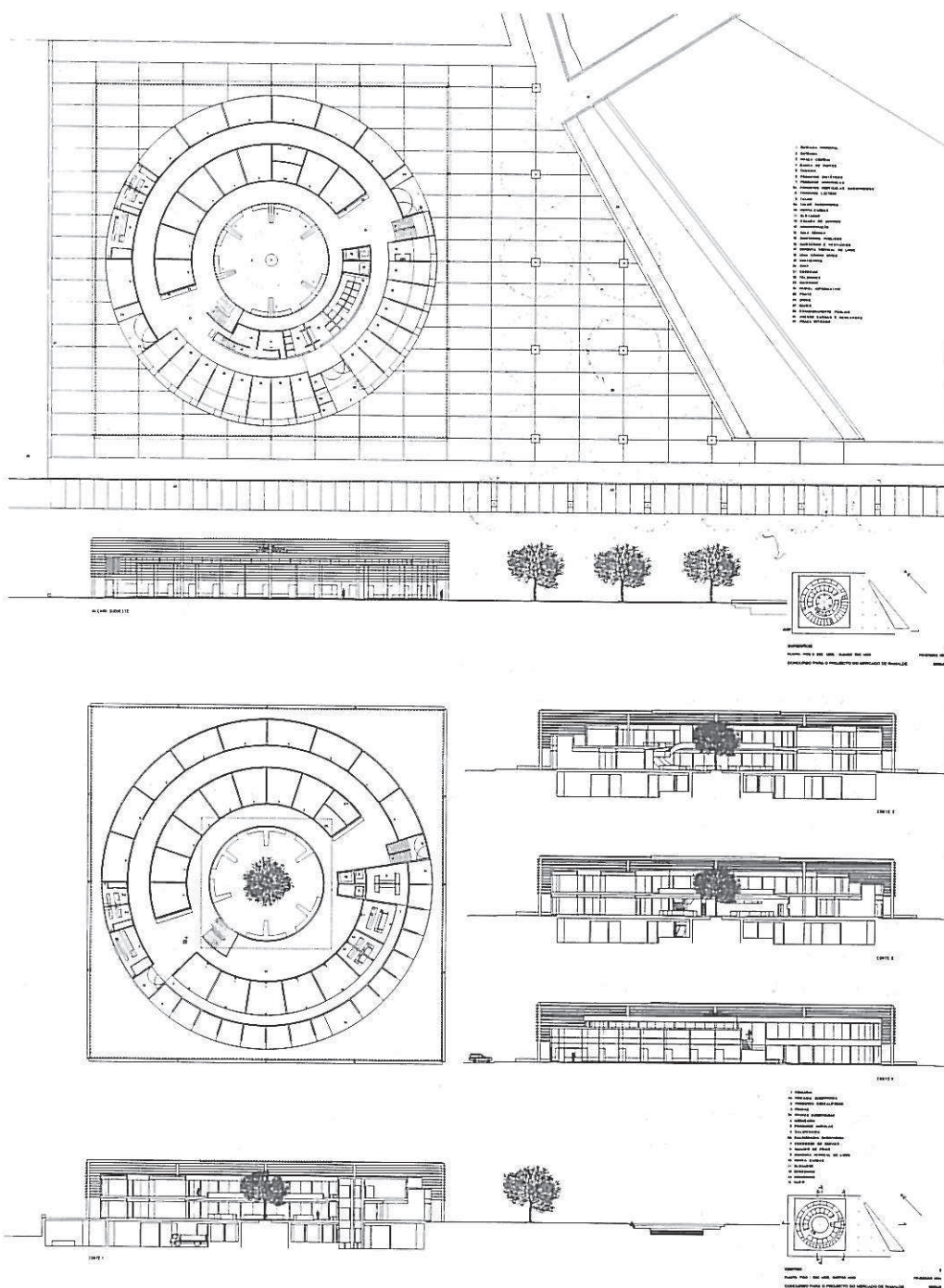
Pedro Pacheco

José Adrião

Francisco Vassalo Monteiro

Gonçalo Costa Martins

Estruturas António Gaspar Freitas, Albino Estelita Costa Sistemas Franklím Morais Pereira, Paulo Lousinha Maquetista Álvaro Negrello



Um edifício de Mercado é um lugar gerador de movimentos.

A envolvente do edifício proposto, é uma zona pontuada por elementos diversos e descontínuos entre si. É uma zona fragmentada, onde não existe um centro que permita que no agregado se gere uma ordem.

O edifício do Mercado, propõe-se então, como um centro à área envolvente à zona de intervenção. Um edifício gerador de ordem no meio das descontinuidades existentes.

O edifício, definido como um cilindro, é um agregado de várias lojas de venda de produtos, dispostas em continuidade à volta de uma praça que se assume como o espaço identificador do interior do edifício. Uma árvore plantada no seu centro representa tanto o tempo contido na sucessiva mudança das estações, como também a memória (a repetição do tempo alternado das estações), significando o ciclo ininterrupto de movimento característico a um edifício com este carácter. Nesta pequena praça coberta, à qual se tem acesso a partir de duas entradas, encontram-se as bancas das flores.

Entre as lojas criam-se corredores circulares, estabelecendo a ideia de percurso sem princípio nem fim, e de modo a caracterizar os espaços de venda de um modo idêntico independentemente do seu posicionamento. Todas as lojas têm uma superfície de vidro, ou uma grade metálica, permitindo uma transparência em relação à periferia e ao centro. A plataforma, tanto na superfície onde está implantado o edifício cilíndrico, assim como a área exterior ao edifício, é uma zona coberta.

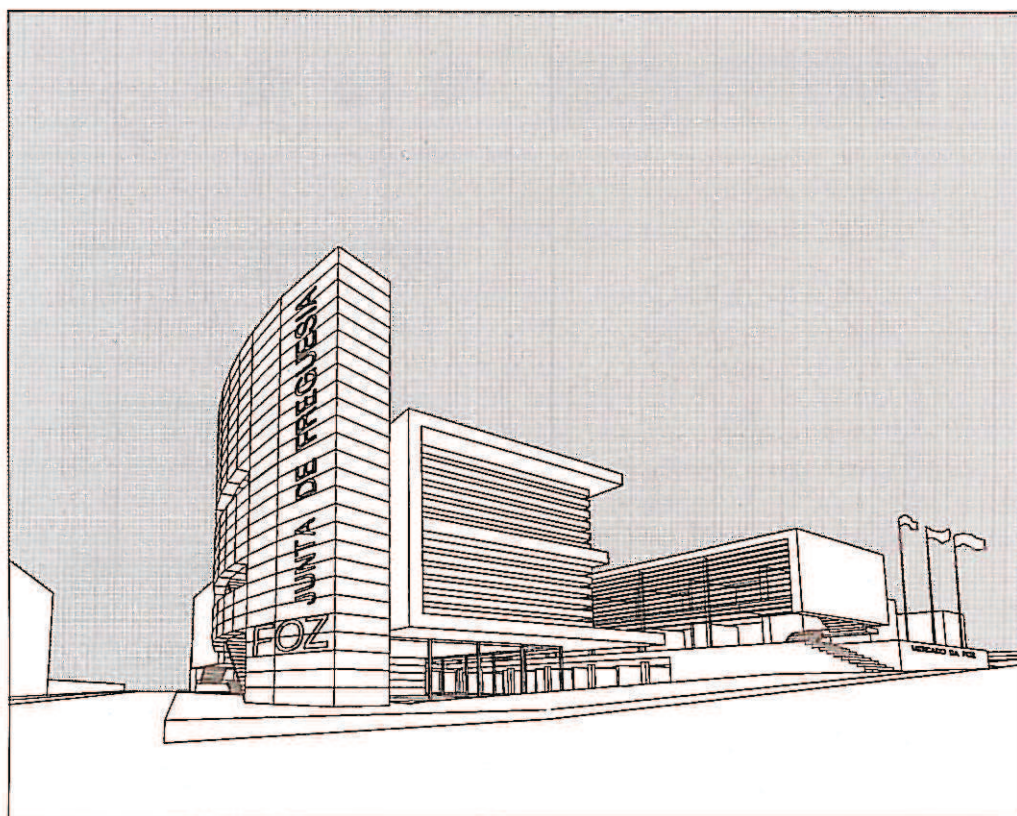
Um revestimento de lâminas de metal envolve todo o edifício de Mercado, e um coberto arbóreo cobre o espaço exterior de praça criando um tecto contínuo em toda a área e reforçando o carácter de espaço de estar e de lazer essencial à definição de um edifício público.

Concurso para o Reordenamento do Mercado da Foz e Terrenos Municipais Anexos - Porto

1º Prémio

Alexandre Teixeira da Silva
Nuno Rodrigues Pereira
Miguel Ribeiro de Sousa

Colaboração Cristina Roque, Isabel Eiras Estabilidade e Estruturas Aires Pereira Instalações Mecânicas Rodrigues Gomes Instalações Eléctricas Pais Marques Instalações Hidráulicas Rui Enes



A elaboração do projecto de reordenamento do Mercado da Foz e Terrenos Municipais Anexos implica necessariamente uma reflexão crítica sobre o programa proposto, e a compreensão da sua dinâmica de funcionamento de modo a otimizar a utilização (conjunta e em separado) do mesmo pelos diversos grupos de utentes.

Conjugando estes elementos com o conhecimento do terreno e a sua envolvente próxima, o projecto parte de um conjunto de considerações às quais pretende dar resposta clara através da solução arquitectónica proposta.

Os diversos sectores que compõem o programa dividem-se em três grupos distintos, Mercado, Galeria Comercial e Junta de Freguesia.

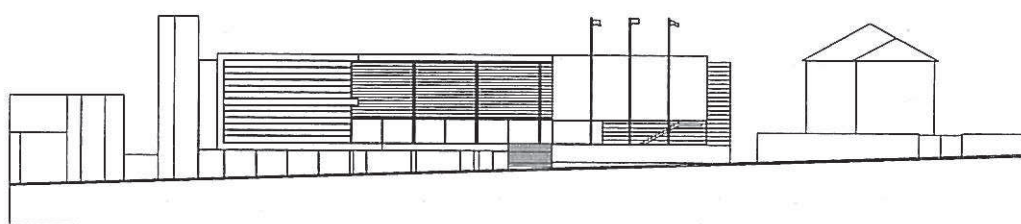
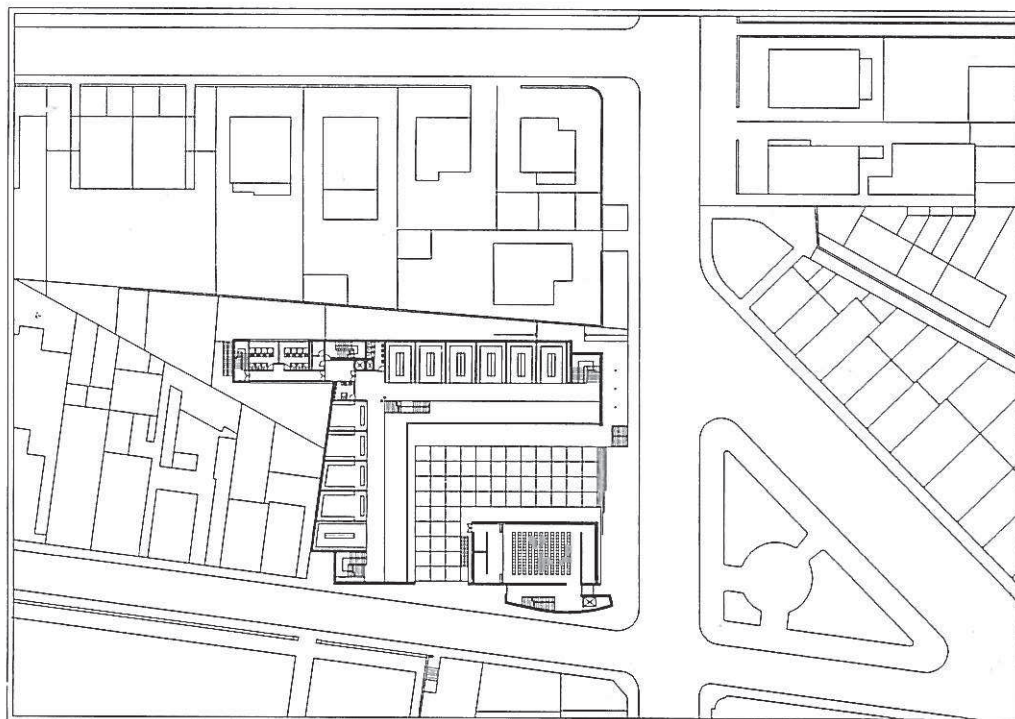
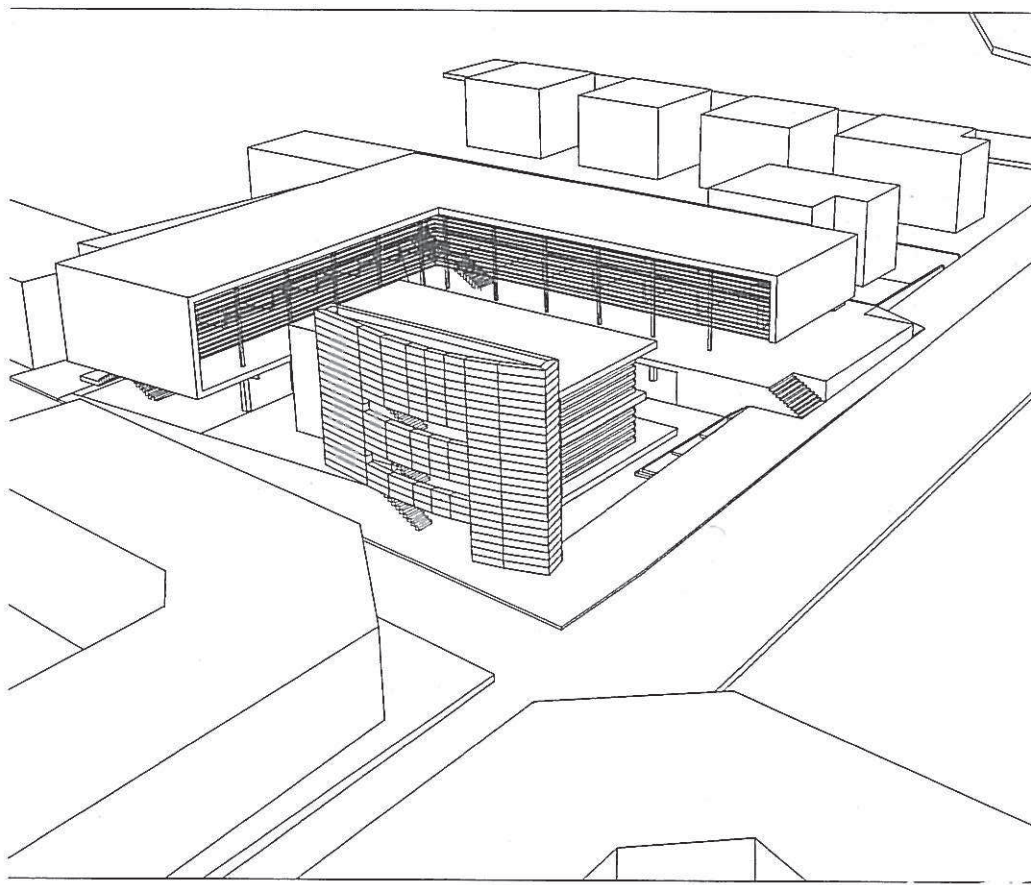
Assim, propomos um edifício em "L", que inverte o cunhal e alberga o Mercado e a Galeria Comercial, abrindo o interior do quarteirão, e criando uma plataforma a meio piso entre as duas ruas, onde assenta, isolado, o edifício da Junta de Freguesia, que conforma o cunhal.

A Galeria Comercial, está colocada de nível e com acesso directo pela "praça pública", de modo a potenciar uma utilização directa e alargada por parte dos utentes.

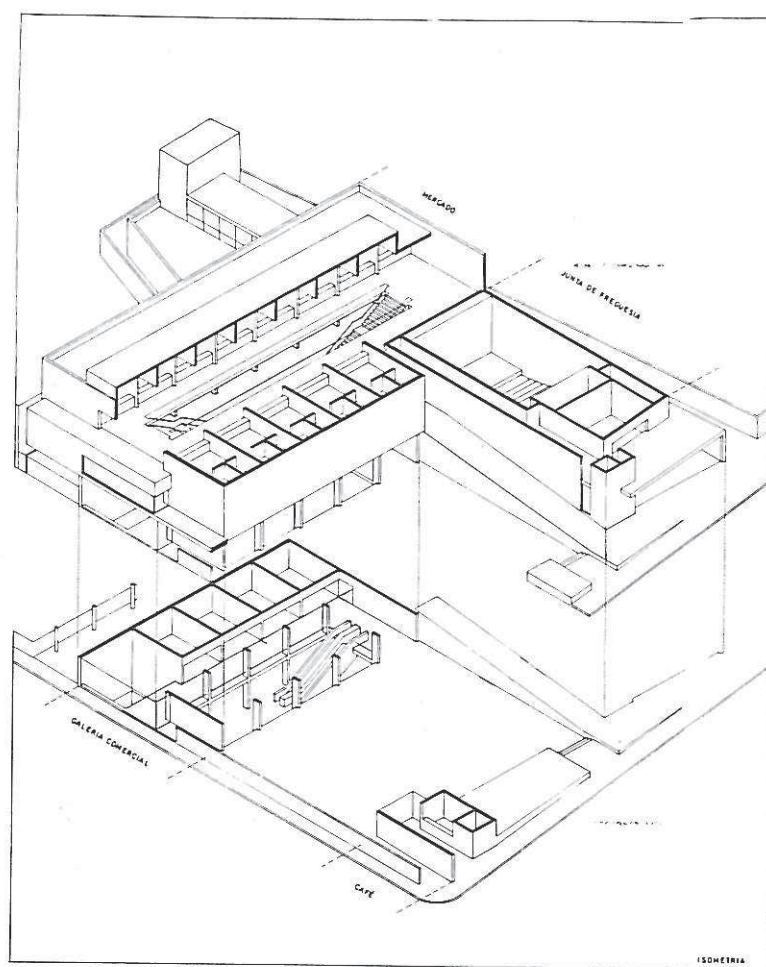
O Mercado organiza-se nos dois pisos superiores e relaciona-se com a praça através de um pé direito duplo enviaçado. As circulações verticais – escadas e elevador – localizam-se no ângulo e nos extremos do edifício, com acesso directo a partir das ruas.

Os diversos serviços de apoio ao mercado situam-se no prolongamento da ala sul do mercado, para o interior do quarteirão.

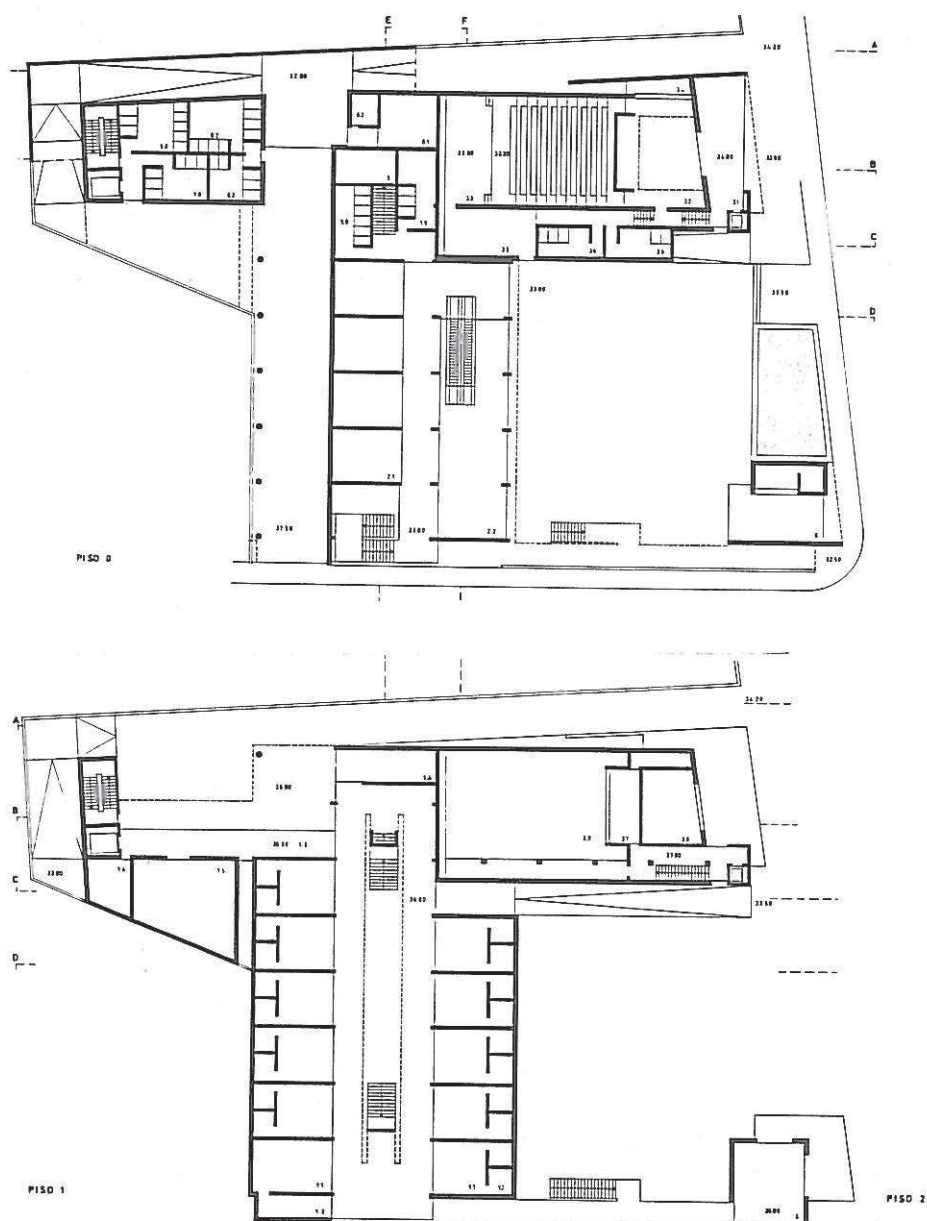
Procura-se assim dinamizar e otimizar os vários percursos através da utilização quotidiana dos vários sectores.



2º Prémio
Sérgio Losa Ramalho



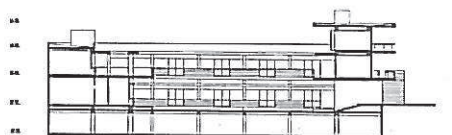
48



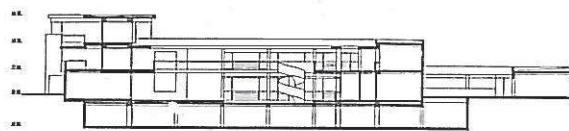
3º Prémio

**Patrícia Matias
Ana Lúcia Barbosa**

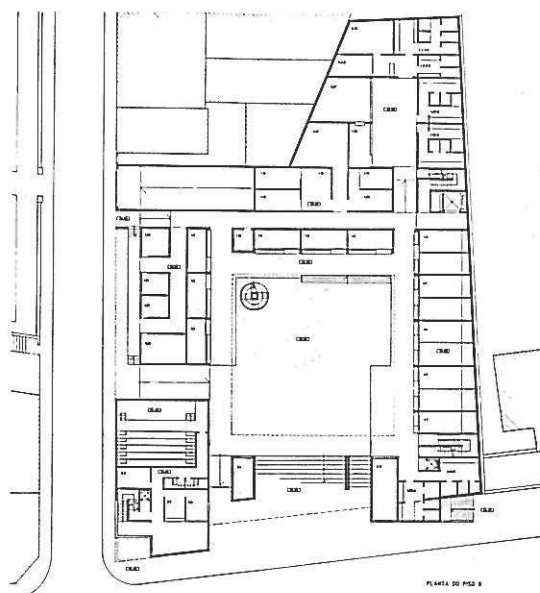
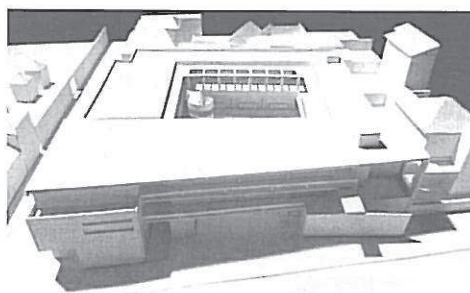
Colaboração Nuno Maia Malta, Leonor Vaz Pato, António Tudela, Mafalda Barbosa Estrutura Fernando Eça Guimarães Electricidade, Segurança e Ar Condicionado EPPE, Estudo Prévio Projectos de Engenharia, Lda. Águas e Esgotos Renato Ventosa



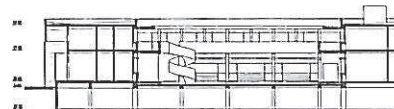
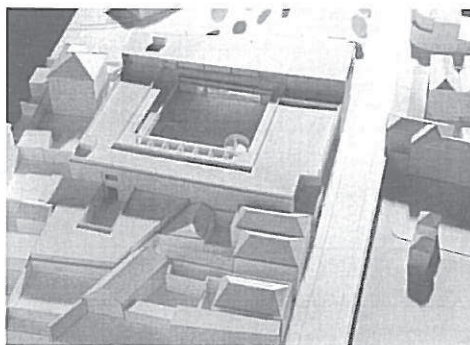
CORTE 1



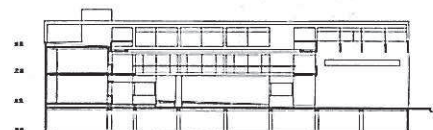
CORTE 4



PLANTA DO P22 2



CORTE 1



CORTE 2

Relativamente ao sítio de intervenção deste concurso, para além dos aspectos formais, dos edifícios existentes no interior do quarteirão do Mercado da Foz, como o "Lavadouro", o "edifício do P.T.", parece-nos prioritária a integração espacial do quarteirão num edifício de carácter único e global. Surge como objectivo criar um novo equipamento de interesse urbano nas suas relações, interespaiais e funcionais com a envolvente.

A solução desenvolve-se em torno de um espaço central quadrangular, a "praça" de carácter público à volta da qual se distribuem os vários sectores independentes, quer funcional quer construtivamente, com acessos específicos, permitindo a sua total autonomia em relação ao exterior. Destacam-se com clareza e legibilidade a localização e interrelação dos três principais sectores do equipamento: Mercado, Junta de Freguesia e Galerias Comerciais. É de reforçar o carácter de uma leitura coerente, global e unitária de todo o edifício.

O Mercado circunda a praça distribuindo-se os estabelecimentos de venda em galerias abertas em dois níveis. O acesso principal é feito pelo topo aberto ao largo do Jardim Antero de Figueiredo. A Junta de Freguesia, desenvolve-se em três pisos e define-se como charneira no desenvolvimento das frentes das ruas Corte Real e Rua de Diu.

O corpo das Galerias Comerciais, fecha a praça a Sul em dois níveis, voltando-se para o jardim sob o pórtico da entrada de acesso ao mercado.

Esta proposta procura criar alternativas de percursos aos da Rua de Corte Real e Rua de Diu, oferecendo o atravessamento ao interior do quarteirão na sua diagonal pelo interior da Praça e pela passagem direccionada ao actual edifício da Junta de Freguesia.

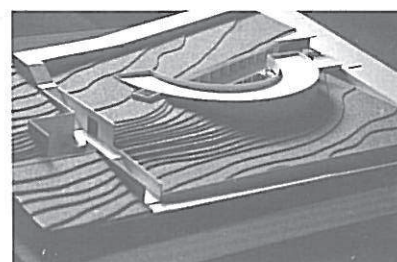
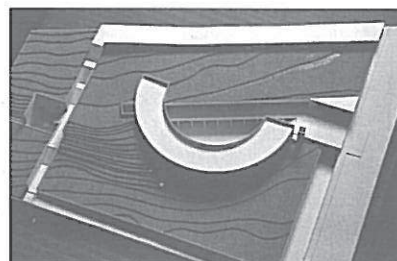
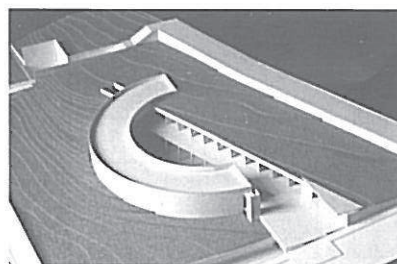
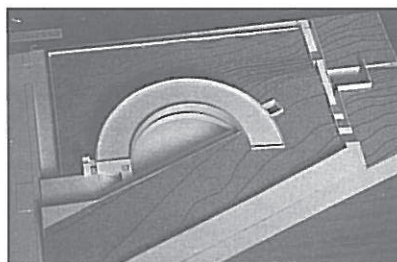
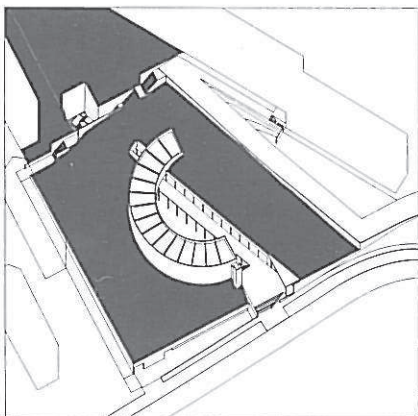
A fachada dá para a Rua de Diu (eixo viário importante e de ligação entre a Praça do Império e o Rio) integra as entradas dos três sectores já mencionados. Esta assume-se como uma membrana onde se procurou criar diversas situações de transparência, luminosidade e relação com o exterior e o espaço interior-praça.

Em relação à sugestão do reordenamento do Jardim Antero de Figueiredo o objectivo foi clarificar as ligações com o edifício projectado e com a envolvente reformulando o espaço destinado ao estacionamento e sugerindo a introdução de um equipamento de mobiliário urbano, que integre a cabine telefónica, o espaço necessário para a publicidade e um quiosque integrado numa zona de lazer que possibilite uma vivência efectiva deste jardim.

Concurso para o Projecto do Mercado da Mouteira – Lordelo

1º Prémio

José Maria Carreira Quinta
António Silva Borges
Celestino Braga Araújo



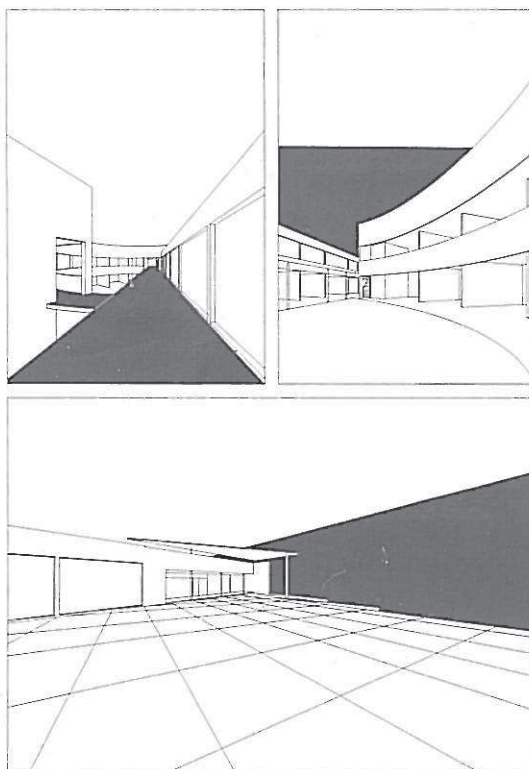
50

Quando se vai a um mercado fica
sempre a forte impressão de
afecção dos sentidos
espaço de socialização

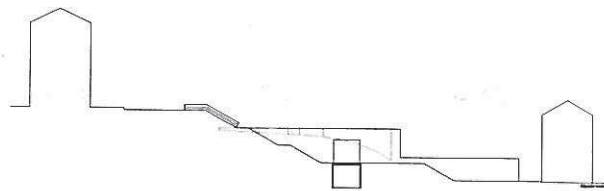
Um mercado tem uma forma?
A rigidez do traçado viário opõe-se a
um terreno expressivamente
movimentado
tensão que se transforma em tema e
objecto de arquitectura

Percurso, eco de regra
visceralização de espaços
semi-círculo, introversão e autonomia
da forma que a função sugere e o
terreno favorece

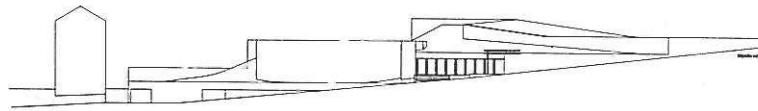
Justaposição, oposição, penetração
jogo das formas puras num diálogo que
se procura sentido e com sentido
Momentos lúdicos de duplicidade e
cumplicidade.



ALÇADO NORTE



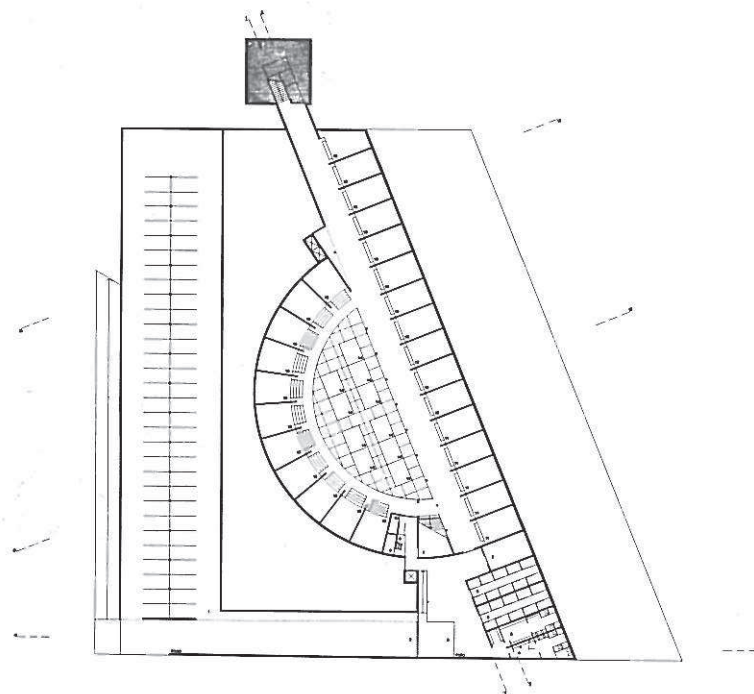
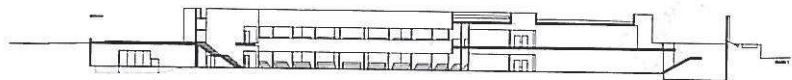
ALÇADO SUL



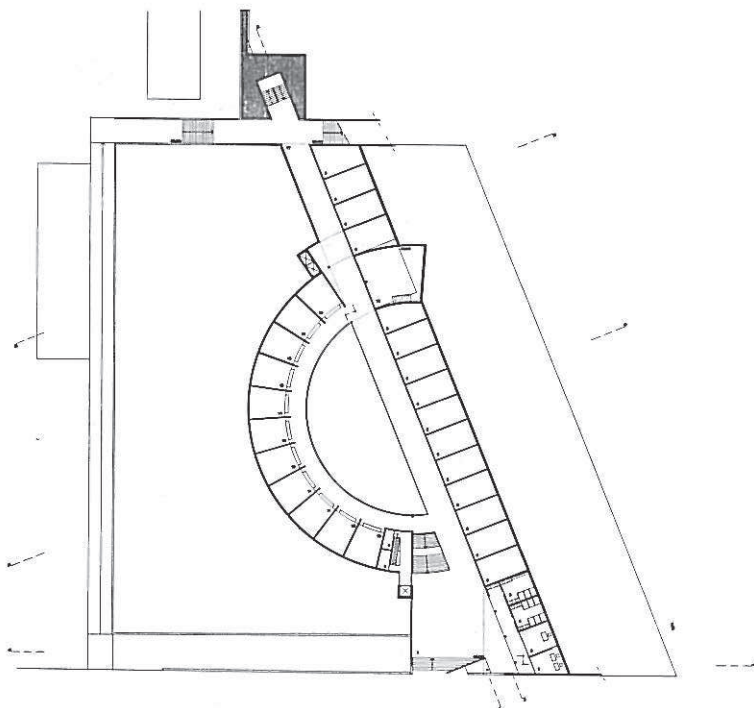
ALÇADO OESTE



CORTE 1



- Legenda:
1. Parque de estacionamento
 2. Entrada de serviço
 3. Casa de descarga
 4. Sanitários e vestíbulos (homens)
 5. Sanitários e vestíbulos (mulheres)
 6. Armazenamento individual
 7. Armazenamento coletivo
 8. Entrada de serviço
 9. Armazenamento a longo prazo
 10. Recreio de fim
 11. Tiro
 12. Sala de jogos
 13. Piscina
 14. Venda de frutas e legumes
 15. Venda de produtos típicos
 16. Venda de produtos típicos

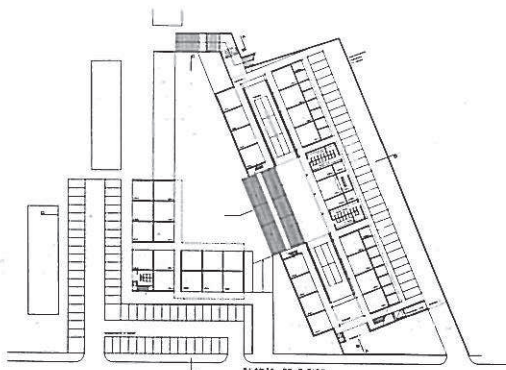


- Legenda:
1. Entrada principal
 2. Funcionários
 3. Armazenamento
 4. Sanitários públicos (homens)
 5. Sanitários públicos (mulheres)
 6. Loja comercial
 7. Entrada de serviço
 8. Armazenamento a longo prazo
 9. Recreio de fim
 10. Piscina
 11. Venda de produtos típicos
 12. Venda de produtos típicos
 13. Venda de produtos típicos
 14. Venda de produtos típicos
 15. Mercado de mercadorias
 16. Café-bar
 17. Entrada secundária

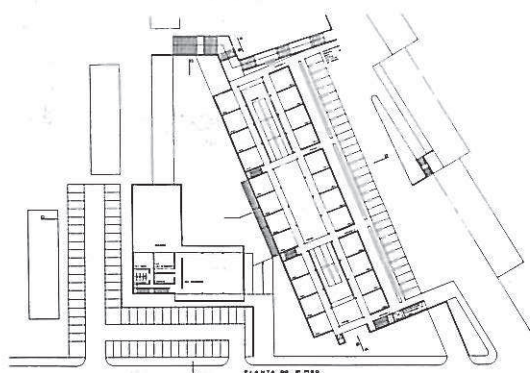
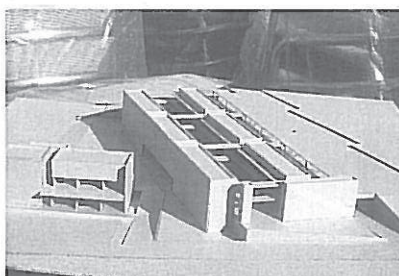
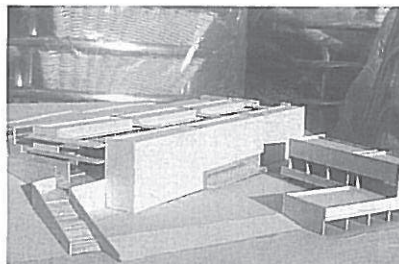
2º Prémio

Pedro Miguel Pinto Duarte

Co-autora Anabela da Silva Leilão



PLANTA 1º PISO



PLANTA 2º PISO

52

A solução de arquitectura que elaborámos para o Mercado da Mouteira, procurou responder a uma necessidade de valorização da área de intervenção, constituindo uma proposta urbana em que se ocupa todo o terreno disponível por um conjunto de dois edifícios interrelacionados e complementares, no entanto autónomos administrativamente: o Mercado de Abastecimento de Bens Perecíveis e o Centro Cívico, com área comercial e área recreativa.

Na implantação dos dois edifícios optou-se pela localização do Mercado na área de terreno de cota mais elevada, pois este permitia configurar o arruamento já existente (descaracterizado), a Nascente, numa ligação da plataforma desta rua com a área Poente do terreno, a cota inferior, onde se implantou o Centro Cívico (...).

Do "conflito" das duas massas construídas, o Mercado e o Centro Cívico, resulta uma praça pública onde confluem todos os percursos peatonais constituindo por isso um "centro" da área de intervenção. (...)

O edifício do Mercado desenvolve-se em dois módulos paralelos de dois pisos, interligados por quatro corredores cobertos. A entrada principal, de acesso directo para a Rua da Pasteleira, é demarcada pela torre do elevador bem como do bloco de escadas principal, de acesso ao piso superior. Depois de um percurso linear, com lojas de ambos os lados, atinge-se o centro da área de terrado, onde se localizam as principais funções comuns ao público e aos comerciantes (...).

No piso superior, apenas de lojas, abre-se um vazado sobre o terrado, onde se privilegia a circulação peatonal em torno desta área (...).

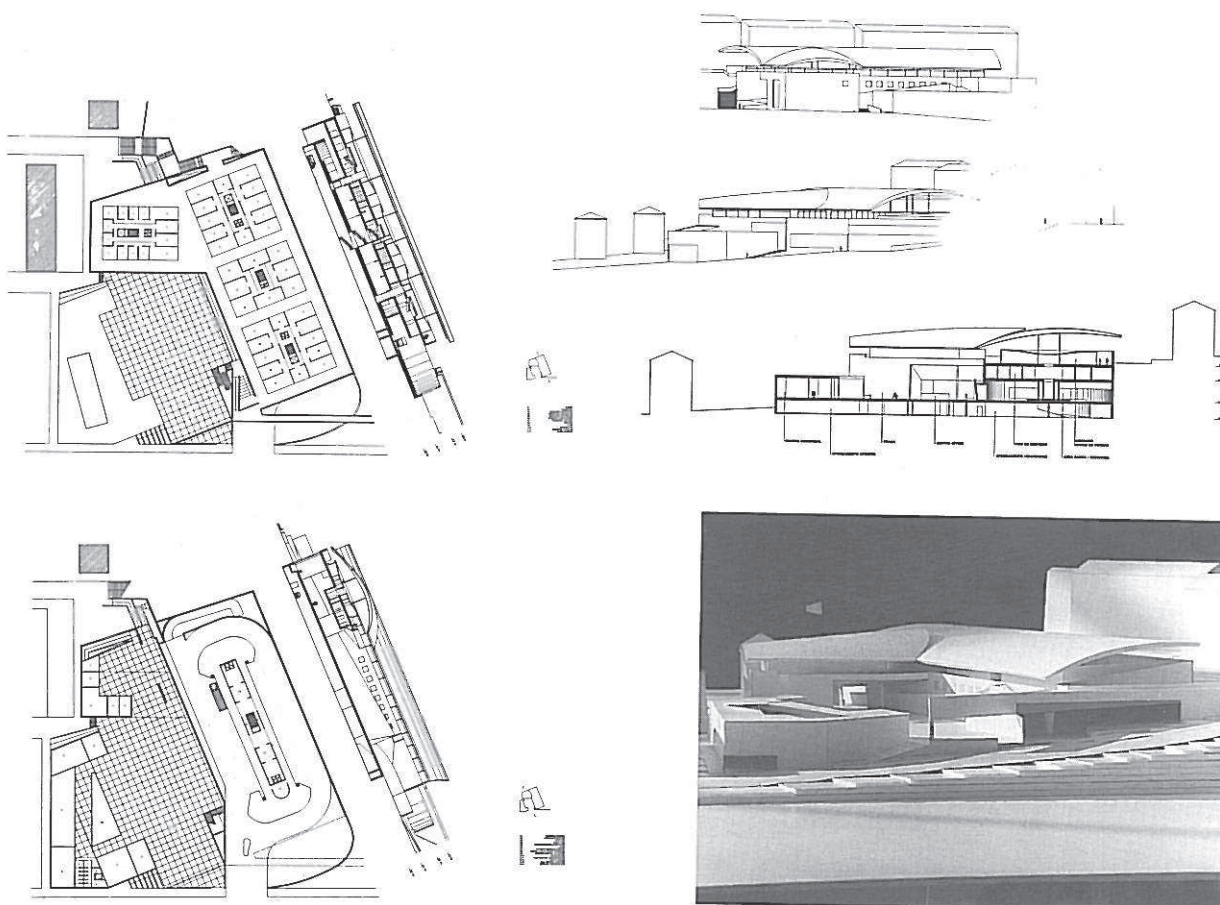
O edifício do Centro Cívico, desenvolve-se em dois pisos, sendo o primeiro apenas de lojas, incluindo os serviços CTT, STCP, sanitários públicos, telefones e multibanco, (sendo estes últimos no corpo principal do edifício). O segundo piso é o Centro Cívico, propriamente dito, com um grande salão polivalente (ginástica, conferências, filmes, festas) sobre a praça pública definida anteriormente, sala de convívio, bar, administração, balneários e recepção. Privilegiou-se também uma zona de esplanada-terraço sobre a praça, com corredor de ligação exterior à sala polivalente.

Relativamente aos acessos do conjunto dos dois edifícios, o Mercado e o Centro Cívico, procurou-se responder a todas as ligações necessárias para a máxima interrelação de espaços, pelo que se dotaram os percursos de diversas hipóteses de circulação horizontal e vertical (...).

Em todas as fases do projecto foi tida em principal atenção a condição humana de habitar a cidade em harmonia, na sua situação particularizada de bairro integrada num contexto cultural mais lato que é a vida urbana do Grande Porto.

3º Prémio

Adalberto Gonçalves Dias
Raffaele Leone
Daria Laurentini



A ideia geradora:

A presente proposta para o edifício do novo Mercado da Mouteira surge de algumas necessárias considerações de carácter social e funcional.

Dadas as características proeminentemente residenciais da freguesia com consideráveis carências de infraestruturas comerciais e socializantes, o presente projecto, além de ser uma solução urbanística, apresenta-se como um organismo de "completamento social" com o objectivo de dar uma resposta adequada às exigências da freguesia, oferecendo serviços e oportunidades.

O edifício do Mercado aqui apresentado propõe-se como um pólo de atracção, graças não só às múltiplas funções comerciais que promove, mas também devido aos espaços e serviços que oferece, visando constituir-se como "a praça viva" da freguesia, o que assegura, desde logo, a rentabilidade da intervenção.

Do ponto de vista funcional, o presente projecto propõe um sistema moderno e dinâmico de aprovisionamento e distribuição das mercadorias.

Todas as operações de carga/descarga e de distribuição das mercadorias são efectuadas em sítios apropriados, sem interferir no trânsito viário local nem com os utentes do próprio edifício.

A distribuição das mercadorias no interior do edifício é realizada, na vertical, através de monta-cargas.

Concretamente, propõe-se que os veículos acedam ao interior do edifício, por um acesso específico, a um sistema de cais para o descarregamento das mercadorias, as quais, com carros de mão (ou motorizados) percorrem um breve trajecto e, quando necessário, são sujeitas ao controle de qualidade e de sanidade, e depois, através de elevadores, são transportadas ao piso superior – que denominaremos de serviço – para armazenamento temporário (câmaras frigoríficas, locais ventilados, arrecadações individuais) ou eventuais trabalhos preliminares (limpeza, embalagem, preparação prévia).

Daqui, com o mesmo sistema de monta-cargas, as mercadorias chegam ao piso superior do Mercado propriamente dito.

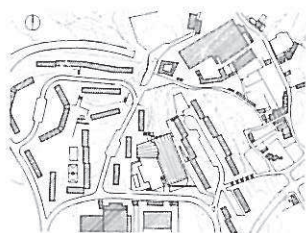
Os lixos produzidos quotidianamente percorrem, em sentido contrário, o mesmo percurso, para serem recolhidos pelos veículos municipais junto aos cais de carga/descarga.

Esta proposta funcional, que garante condições de higiene e segurança para os operadores e para os utentes, cremos ser o ponto forte deste projecto.

De um outro ponto de vista, o presente projecto recupera a traça de percursos transversais que se consolidaram no terreno no curso dos anos, com vias directas e rápidas, alternativas ao sistema "oficial" de escadas e ruas.

Apropriando-se dos percursos "sugeridos" pelos habitantes do lugar, o edifício propõe-se com um espaço "já conhecido", cúmplice dos hábitos locais, coligando as diversas cotas do terreno, amalgamando percursos consolidados e novas funções e serviços.

Do ponto de vista morfológico, o edifício disfruta da notável diferença de cota existente na direcção Este-Oeste para propôr duas praças a cotas diferentes: uma coberta destinada ao Mercado e a outra, a cota mais baixa, para Centro Cívico, comercial e de lazer.



Menção Honrosa

André Miguel Guimarães dos Santos

NÃO FORNECEU ELEMENTOS

Menção Honrosa

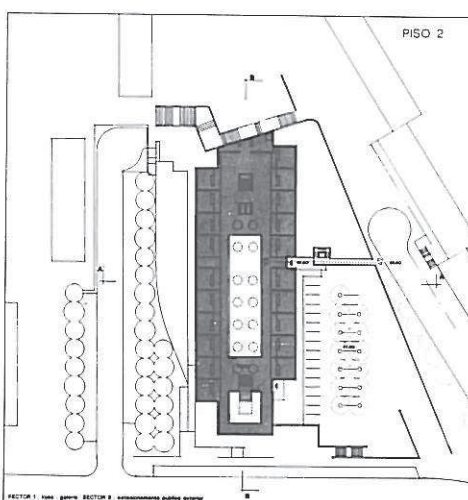
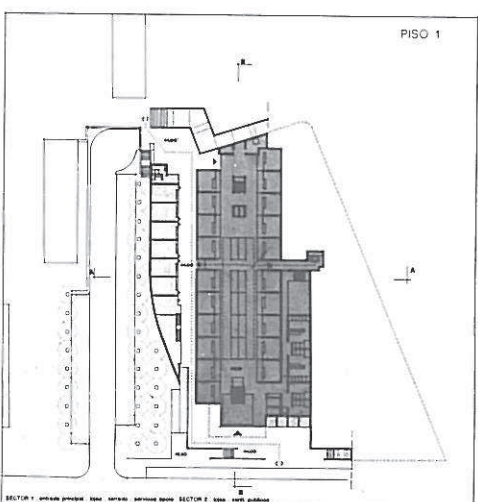
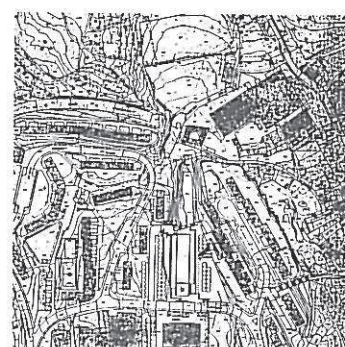
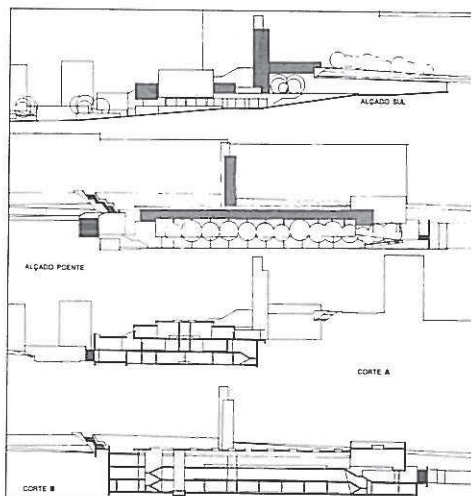
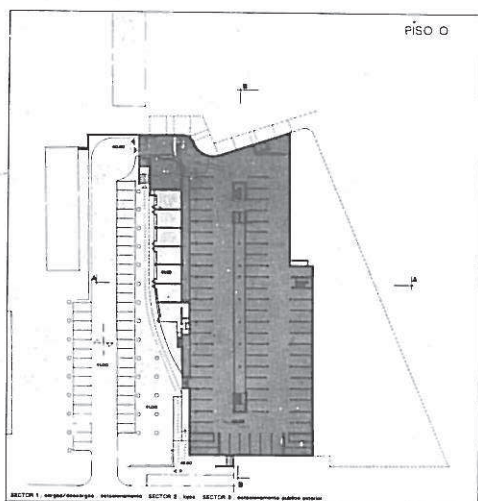
Luisa Lousan

Tiago Lousan

Ricardo Alegre

Estruturas Pedro Carlos Tato Brito Instalações Mecânicas Nuno Jorge da Costa Cavaca Instalações Eléctricas Orlando Manuel Praça

Gomes Paisagismo Sandra Candeias



FOLHA DE SÍNTESE
ESCALA 1:500 1:2000

O terreno, espaço sobrance entre dois bairros camarários, e de morfologia acentuada, é atravessado por vários caminhos espontaneos que forneceram importantes pistas para a organização do edifício proposto.

O mercado desenvolve-se em três plataformas, sendo o seu eixo longitudinal, no sentido Norte/Sul perpendicular ao troço da Rua da Pasteleira, onde na sua cota média se situa a entrada principal do mercado, de nível com o terrado, exigência do programa. A Nascente e à mesma cota o volume do edifício é cortado por um percurso de nível, pedonal e exterior, para onde se abrem lojas da zona comercial, separando o volume do mercado destas e proporcionando como os caminhos existentes uma ligação entre os bairros.

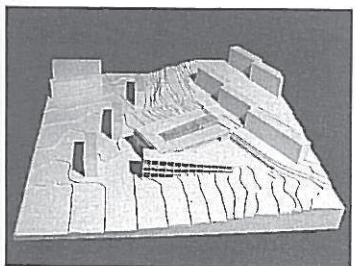
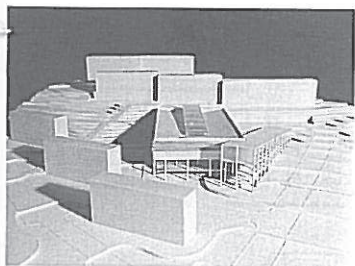
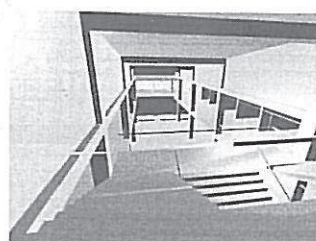
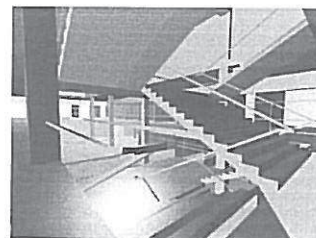
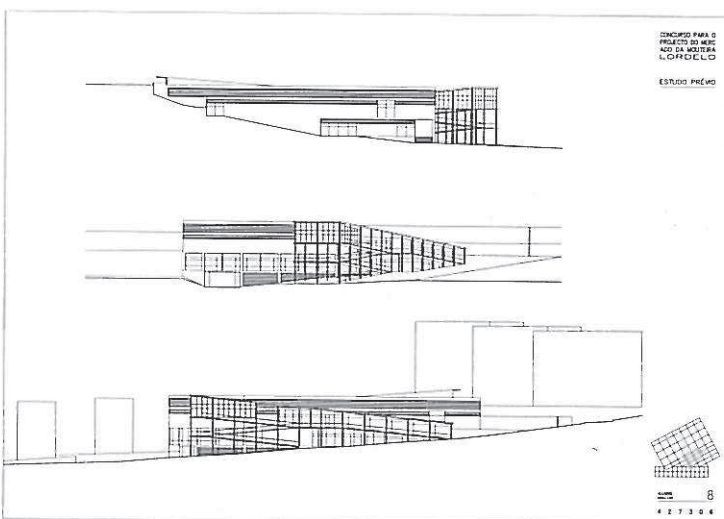
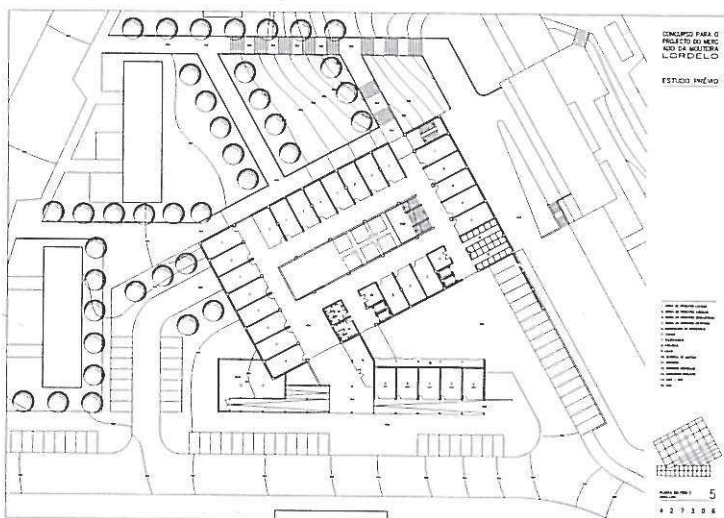
A plataforma à cota mais baixa compreende um segundo percurso com um carácter diferente do que falámos atrás, já que se presta a espaço de passeio e lazer. A qualificação deste percurso com uma frente de lojas culminando numa zona de estar/esplanada, é reforçada por uma zona arborizada no sentido de um maior conforto, fazendo separação com a rua criada para acesso ao estacionamento/cargas e descargas em cave.

Por último a plataforma à cota mais alta, a Nascente permite um acesso de nível à galeria interior do mercado facilitando o acesso pedonal dos utentes dos bairros a Nascente. Nesta plataforma é criada uma praça arborizada que se presta à realização de feiras sazonais e outras actividades de carácter lúdico, de onde nasce a torre do mercado que surge da necessidade de marcar a presença do equipamento, facilitando a sua localização visual e ao mesmo tempo a ligação entre esta cota e a cota da rua que se desenvolve a Nascente.

O mercado e a zona comercial, tornam-se autónomos em termos funcionais mas ao mesmo tempo interligados por um espaço novo, percurso "interior" ao ar livre que pensamos ir viver muito de um comércio ligado ao dia a dia do mercado, como apoio não só aos utentes como também aos vendedores, revitalizando assim o espaço urbano no incentivo a uma vivência de rua.

Menção Honrosa Leopoldo Criner

Colaboração Paulo Felício, Gonçalo Feio, Bárbara Criner, Luis Teixeira Estruturas e Fundações Oscar Prada Santos Inst. Eléctricas, Inst. Mecânicas, Inst. Telefónicas, Detecção de Incêndios, Detecção de Roubo/Intrusão Luis da Conceição Isidoro Redes de Águas e Esgotos Victor Rodrigues



(...) Todos os aspectos relacionados com a organização e vivência da zona foram determinantes nas opções tomadas ao longo do desenvolvimento do estudo.

Privilegiou-se uma solução extremamente "aberta" relativamente à envolvente, que permita um fácil acesso de um qualquer ponto do bairro e que mantenha e valorize os percursos pedonais naturais que atravessam a área.

Formalmente, procurou-se estabelecer uma relação dialéctica entre o corpo principal do Mercado, relativamente compacto, com um outro corpo, de estrutura mais dinâmica que reflectisse essa variedade de percursos e atravessamentos, valorizando simultaneamente as áreas exteriores, ou qualificando o espaço urbano e consequentemente promovendo as áreas comerciais a instalar.

(...) O volume do corpo principal do Mercado, relaciona-se directamente com uma das direções dos conjuntos edificados existentes e implanta-se por forma a que a sua altura não se imponha aos restantes edifícios localizados na proximidade.

Paralelamente à rua da Pasteleira, desenvolve-se um corpo do edifício do Mercado onde se localizam a maior parte das lojas exteriores e onde se desenvolvem rampas que facilitam todas as interligações entre os diferentes níveis do mercado e também entre estes e as ruas circundantes.

Formalmente, o Mercado é composto por um corpo de geometria e volume bastante regrado, "cortado" por um outro com elementos estruturais ligeiros e onde se implantam as rampas que lhe conferem um dinamismo próprio.

O interior do corpo principal apresenta uma estrutura de mercado bastante clássica com uma galeria no segundo piso que abre sobre uma zona de terrado.

Todo este espaço é dominado pela cobertura da zona central em tijolo de vidro que se desenvolve em plano inclinado, o que permite uma visão total dos dois pisos do Mercado e do núcleo de escadas que ligam os diversos níveis e dão acesso à zona da cobertura.

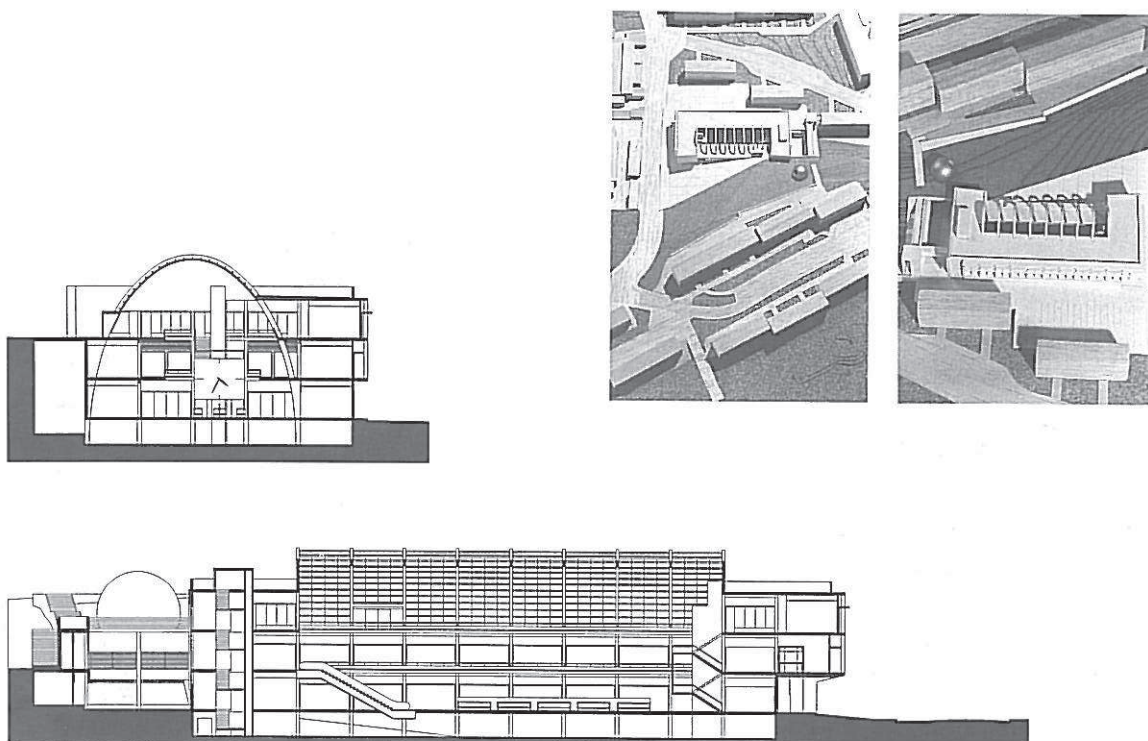
Uma grande flexibilidade funcional é uma das principais características que a solução apresenta.

(...) A área comercial do Mercado desenvolve-se em dois pisos existindo ainda uma semi-cave destinada a estacionamento.

Todos os pisos têm acesso de nível ao exterior desenvolvendo-se as comunicações verticais através de escadas, rampas e elevadores, o que permite uma grande simplicidade e flexibilidade na utilização do Mercado, pelo público e vendedores uma vez que se facilitam muito as cargas e descargas às diversas lojas bem como o apoio de instalações comuns de armazenamento situadas nos diferentes níveis.

Menção Honrosa
Gonçalo Afonso Dias
Jorge Estriga
Daniela Antunes

Fundações e Estruturas GAPRES - J. Pereirinha Rodrigues Águas e Esgotos GAPRES - J. Pereirinha Rodrigues Instalações Eléctricas
 Miguel Luis Areias Instalações Mecânicas INSTEC - Estudos e Projectos de Instalações Técnicas, Lda - Celestino Viegas Rodrigues
 Arranjos Exteriores João Herdeiro Segurança Integrada Miguel Gerales Cardoso Funcionamento de Mercados José Santos Alves
 Fotografia Carlos Afonso Dias



Relações com a Envolvente

A natureza da implantação proposta nasce fundamentalmente ligada a duas razões. Por um lado, a necessidade de compatibilizar, a existência da única rua confinante com o terreno e os acessos directos ao exterior de dois sectores programaticamente diferentes, que se pretendem autónomos. Por outro, a vontade de criar um edifício que não violentasse a morfologia do espaço de intervenção, que resolvesse de um modo bastante claro as questões de funcionamento/interligação entre os dois sectores e que constituísse, enquanto equipamento urbano de média dimensão, uma referência forte para a freguesia de Lordelo do Ouro, para quem o vai utilizar ou simplesmente para quem o vai fruir.

Procurou-se ainda que a implantação do edifício permitisse uma certa coesão do ambiente urbano envolvente, não só em termos de volumetria ou alinhamentos, mas também na concretização dos arranjos exteriores, através de elementos como a rua de serviço, o parque de estacionamento, os percursos de ligação ou a "praça rampeada", que estabilizam e rentabilizam uma zona potencialmente vocacionada para a descaracterização dos espaços públicos. (...)

Estrutura Conceptual da Proposta

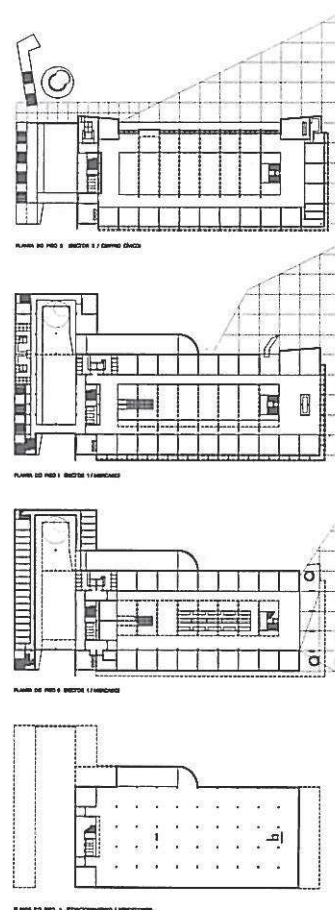
A opção de criar um edifício único que contenha os dois sectores, surge associada à vontade de aprofundar conceptualmente o modelo híbrido em que as funções mercado e centro cívico, estabilizados tipologicamente no imaginário colectivo, são propostas pelo caderno de encargos. (...)

A composição do edifício funciona como o reflexo do conceito de mercado/centro cívico híbrido, de que acima nos referimos.

É uma composição "clássica" no sentido em que se apoia na simetria, nas hierarquias e na racionalidade com que "arruma" o programa. No entanto esta rigidez é desfeita com a introdução de dois elementos estranhos à sua geometria. No interior a nave dos arcos de betão, que tem o seu eixo deslocado do eixo do edifício e no exterior a "praça rampeada". Estes dois elementos funcionam como corpos estranhos que introduzem tensão a complexidade à composição simétrica, calma e disciplinada. Conseguindo perturbar a linearidade e a clareza inerentes a um espaço de estrutura "clássica", deslocando a sua concepção para uma problemática contemporânea.

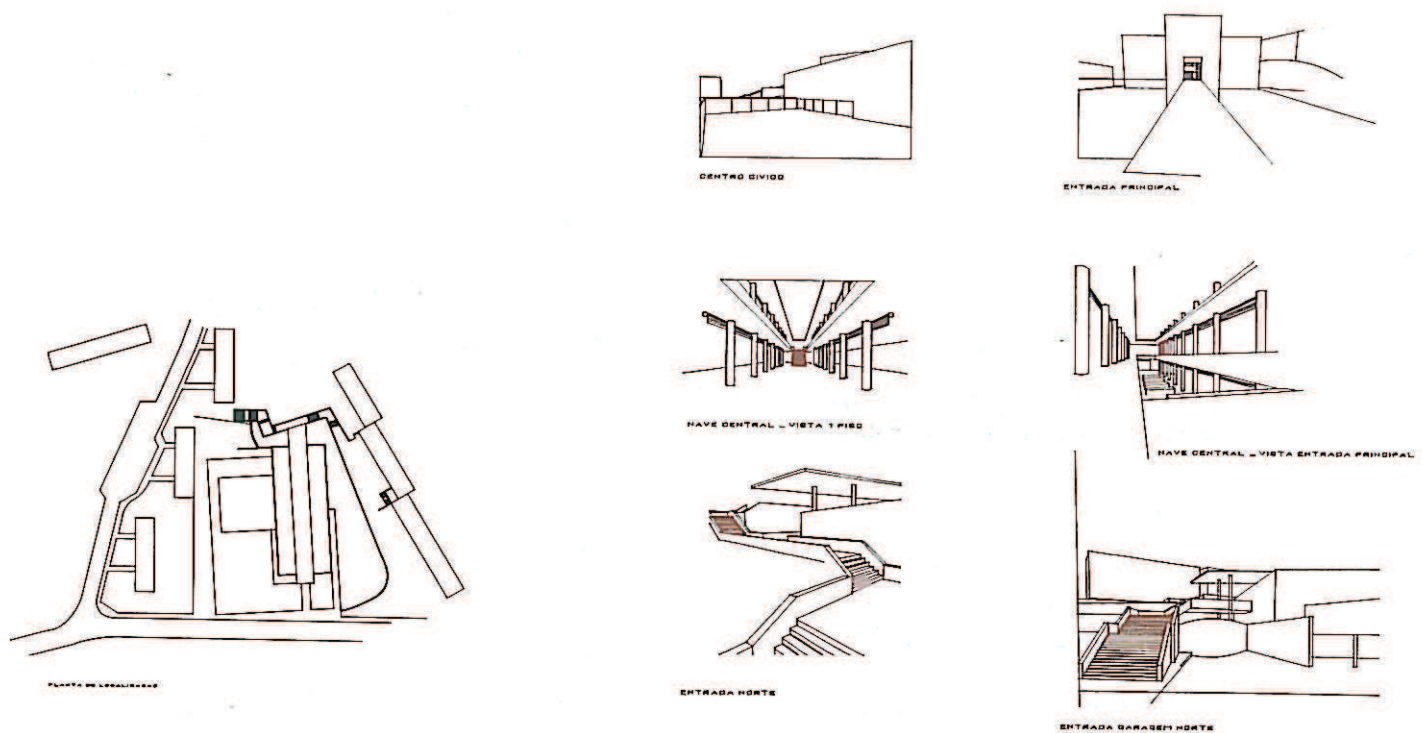
Estes dois momentos do projecto "estoiram" as simetrias da composição. No caso do espaço interior a simetria reforçada pelo corpo de escadas, pelos lugares de terrado e pela escada rolante é fortemente instabilizada pela nave que pousa na ala direita revelando uma relação franca com a praça a partir do interior. No caso do espaço exterior, a simetria funciona perpendicularmente em relação à composição base e é perturbada pelo encontro com a praça que desequilibra a fachada, atribuindo "pesos" diferentes aos volumes/topos que contêm a nave.

A estrutura espacial da intervenção apoia-se numa malha de 6,00m x 6,00m e caracteriza-se por um grande espaço central aberto, em volta do qual se dispõem galerias que dão acesso às lojas. Este espaço é rematado superiormente por uma grande superfície em ferro e vidro "encaixilhada" pelos grandes arcos que suportam a sua parte interior. (...)



Menção Honrosa
Alfredo Resende
Pedro Magalhães Basto
Luzia Gama
José António Mendes Ribeiro

Colaboradores Pedro Roseira Estruturas Eduardo Aires Pereira Instalações e Equipamentos Eléctricos António José Rodrigues Gomes
 Instalações e Equipamentos Mecânicos José Silva Teixeira Instalações de Águas e Esgotos Fernando Lopes



Concurso de Ideias

Elaboração do Plano de Pormenor da Fontinha/Carvalheiras no Porto

compreendendo uma área de 4,5 He. enquadrada pelas Ruas do Bonjardim, Santa Catarina, Gonçalo Cristovão e Praça da República

1º Prémio

NÃO ATRIBUÍDO

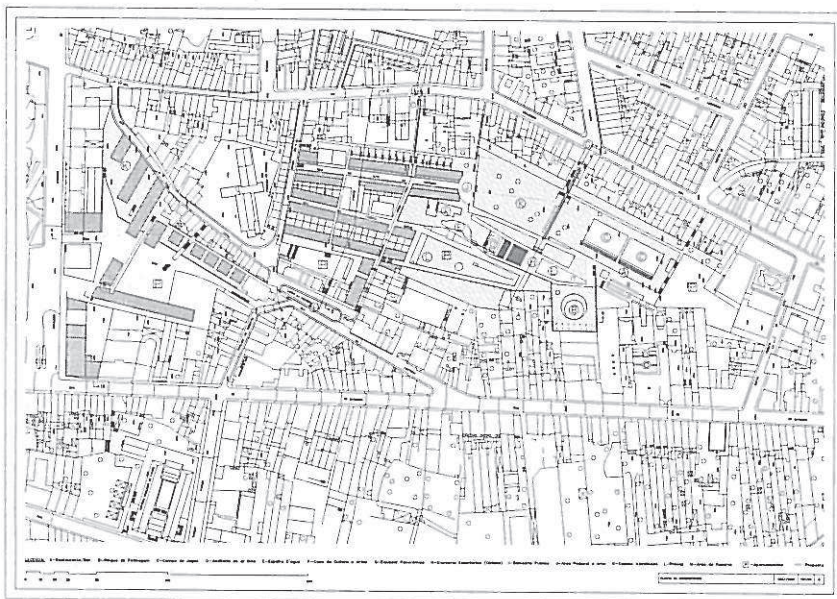
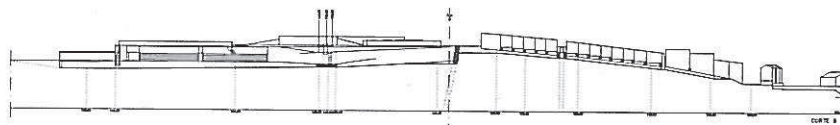
2º Prémio *Ex-aequo*

J. Teixeira de Sousa

J. Carlos de Sousa

J. Luis Torres

Fundações e Estruturas António Gorgulho Instalações e Equipamentos Electrónicos e Telef. Domingos Barreto Instalações e Equipamentos Mecânicos José António Fraga Carneiro Instalações e Equipamentos de Águas e Esgotos Rui Serpa dos Santos Segurança Integrada José António Fraga Carneiro Arranjos Exteriores Gonçalo Próspero, Paulo Simões Coordenação e compatibilização dos Projectos José Luis Serpa dos Santos Mobiliário e Equipamento Fixo Gonçalo Próspero Sistema Integrado de Gestão Técnica José António Fraga Carneiro



1 – Interpretação do Local

a) – A área em estudo estava já estruturada, como hoje se apresenta, nos princípios do século passado.

As vias dominantes (Bonjardim e Santa Catarina) apresentavam o desenvolvimento actual e Gonçalo Cristovão (até ao Bonjardim) definia já um eixo estruturante da Cidade o qual, opções urbanísticas recentes, consubstanciaram. Mau grado estar delimitado por vias importantes na História da Cidade e no seu sistema viário, parece que a Área de Intervenção ficou como que “enquistada” num enquadramento que remonta aos princípios deste século.

b) – Este isolamento trouxe, pelo menos, três factores positivos para a Cidade:

- A salvaguarda dum espaço de invulgar panorâmica sobre a Cidade e Concelhos limítrofes;
- A manutenção dum local em que a silhueta citadina, não foi alterada por construções em altura;
- Alguns conjuntos de construções de interessantes características arquitectónicas.

2 – Justificação da Intervenção

Nas opções fundamentais para a intervenção a implementar foram determinantes os seguintes aspectos:

- Topografia e geologia do terreno;
- Manutenção do “sítio”

Do Terreno

A acidentada morfologia do solo não aconselha atravessamentos viários ou mesmo a criação de grandes vias de serventia ao interior do quarteirão.

Assim, propõe-se a manutenção das actuais vias com os mesmos sentidos de tráfego e melhora-se o parque de estacionamento à ilharga do Largo da Fontinha, construindo-se uma praça sobrelevada.

Uma escadaria fará a ligação deste espaço aos edifícios a propôr a Poente e a Raul Dória. (...)

Do Sítio

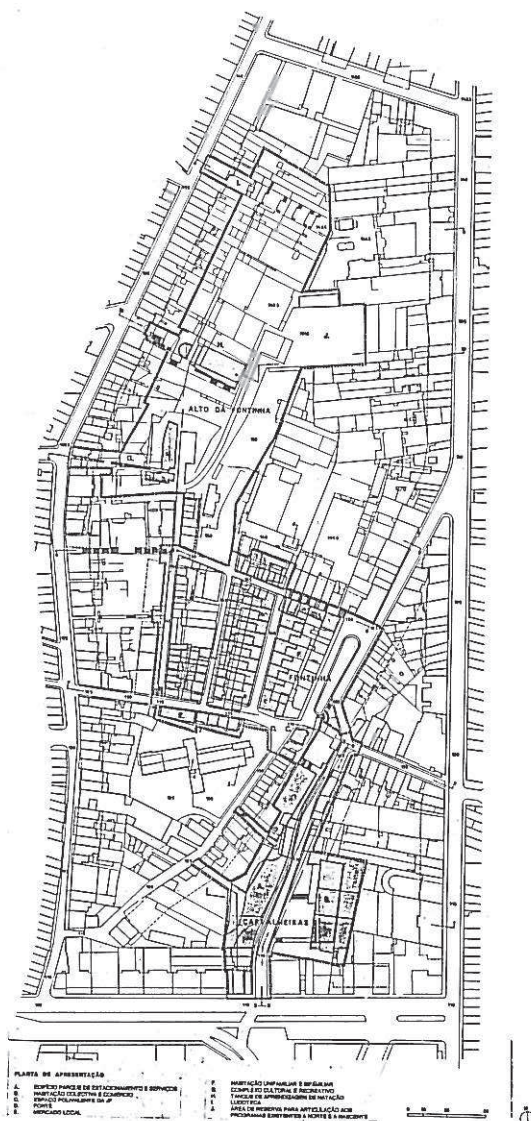
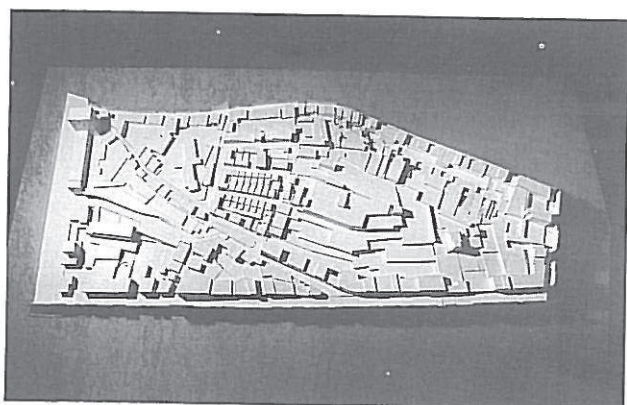
A manutenção do “sítio” será conseguida através das seguintes atitudes:

- a) Classificando e conservando os conjuntos de edifícios do Bonjardim com interesse arquitectónico.
- b) Estudando um plano de cercas para Santa Catarina.
- c) Colmatando a Rua de Gonçalo Cristovão.
- d) Mantendo as características morfológicas das construções existentes.
- e) Reabilitando a Zona Interior.

2º Prémio Ex-aequo

Rui Manuel Vieira Passos Mealha Manuel Eduardo Ribau Nunes

Engenharia Civil, Vias e Infraestruturas José Manuel Cardoso Teixeira Engenharia Electrotécnica António José Machado Rodrigues
Gomes Engenharia Florestal, Ambiente e Paisagem António Joaquim Salgueiro Rocha da Silva Geografia Maria de Lurdes Alves dos
Santos Economia Urbana Rui Braz Afonso Design Gráfico, Registo de Imagem e Arte Final Luís Costa Inquéritos, Desenho Urbano,
Maquetismo e Computação Gráfica Rui Cardoso, Daniel Lopes, Paulo F. Silva, Uli Machold, Joel Gouveia, Paolo Marcolin



59

Caracterização Geral da Proposta

A proposta técnica apresentada, para além das áreas perimetrais caracterizadas como frentes urbanas estruturadas por condições de malha estabilizada, reconhece ainda os seguintes sectores fundamentais, a confirmar como unidades operativas a contemplar pelo projecto urbano nas suas vertentes de projecto plano, arquitectura urbana e espaços colectivos:

- Sector das Carvalheiras, estruturado pela Rua das Carvalheiras (desde a sua inserção na Rua Gonçalo Cristovão) e Rua das Musas (até à Rua Sta. Catarina).
- Sector da Fontinha, de características eminentemente residenciais.
- Sector do Alto da Fontinha, área privilegiada para programas de índole cultural, recreativa ou de lazer, onde se poderão igualmente localizar valências com interesse para toda a área, ou complementares das escolas ou outros equipamentos existentes.

As estratégias de modificação de partida, agora formuladas como recorrentes de correlações disciplinares a aprofundar, quer definidas na generalidade para o conjunto da área em estudo, quer definidas como presumíveis exigências específicas a verificar para cada um dos sectores acima definidos, procuram a reversão de uma estrutura programática e processual com pertinência face aos objectivos almejados e condições de legitimação/implementação das correspondentes acções.

Neste sentido, apresenta-se a concurso uma proposta técnica de planeamento, com indicação dos principais aspectos metodológicos e operativos (programação e conteúdo dos trabalhos, formas de articulação, entre outros aspectos) a verificar no âmbito dos trabalhos de elaboração do PP, pelo que as figurações preconizadas são entendidas como materiais de ensaio e comunicação da estrutura formal, programática e operativa do projecto/processo urbano a empreender.

3º Prémio

Gonçalo Torgal

Desenho Urbano Gonçalo Torgal, Lídia Costa, Cristina Costa, Luís Miguel Neto, Nuno Costa, Pedro Marques, Carlos Quadrada, António Duarte
Estudo de Ecologia Social Luís Soczka
Estudo Económico Cristina Vila Real
Abastecimento de Águas e Gás, Drenagem de Esgotos e Águas Pluviais Álvaro Correia Pinto
Distribuição de Energia Eléctrica e Iluminação Pública: Projecto RITA João Dias da Cruz
Trânsito e Vias João Varanda
Apoio Jurídico Maria José Miranda
Suporte Informático BAUDE - Sociedade de Informática, Lda.
Secretariado Silvina Guedes
Técnicos Principais Gonçalo Torgal, Lídia Costa, Álvaro Correia Pinto



Introdução

Nesta primeira fase de um concurso de ideias, mais do que elaborar, para além do estritamente necessário, complexos e exaustivos levantamentos do ponto de vista físico, humano e social, histórico e económico, entendemos importante, após um conhecimento necessariamente superficial, intuir uma ideia global, necessidades ou problemas evidentes, capazes de gerar uma proposta de desenvolvimento.

Análise

– O interior da Zona

Das principais imagens que sobressaem, numa primeira apreciação generalista, destaca-se a existência de uma vasta zona habitacional, envelhecida e degradada, possuindo uma importante área desocupada e em ruína, miolo interiorizado da zona, existência resultante da demolição de "ilhas" e da presença de profundos logradouros virtualmente abandonados ou sem ocupação, servida por ruas de apertado perfil e traçado irregular, dificilmente apto aos actuais conceitos de circulação viária.

– Centralidade

Igualmente importante na caracterização deste espaço à margem de vias de intenso movimento e actividade comercial e de serviços, é a sua localização no centro da cidade.

Proposta

– Situações e Princípios Orientadores

(...) Procura-se não apenas realojar, em melhores condições, a população já instalada, eventualmente pouco exigente em relação à qualidade, dadas as precárias condições de que actualmente disfruta, mas igualmente aproveitar para, através de uma oferta de qualidade ambiental a par da centralidade existente, cativar outros extractos de população, contribuindo não apenas para fixar residentes, mas também para contrariar a tendência de esvaziamento do centro da cidade em proveito das periferias, situação geradora de diversos problemas com que se debate a cidade contemporânea, apelando a nova população.

Centro Cívico de Benfica - Lisboa

Premiado

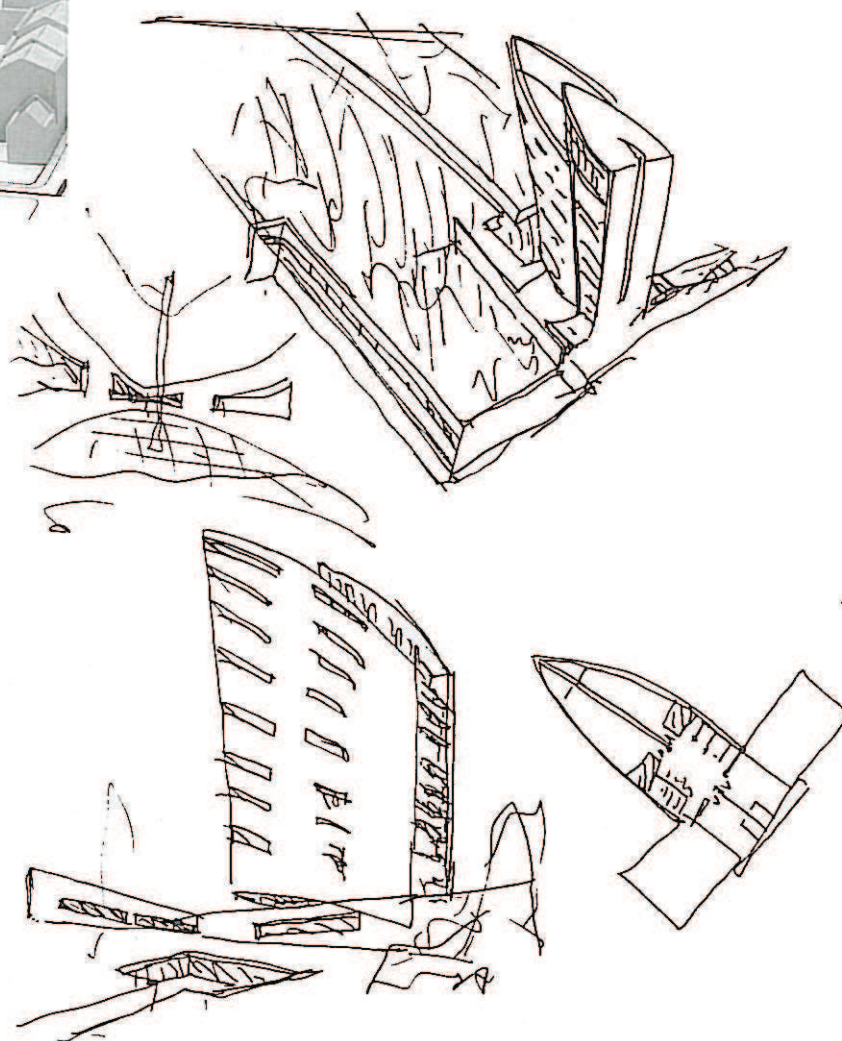
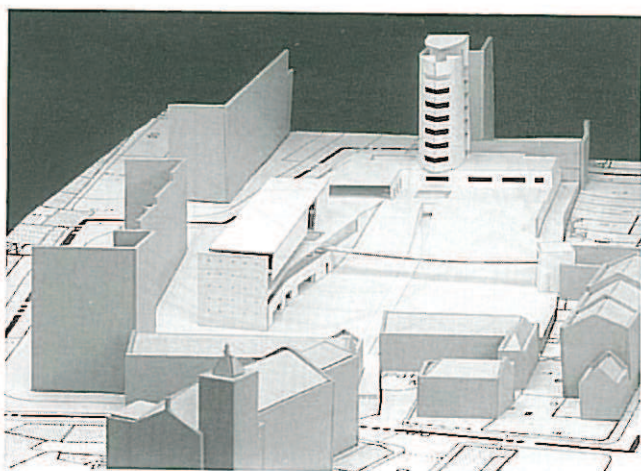
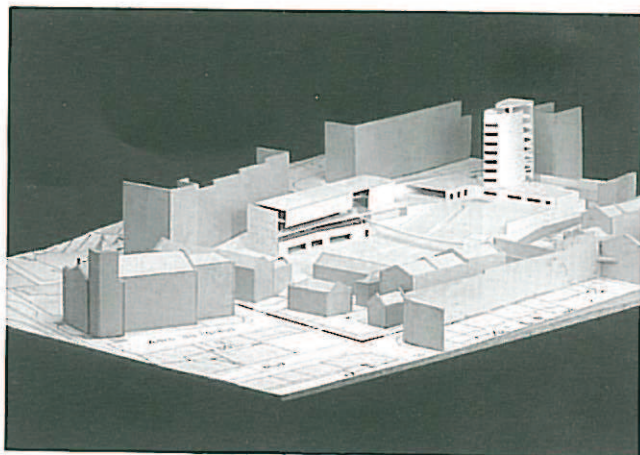
Cândido Chuva Gomes

João Lucas Dias

Ricardo Pais

Filipe Câmara Pestana

Fundações e Estruturas S.T.A., Lda., António Segadães Tavares Instalações e Equipamentos de Águas e Esgotos S.T.A., Lda., Carlos Manuel Palma Instalações e Equipamentos Eléctricos S.T.A., Lda., António Vieira Pereira Instalações e Equipamentos Mecânicos/Gás S.T.A., Lda., Carlos Manuel Palma Projecto de Arranjos Exteriores João Cerejeiro Medições, Orçamentos e Caderno de Encargos Eduardo Montenegro



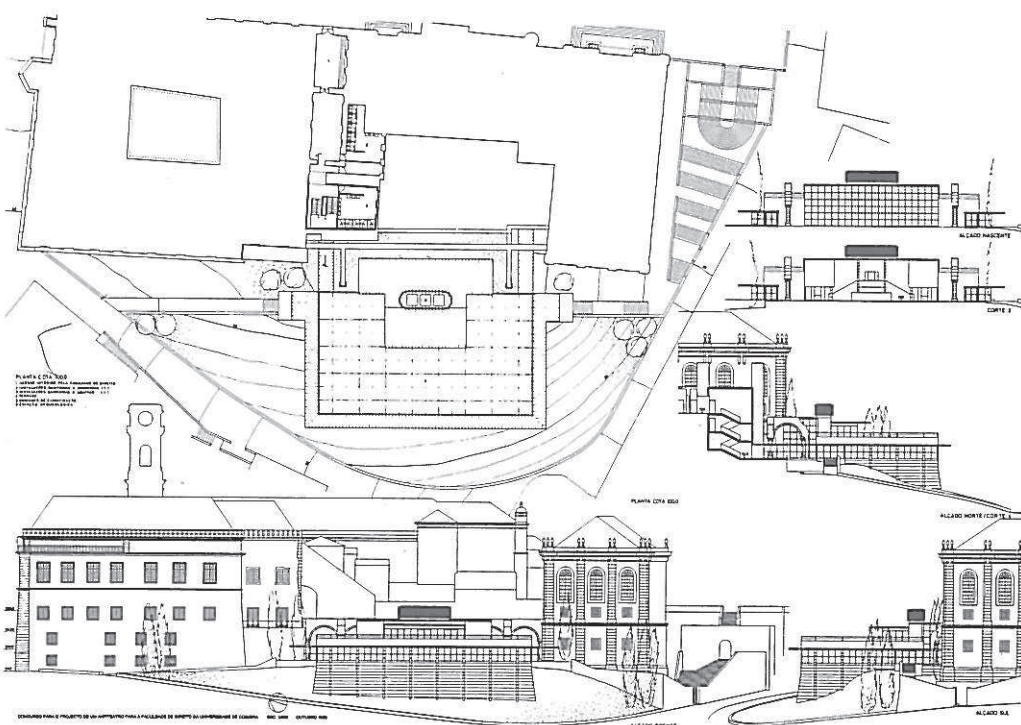
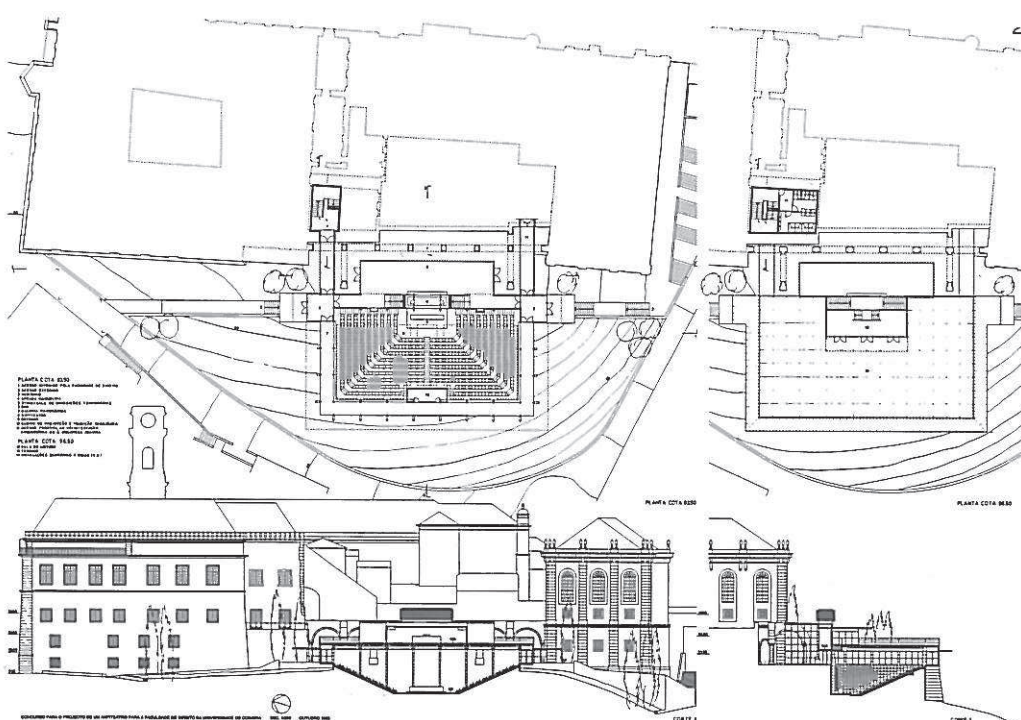
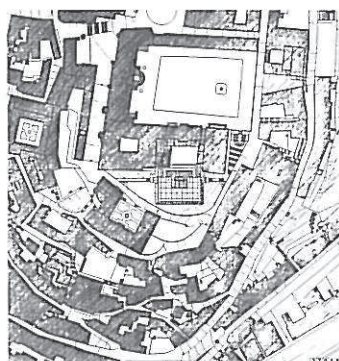
Edifício bem-vem

Concurso para o Projecto do Anfiteatro da Faculdade de Direito em Coimbra

1º Prémio

Fernando Távora
J. Bernardo Távora

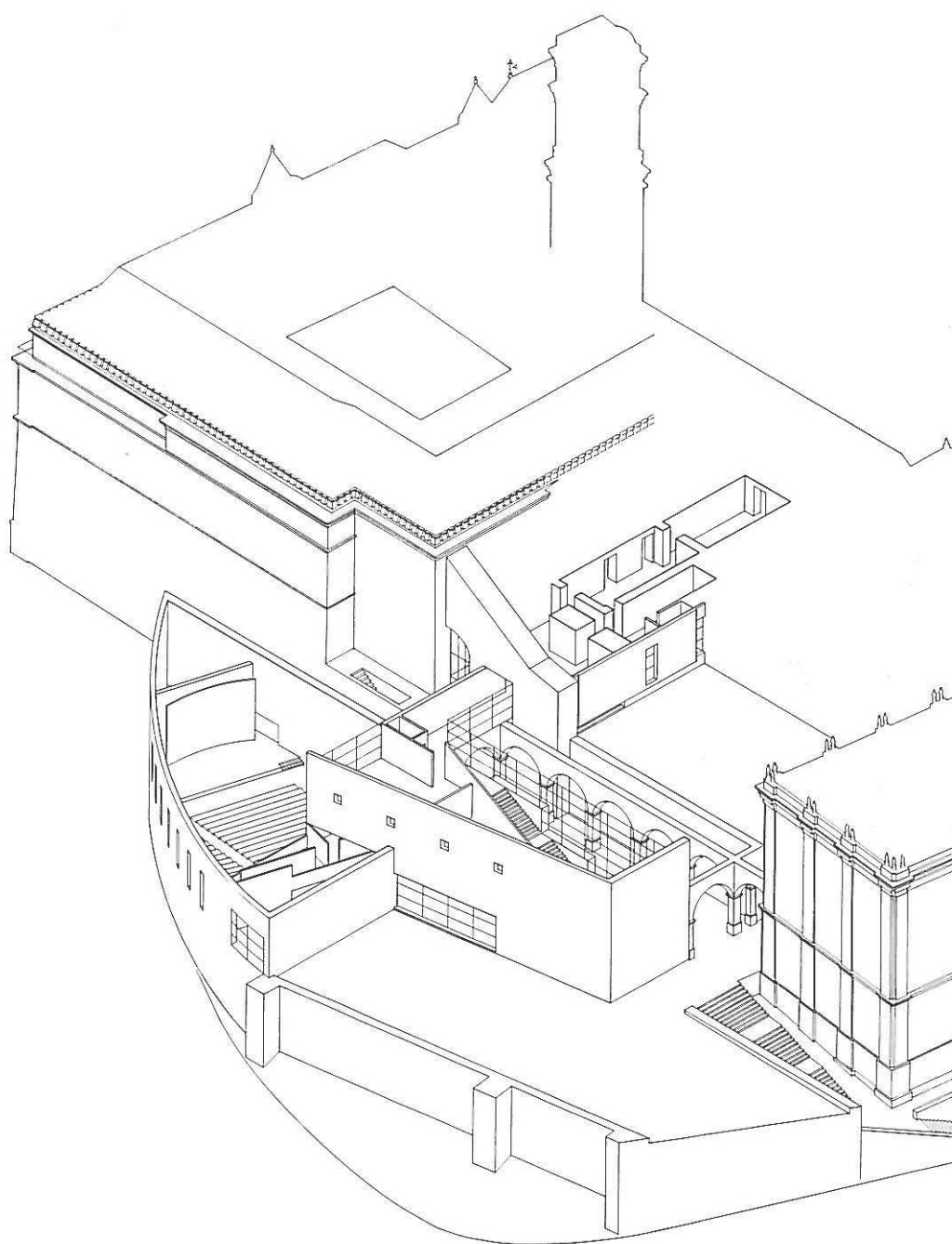
Colaboradores Pedro Pacheco, Paulo Lousinha Fundações e Estruturas A. Silva Costa Instalações Eléctricas J.A. Ferraz Campos Instalações Mecânicas V. Vieira Neiva Instalações de Águas e Esgotos J.A. Ferreira Ramos Equipamento e Mobiliário Fernando Távora Arranjos Exteriores Laura Costa



2º Prémio

**Pedro Botelho
Nuno Teotónio Pereira**

Colaboradores Maria do Rosário Beija, Luís Borges da Gama, Carlos Oliveira Reis CAD Isabel Plácido, Sotero Ferreira Arquitectura
Paisagista Luís Cabral



63

3º Prémio

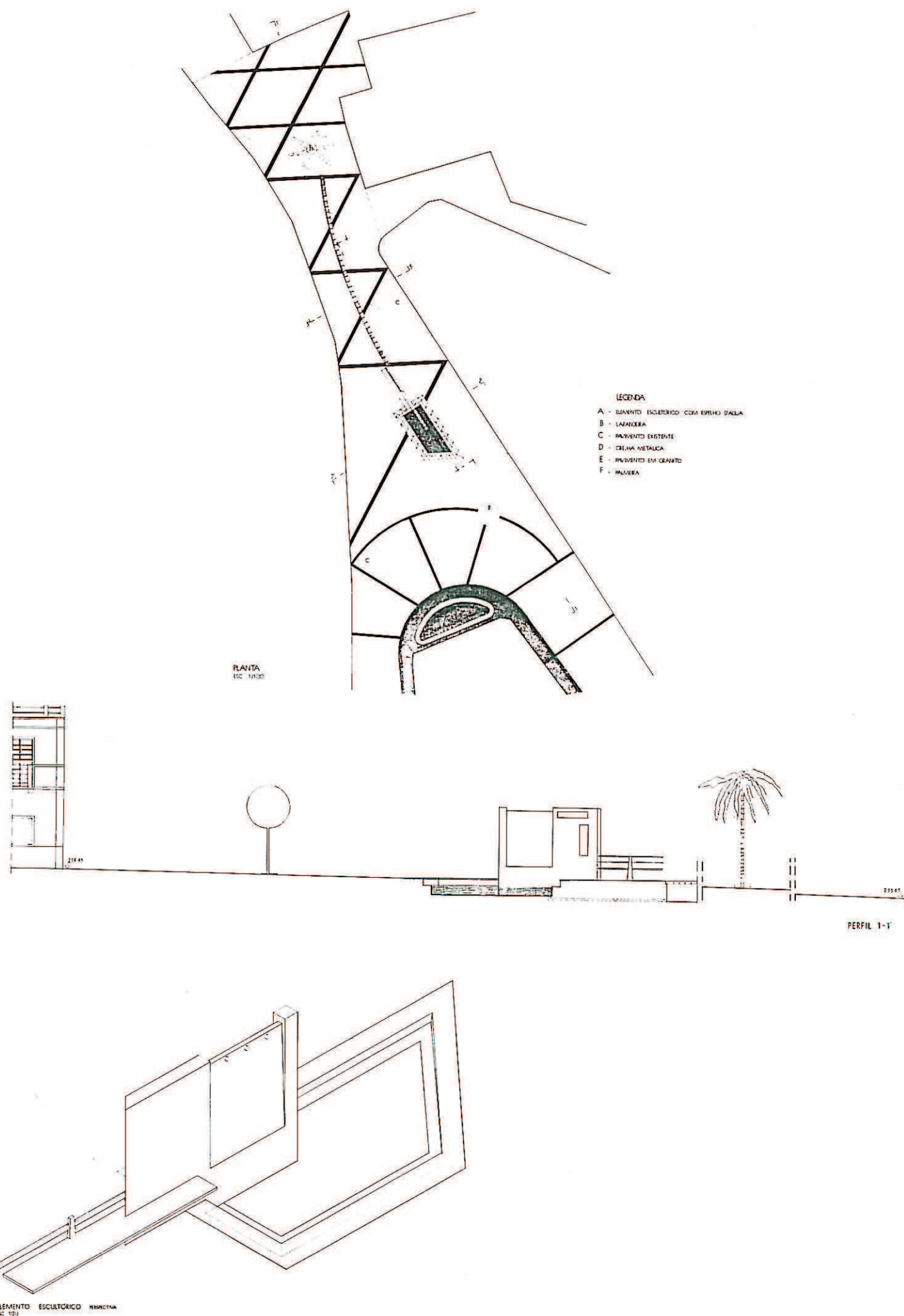
António Portugal
NÃO FORNECEU ELEMENTOS

Concurso Público de Ideias para a Meia-Laranja - Beja

1º Prémio

Vasco Massapina
Luis Manuel Pereira

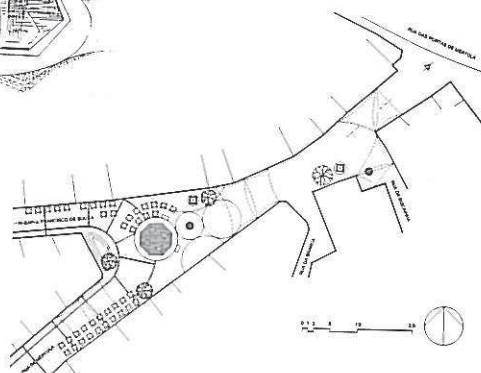
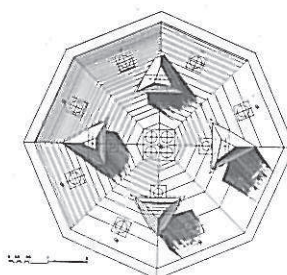
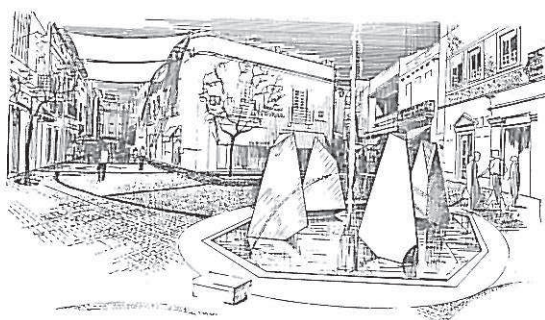
Projecto de Electricidade Luis Serras Lopes Desenho António Vaz



Menção Honrosa

M. Norberto Corrêa

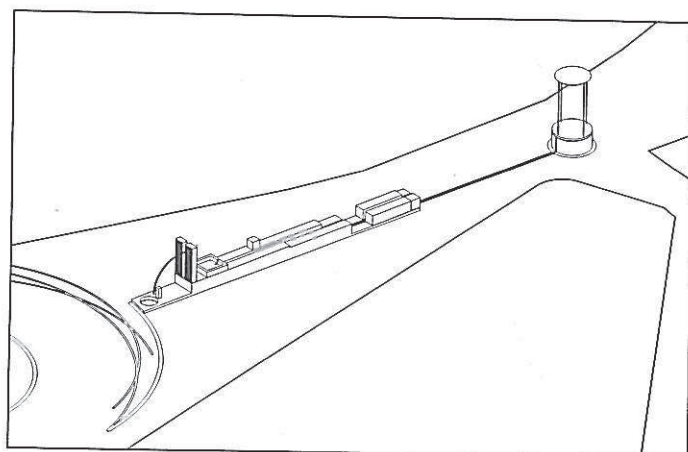
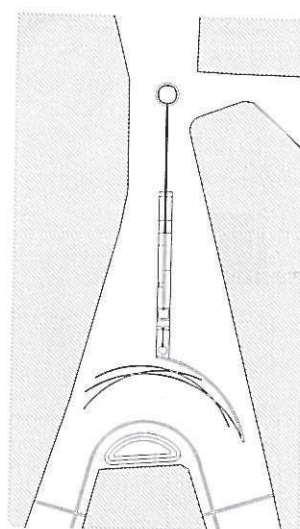
Arquitectura Paisagista Edgar Fontes Estabilidade, Águas e Esgotos António dos Santos Pereira Instalação e Equipamentos Eléctricos
Luis Manuel Graça Lobo Integração de Artes Plásticas Rafael Calado



Menção Honrosa

Pedro Miguel Cabrito

Isabel Diniz



Concurso Limitado para a Elaboração do Projecto de Ampliação do Edifício/Sede da Ordem dos Engenheiros – Lisboa

Premiado

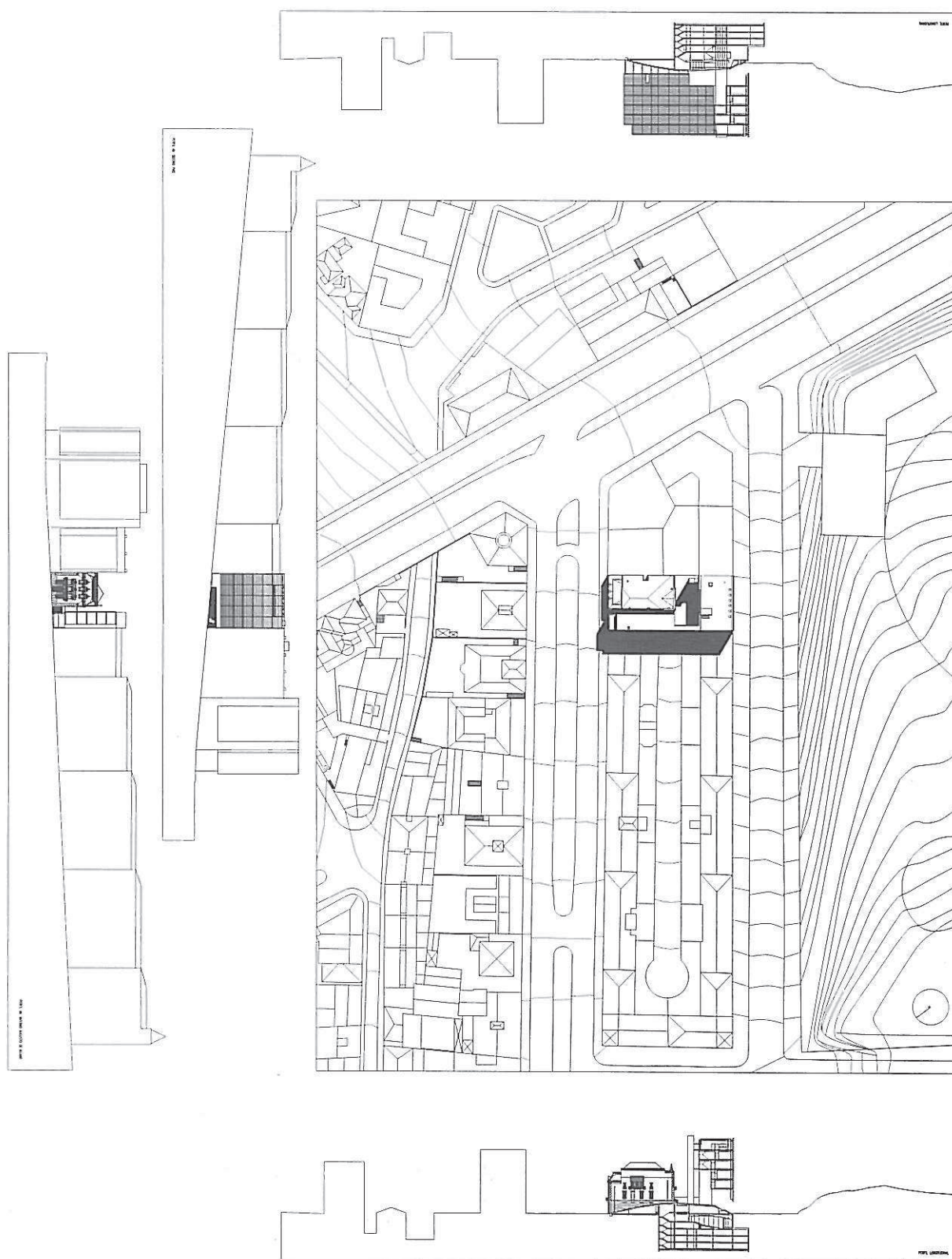
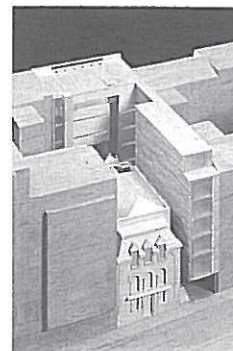
Manuel Aires Mateus

Francisco Aires Mateus

Consultor Geral Gonçalo Sousa Byrne Colaboração Gabriela Gonçalves, Nuno Marques, Francisco Pólvora, Carlos Fazenda, Margarida

Silveira Machado, Paula Calado, Telmo Cruz Fundações e Estruturas BETAR - José Mendonça Instalações Eléctricas JOULE - Caetano

Gonçalves Redes de Fluidos Grade Ribeiro Instalações Mecânicas Galvão Teles

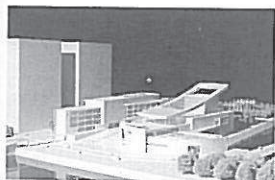
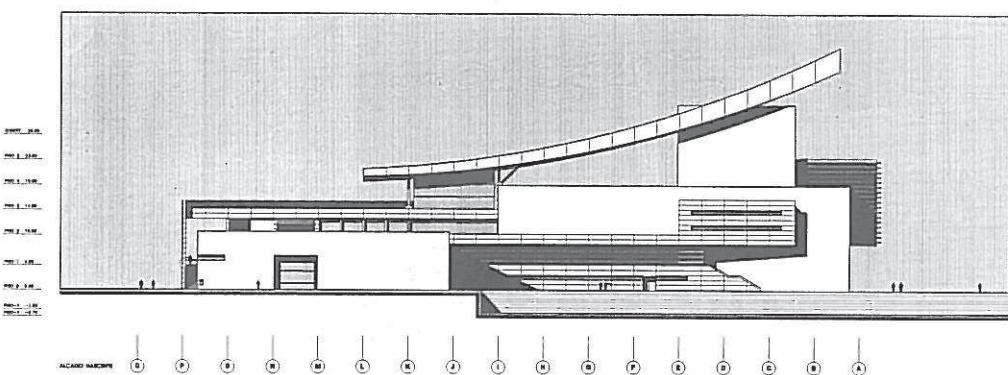
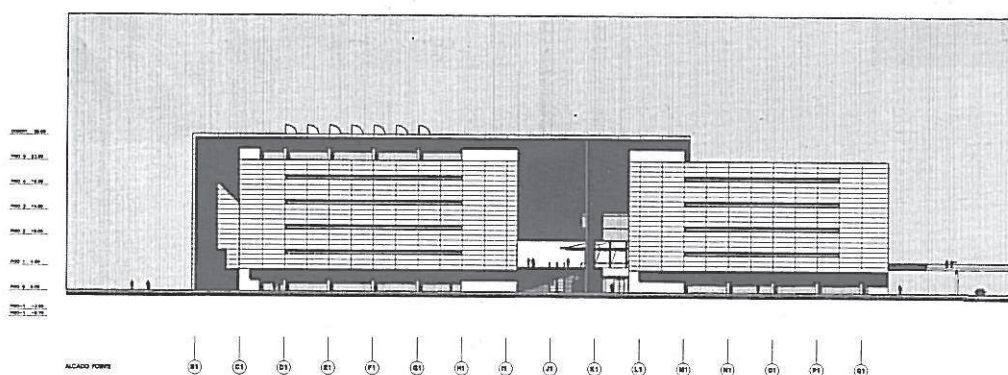
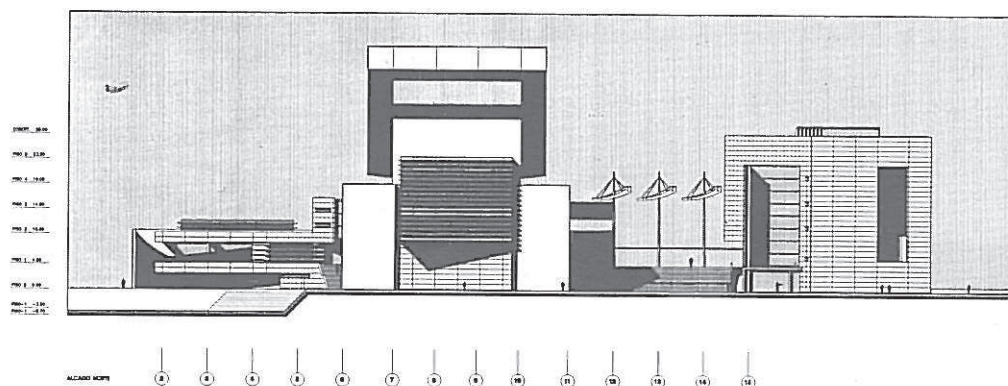
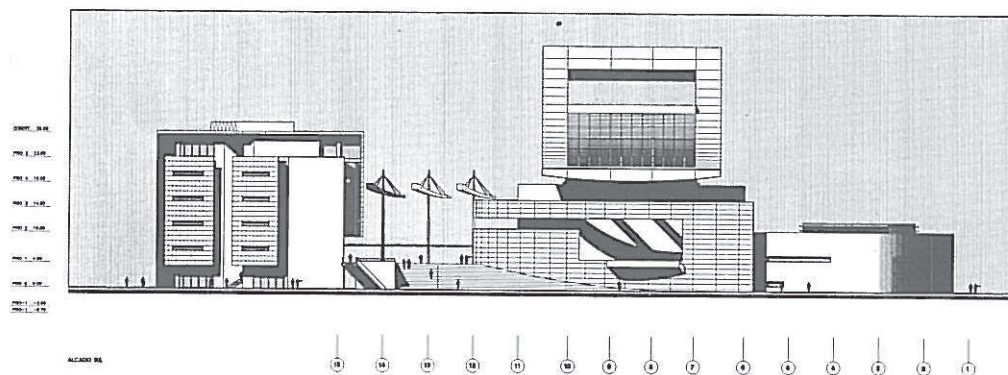


Concurso Público para o Projecto do Centro Cultural de Macau

1º Prémio

A. Bruno Soares
Diogo de Lima Mayer

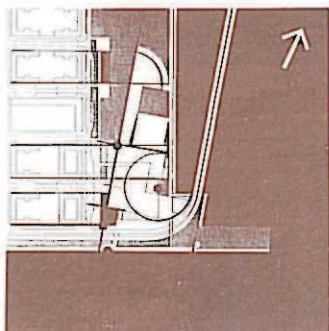
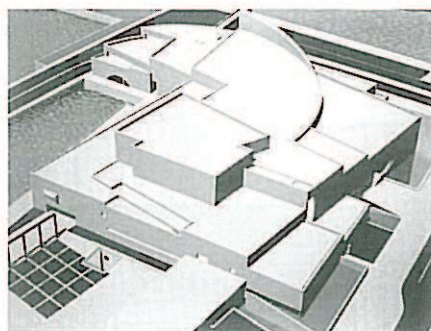
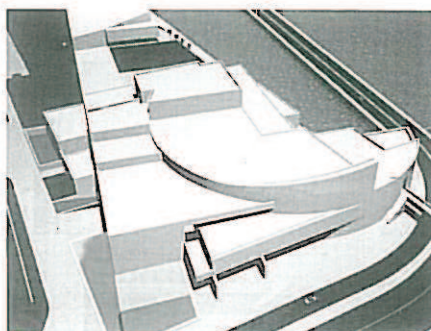
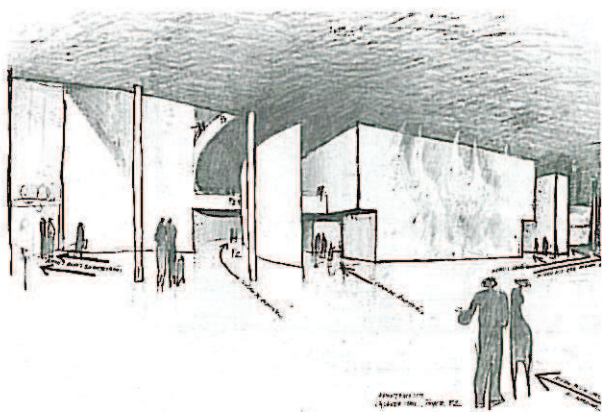
Arquitectura Geral A. Bruno Soares, Diogo de Lima Mayer, José G. Serrano, Rodrigo V. Fonseca Arquitectura de Interiores Diogo de Lima Mayer, A. Bruno Soares Arranjos Exteriores Francisco Caldeira Cabral Mov. de Terras, Fundações e Estruturas José Abel Vieira de Andrade Oliveira Águas e Esgotos Miguel José Machado Viegas Malheiro Electricidade José António Rocha de Almeida Segurança José António Rocha de Almeida AVAC Manuel António dos Santos Ferreira Instalações Mecânico Complementares Manuel António dos Santos Ferreira Acústica Yaying Xu Cenografia Michel Seban, Elisabeth Douillet Áreas de Engenharia François Jubert Museologia José Teixeira Área de Arquitectura A. Bruno Soares Área de Engenharia Civil Raimundo Rosário Área de Engenharia Mecânica Henriques Costa Área de Engenharia Electrotécnica Henriques Costa



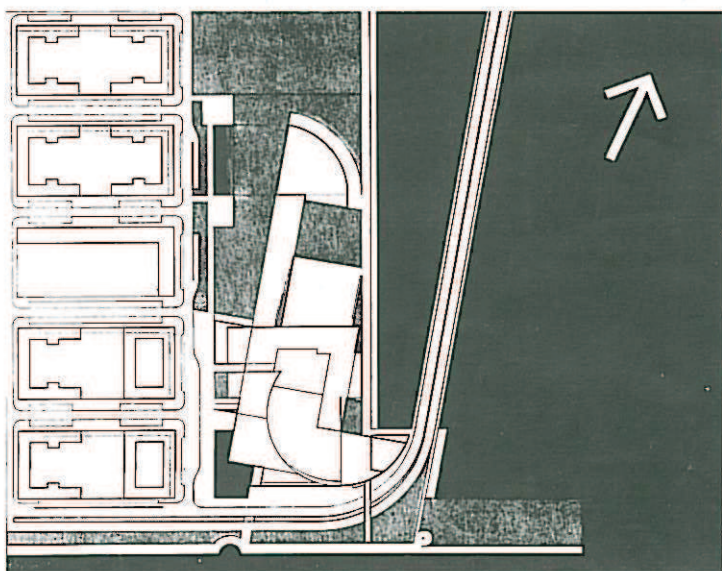
2º Prémio

José C. Maneiras
C. Chaves de Almeida

Arquitectura José C. Maneiras, C. Chaves de Almeida, Fernando N. Neves Arquitectura/Computação Gráfica, IMARQUI João Rudolfo Fundações e Estruturas, GRID António Reis, J. Simões Viana, F. Moreira Feio, A. Campos Pereira, D. Gomes da Costa Concretiza Abel F. Santiago Consultores de Geologia e Geotecnia F. Guedes de Melo, L. Fialho Rodrigues Instalações Técnicas, TECPROENG, Electricidade Carlos Leiria, Augusto Pentead, João Godinho Águas Maria do Céu R. Pires Esgotos Júlia Matos, Brito Antunes Ar Condicionado e Equipamentos Mecânicos Santos Martins, Zacarias Calço Estudo Térmico Álvaro Santos Acústica e Insonorização M. Odete Domingues Segurança Álvaro Santos, Miguéis de Matos Consultor/Segurança, SECURICOR MACAU, LDA Martins Dias Paisagismo Manuel Ferreira Consultor/Museus Rafael Calado Consultor/Espectáculos J. Pereira Bastos Artes Plásticas e Pintura Luís Demée, Carlos Marreiros, Lam Kan, Kwok Se, Mio Pang Fei Escultura José Rodrigues Design Paulo Vale



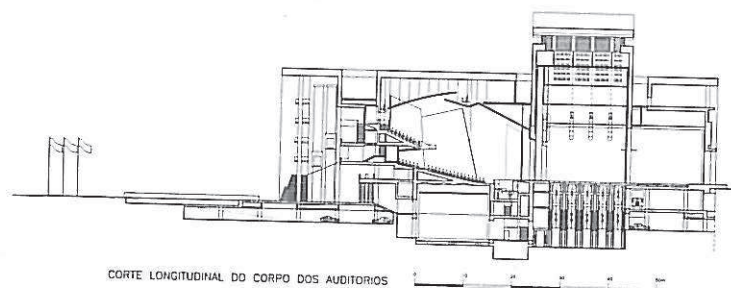
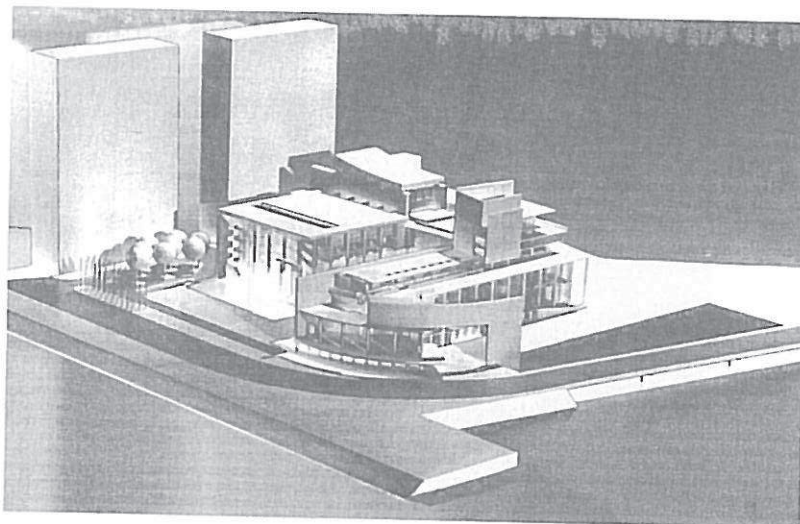
ESTRUTURA BASE DA COMPOSIÇÃO



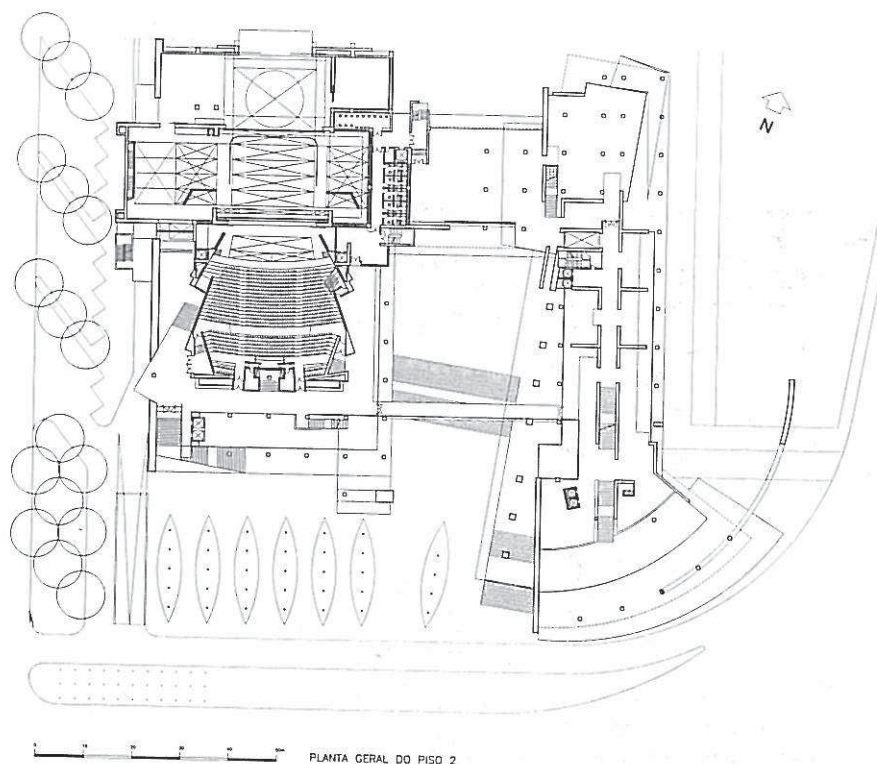
3º Prémio

Mário Duarte Duque

Arquitectura Mário Duarte Duque, Eduardo Flores Fundações e Geotecnia José Luis Tocha Antunes Estruturas e Fundações Especiais Jan Gi Vei, Jacinto Saraiva Baptista, Fernando José Gonçalves Domingues Engenharia de Sistemas de Cálculo Fernando José Gonçalves Domingues Redes de Fluidos Francisco de Paula de Sá Nogueira Amado de Cunha e Vasconcelos, José Carlos Monteiro da Fonseca Cordeiro, Jan Mei Guida Instalações Mecânicas Manuel Nicolau Olay da Silva Dias, António Emílio Santos de Almeida Azevedo Instalações Eléctricas António Emílio Santos de Almeida Azevedo, José Adriano Aguiar Mamede Segurança e Sistemas de Gestão Integrada de Edifícios António Emílio Santos de Almeida Azevedo Previsão e Programação Financeira, Davis Langdon & Seah H.K. Ltd. Derek McKay, Lysander Lam Acústica Daniel Commins Luminotecnia Robert A. Shakespeare, John A. Williams, Victoria Jarvis, Jonathan William Court Técnicas de Palco, Waagner-Biró Erich Raster Museologia Luis Jorge de Gouveia Pascoal, Silvana Bessone Borges de Medeiros Amorim da Costa Macedo Paisagismo Tomm Van Dycke



CORTE LONGITUDINAL DO CORPO DOS AUDITORIOS

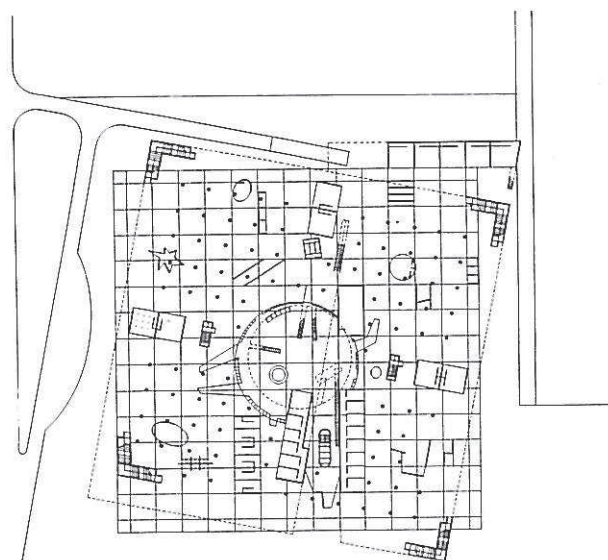
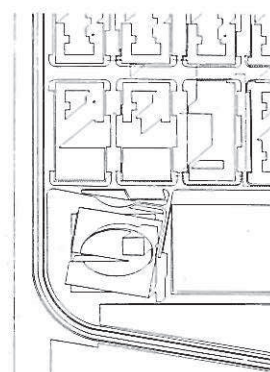
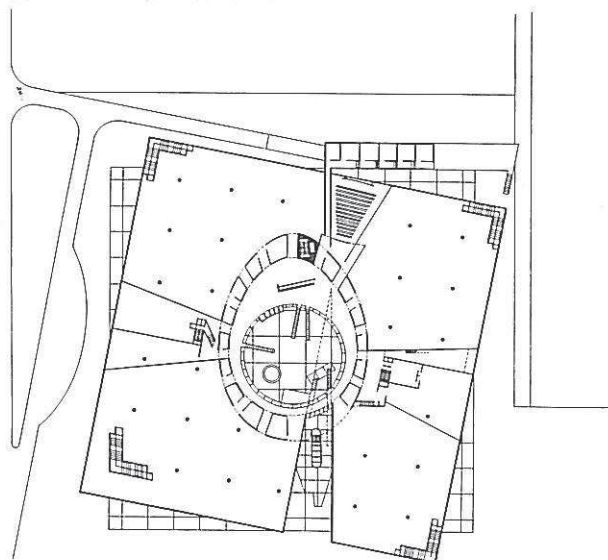
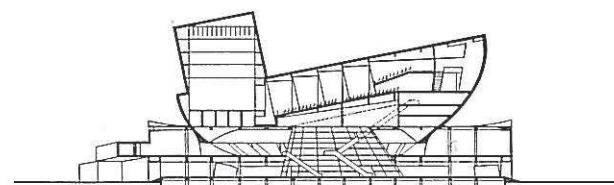
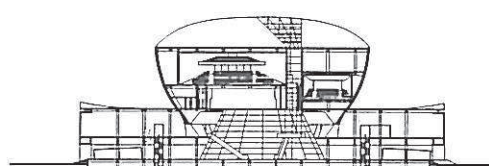
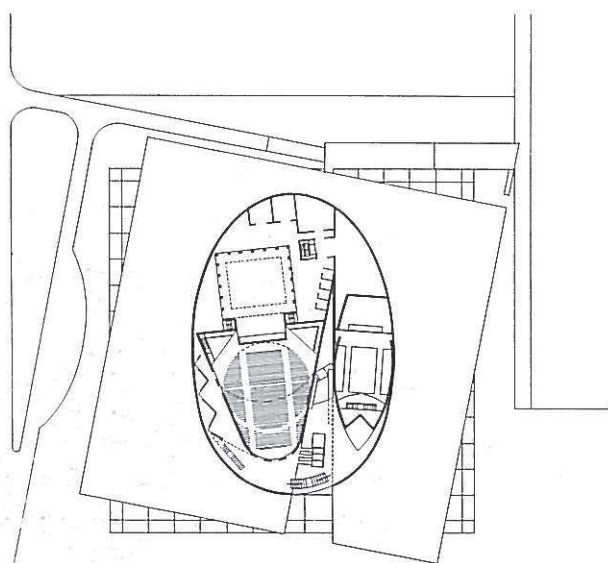
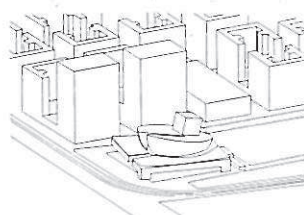


PLANTA GERAL DO PISO 2

Menção Honrosa

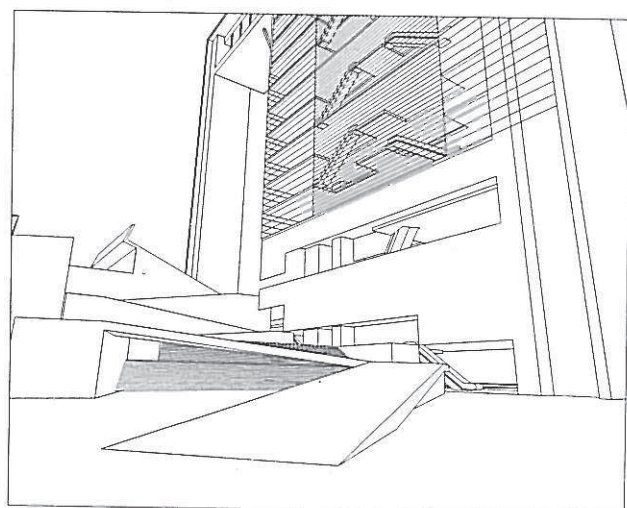
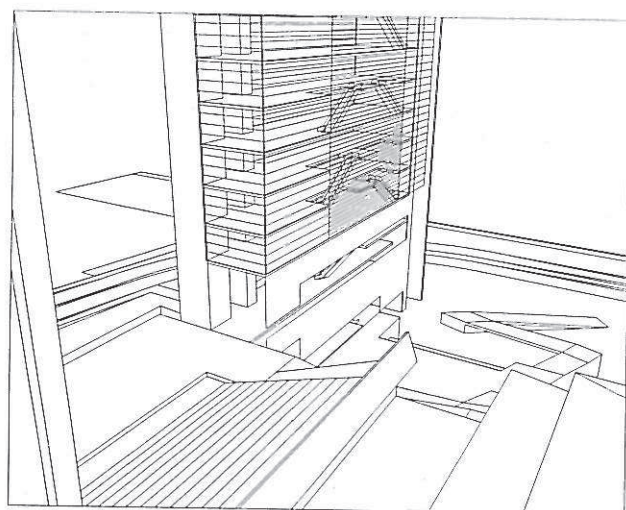
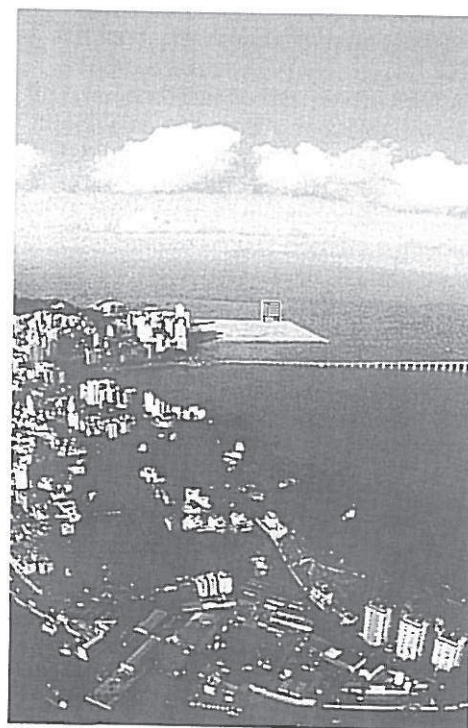
Pedro Ravara

Baixa Atelier de Arquitectura Lda. (Pedro Ravara, Nuno Vidigal, Patrícia Matias) + Contemporânea Lda. (Manuel Graça Dias, Egas José Vieira) Colaboração Nuno Lourenço, Marco Aurélio, Nuno Alves, Elisabetta Maino



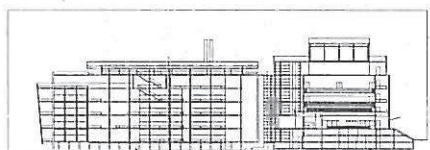
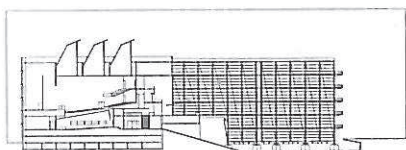
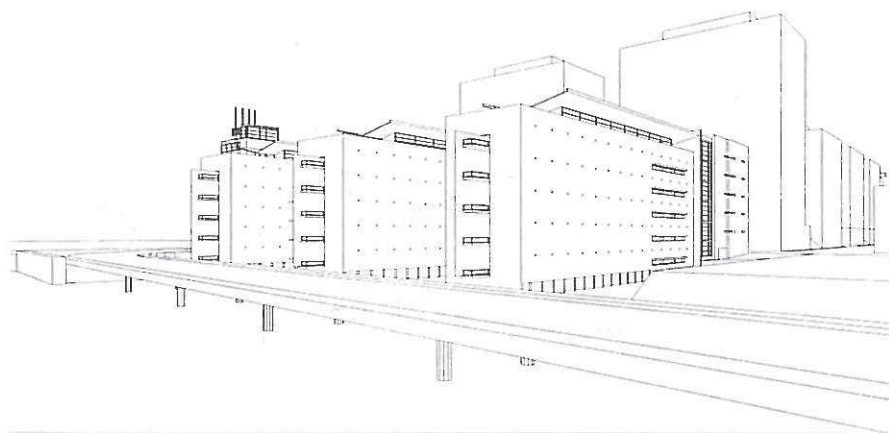
Menção Honrosa
João Luis Carrilho da Graça
Helena Pinto

Projecto de Estruturas e Fundações José Matos e Silva Projectos de Instalações Eléctricas e Telecomunicações Rúben Manuel Correia
Sobral Projecto de Redes de Águas e Esgotos Manuel José Grade Ribeiro Projecto de Climatização José Galvão Teles Projecto de
Segurança Integrada Luís Manuel de Sousa de Macedo Milreu Projecto de Arranjos Exteriores João Gomes da Silva Projecto de
Condicionamento Acústico Pedro Martins da Silva Projecto de Mobiliário Fixo e Sinalética João Luis Carrilho da Graça Musealização
Fernando António Baptista Pereira Estruturas, Ove Arup & Partners Alfredo Caruso Ilídio Especialidades Técnicas Ove Arup & Partners

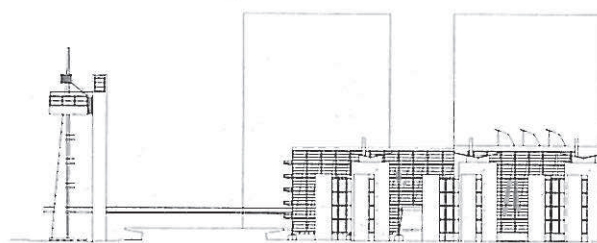
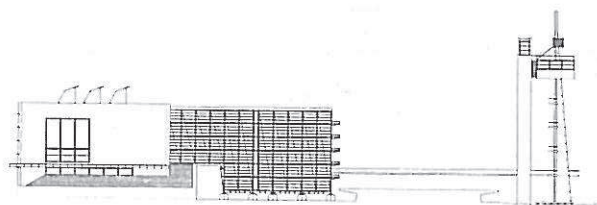
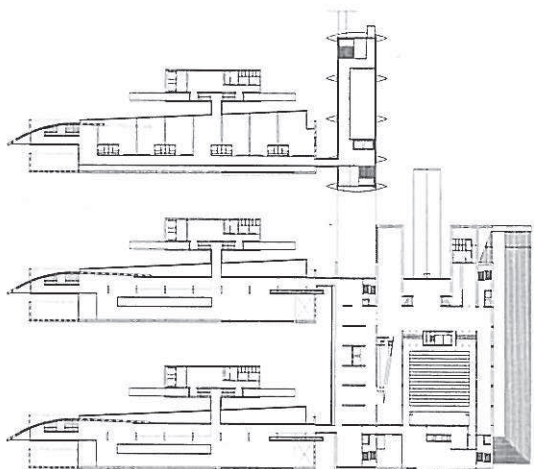
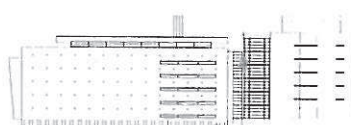
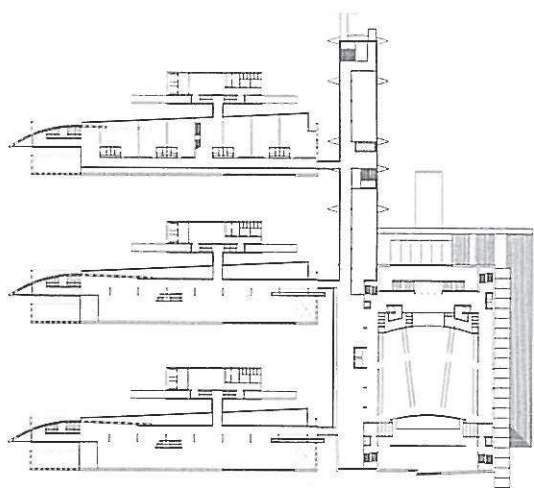


Menção Honrosa
Carlos Sousa Dias
Soledade Paiva de Sousa
Ricardo Oliveira
Gisela Mascarenhas
Gitap SA

Estrutura, Gitap SA Luis Marques Instalações Mecânicas, Gitap SA Celestino Viegas Instalações Eléctricas, Gitap SA António de Almeida Instalações de Segurança, Gitap SA Luis Milreu Águas e Esgotos, Gitap SA José João



72





BLOCO *Split*

O novo bloco Split Argibetão é um bloco fabricado com betão de alta qualidade e que oferece aos arquitectos grande variedade de soluções estéticas e técnicas, graças à diversidade de cores oferecidas e a sua elevada resistência.

A designação Split deriva do facto de o bloco ser sujeito a uma fractura mecânica, apenas possível de efectuar em blocos de elevada resistência e com equipamentos de alto nível tecnológico. O seu processo de fabrico e a sua composição conferem-lhe características de resistência ao fogo, de elevada impermeabilidade e de isolamento sonoro e térmico.

A larga utilização dos blocos Split em obras públicas, em edifícios comerciais, industriais e de habitação deve-se também ao seu perfeito enquadramento paisagístico, quando utilizado em paredes exteriores, e à sua estética, quando usado em interiores.

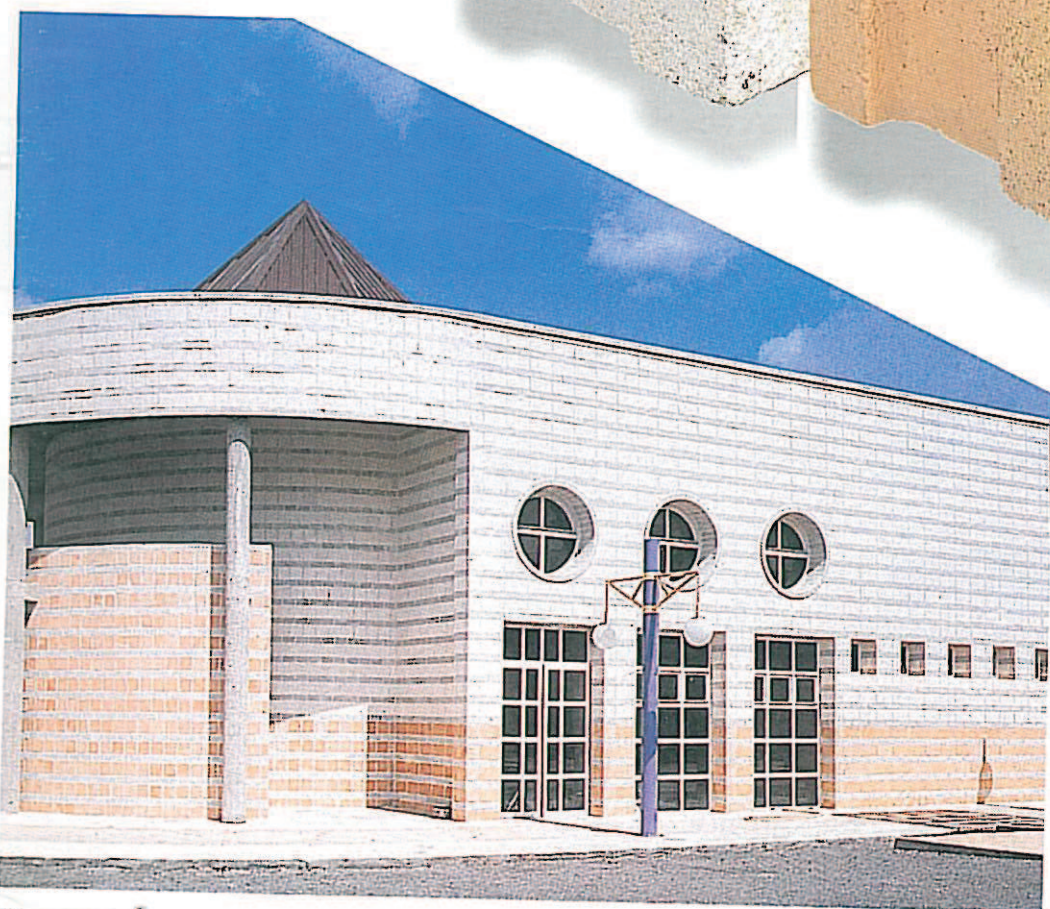
Este tipo de blocos permite o imediato acabamento final da alvenaria (não necessita reboco nem pintura), sendo a sua manutenção e conservação praticamente inexistentes.

*Acabamento
Final
Imediato*



Os Blocos Split Argibetão apresentam as seguintes características técnicas:

- Resistência à compressão superior a 90 Kg/cm², considerando a superfície bruta
- Resistência ao fogo entre 1,5 h a 4,5 horas, dependendo da espessura e tamanho da peça
- Isolamento acústico entre 42 e 50 DB
- As peças hidrofugadas cumprem as Normas Europeias e as ASTM Americanas a 100%
- Absolutamente inertes às geadas até -30° C
- Transmissão térmica entre 1 e 1.75 Kcal/c/h/m²
- Tolerância em altura inferior a 1 mm
- Peso específico médio 2.100 Kg/m³




ARGIBETÃO

SOCIEDADE DE NOVOS PRODUTOS DE ARGILA E BETÃO, S.A.
Av. Fontes Pereira de Melo, 19 - 5º 1050 Lisboa
Tel. (01) 315 71 54 Fax (01) 315 45 00
Fábricas em Braga, Ovar, Cartaxo e Azeitão

O NORTE CONQUISTOU O PARCEIRO IDEAL DO SEU AMBIENTE DE TRABALHO.

A Steelcase Strafor, líder mundial do mobiliário de escritório, marca presença no Porto.

Lisboa foi a primeira cidade conquistada pelo Show Room sito no Edifício Suécia II em Carnaxide – um local de encontro de arquitectos e designers. Agora a região Norte foi contemplada com um Show Room no Porto. Apresentando grande diversidade de soluções adaptadas aos mais variados tipos de arquitectura, espaço e necessidades, todas as linhas de mobiliário Steelcase Strafor são ergonomicamente concebidas e foram projectadas por



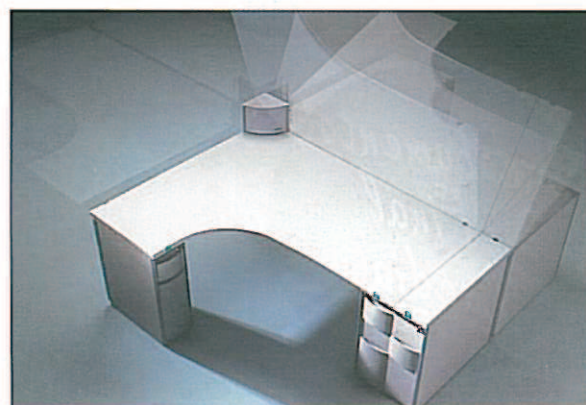
Linha Scenic – uma das nossas últimas criações.

equipas que integram talentos do design e da arquitectura. Venha ajuizar a qualidade destas criações e o rigor da sua construção e acabamentos.

Se vier ao 7º Congresso Nacional de Arquitectos teremos o maior prazer em recebê-lo no nosso stand.

O Show Room que a invicta há muito merecia.

Na cidade do Porto a Steelcase Strafor espera por si na Rua Costa Cabral, nº 2259 – Areosa com o telefone 548 98 58. Mais uma oportunidade para que possa vir apreciar e julgar o trabalho da nossa equipa. É que só mesmo um arquitecto pode avaliar com mestria o trabalho de outro arquitecto.



Pormenor das potencialidades de versatilidade da linha Scenic.

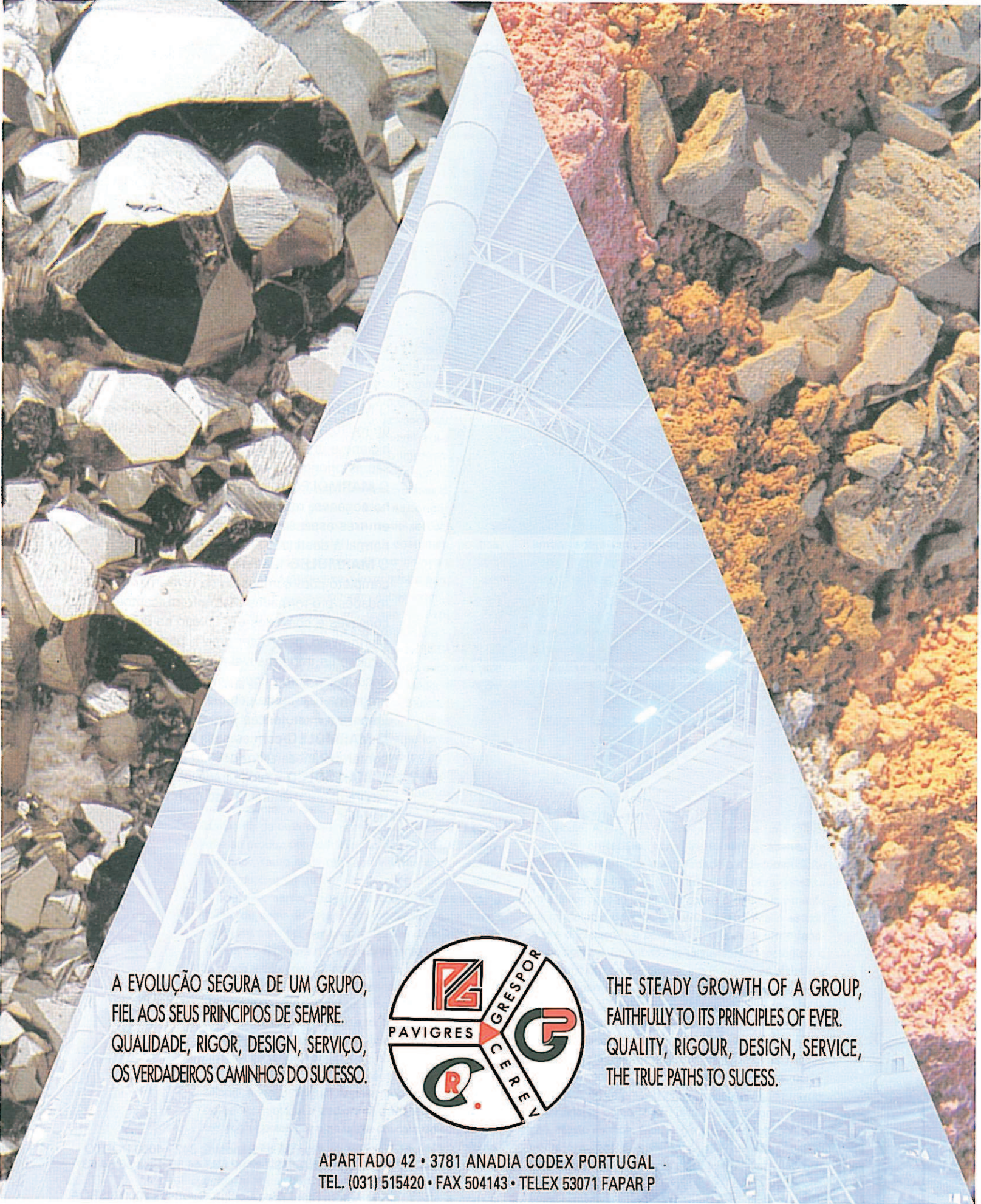


Steelcase Strafor

Mais ideias por m²

Av. do Forte nº 3 – Edifício Suécia II, Piso 4 Ala B – 2795 Carnaxide
Tel. 417 26 28 – Fax 417 26 32

Grupo Steelcase Strafor



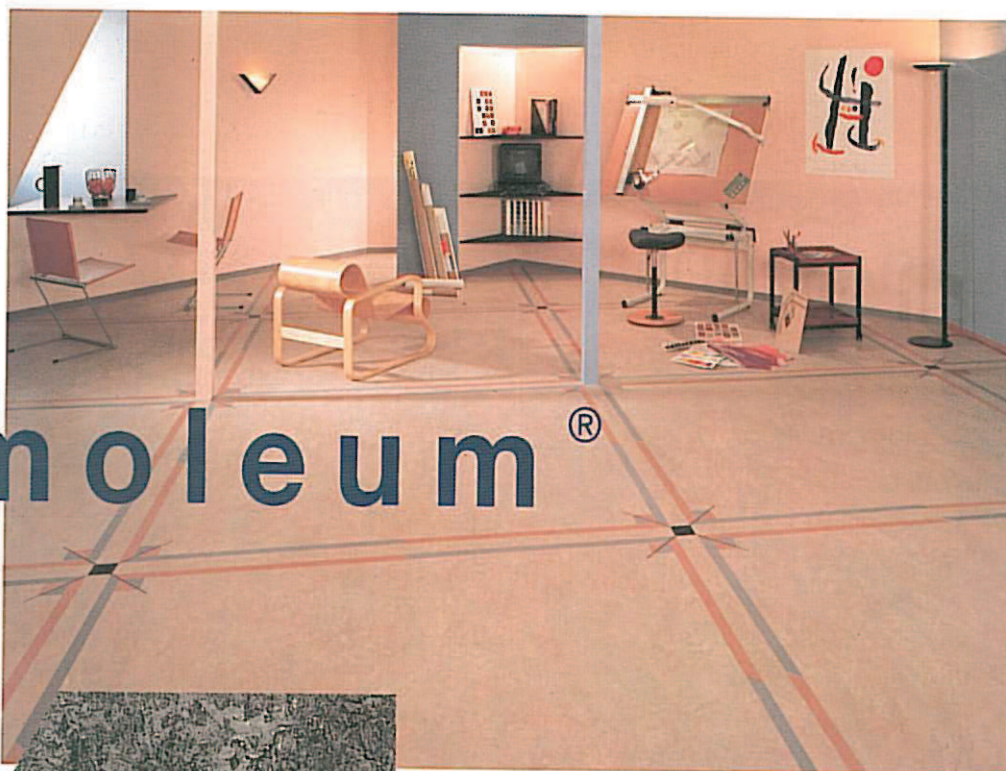
A EVOLUÇÃO SEGURA DE UM GRUPO,
FIEL AOS SEUS PRINCIPIOS DE SEMPRE.
QUALIDADE, RIGOR, DESIGN, SERVIÇO,
OS VERDADEIROS CAMINHOS DO SUCESSO.



THE STEADY GROWTH OF A GROUP,
FAITHFULLY TO ITS PRINCIPLES OF EVER.
QUALITY, RIGOUR, DESIGN, SERVICE,
THE TRUE PATHS TO SUCCESS.

APARTADO 42 • 3781 ANADIA CODEX PORTUGAL
TEL. (031) 515420 • FAX 504143 • TELEX 53071 FAPAR P

marmoleum®



O **MARMÓLEO** é a primeira opção para locais de muito trânsito, onde resistência, durabilidade, higiene e um ambiente agradável são as prioridades.

O **MARMÓLEO** é um revestimento para chão homogêneo, resiliente e robusto. Está disponível em três espessuras (que vão desde a espessura normal à destinada a tráfego intenso).

O **MARMÓLEO** faz parte de um sistema completo com compostos de nivelamento, colas, rodapés pré-formados Marmoform, cantos côncavos e convexos e o cordão de soldar Marmoweld, para obter uma superfície totalmente impermeável e conseguir efeitos decorativos surpreendentes. Para tornar este programa realmente completo há um sistema de limpeza e manutenção para cada situação.

O **MARMÓLEO** com as suas 68 cores contemporâneas é um desafio para os designers.

O **MARMÓLEO** é biodegradável sendo inteiramente manufacturado com componentes naturais.

forbo
PERGOL

Rua Sá da Bandeira, 342 - 4000 PORTO
Telef.: 32 43 02 / 32 44 50 Fax: 56 54 53

Rua Latino Coelho, 8-A/8-B - 1000 LISBOA
Telef.: 356 32 04/7 Fax: 57 75 14

Rua D. Estefânia, 163-C - 1000 LISBOA
Tel.: 54 60 10

CRISTO NA ARTE

MANUEL JOVER - DIFEL - 1994

Dependemente de cada convicção, é factual o reconhecimento inofismável da supremacia do ocidente sobre todas as outras sociedades, e mesmo nas suas limitações e defeitos formados por 3000 anos de vícios, a democrata sociedade tecnocrata impõe-se e é a mais desejada por todos os povos, que aderem sem reservas. Contudo, centra-se na figura de Cristo, referencial da nossa história e determinante para a estruturação da sociedade ocidentalizada, pela utilização do seu carisma e poder, consolidando a proeminência do pensamento helénico e latino, que puderam ganhar a universalidade que sempre ambicionaram, retribuindo por seu lado, com a mistificação de Cristo, num triângulo perfeito, como o da Trindade. Jesus Cristo é, de facto, a personificação de herói mitológico formalizando pela primeira vez e na história da humanidade, o sonho inteiro de fabricar uma figura unificadora, redutora e sedutora do mundo físico e do éter. Vingando na Europa durante vinte séculos e convencendo os outros mundos durante cinco, a Igreja por si criou as bases do pensamento moderno que vinculam de forma inalterável a moral. A obra "Cristo na Arte" vem também reconhecer a verdadeira grandeza da importância religiosa no quadro da história das mentalidades e durante muitos séculos a história da Europa, que pode ser confundida com a sua história religiosa, foi também a história da Igreja Católica. A dimensão religiosa das sociedades foi um sistema absolutamente incontornável e a Arte como entidade absolutamente inútil e imprescindível da sociedade, sobretudo dependente da sua história para a concretização factual, encontram nesta dimensão o pretexto ideal para a sua ascensão mítica. Nomeadamente pela pintura, pode-se contar toda a história humana, social, moral, costumes, política, bem como das suas outras artes nomeadamente a evolução da Arquitectura. Neste retrato parcial de oito séculos da Europa souberam caber todos os artistas que viram em Cristo uma forma de exprimirem o melhor que Saturno lhes patrocinava - o génio. Sendo que o livro se estrutura por episódios da vida de Cristo, e neles se reúnem inúmeros exemplos pelo grande tempo de evolução da Idade Média de Giotto à Idade Contemporânea de Munch e Bacon, souberam caber El Greco, Rafael, Caravaggio, Poussin, Chagall, Picasso, Nolde. Nesta conjugação de ideias por formas de abordagem distinta, é deveras curioso reconhecer-se a apropriação de Warhol, o grande mestre da Pop Art, de uma das imagens mais insígnies da arte ocidental, a Ceia de Leonardo da Vinci, símbolo eminente de uma cultura artística e religiosa. O efeito que se produz por comparação não deixa de ser perturbador, tanto mais que aos valores espirituais da idade de ouro da melancolia se opõe a brutal interferência de uma camuflagem própria do pensamento e forma de estar do tempo pós-moderno e esta é uma simbiose possível das manifestações da influência de Cristo. Se à pintura nada se acrescenta (para além da sua rica e criteriosa selecção e para as quais a historiografia já oportunamente referenciou), o texto é académico pelo rigor científico e de referência, clássico pela elegância da escrita, sedutor pela emoção que confere dimensão à grande aventura humana, "cuja história se dirige para Deus", nas palavras de Jean Delumeau. Exemplo é a síntese do Juízo Final de Miguel Ângelo: "Miguel Ângelo renovou a iconografia do tema. Substitui a tradicional composição em andares sobrepostos por uma dupla cascata de corpos elevando-se para o Céu, ou precipitados para o Inferno. Esta vasta circulação dos corpos articula-se à volta da colossal figura do Cristo vingador, levantando a mão num gesto de cólera. O inferno já não é mais o Leviatã da Idade Média mas sim um Inferno pagão, com Caronte fazendo passar os condenados na sua barca". pg. 208. Obra soberba, sobre as interpretações pictóricas daquele que é o centro da nossa história, e também para aqueles que apenas (o que por si só já é muito) procuram a excelência da arte, que tam-

MÁRIO CHAVES

bém é religiosa, da forma como se desenrola a história da arte fundada na espiritualidade. Tal como de excelência é Rapture de Siouxie and the Banshees.

A MORFOLOGIA DA ARQUITECTURA

VICTOR CONSIGLIERI - TOMO 7/8

EDITORIAL ESTAMPA - 1994

A ideia essencial a reter desta obra, é a percepção de que a Arquitectura na sua arte do devir, é essa proto-arte progenitora de todas as outras e que só ela possui a razão óbvia da reunião do útil e do belo, na contínua osmose entre o dado estético e o técnico-económico. É óbvio que a antiga distinção (anterior ao Modernismo) entre artes teve um mero valor de comodidade e utilidade, mas a arquitectura Moderna conseguiu através da sua espacialidade escandir um tempo quadrimensional e criar uma cessação empolgante de espaços capazes de criar formas absolutamente inéditas, novas, impensáveis e conciliar todas as outras artes. Os "quatro grandes" da arquitectura Moderna: Wright, Gropius, Mies e Corbusier, não podem ser comparados a outros do passado, porque souberam significar uma nítida passagem para o futuro, uma passagem heróica que desviou a arquitectura da sequência estilística ininterrupta uma série de séculos que tinham constituído uma continuidade artística, classicista, académica e tectónica, para lançar no precipício do actual universo tecnológico o arrojo inventivo. Naturalmente, esta obra não é o lugar para analisar as polémicas e as lutas que se estabeleceram pelos anos 20 - a favor ou contra as tendências racionalistas e posteriormente funcionalistas. Consiglieri verifica, e este é um pressuposto fundamental, que tanto a corrente racional-funcional de Gropius, Le Corbusier e antes de Loos, Behrens e Perret, como a orgânica de Wright, assentavam ambas sobre uma afirmação de independência das formas construtivas com qualquer ligação com o passado. Se o organicismo wrightiano teve por objectivo um regresso à natureza, pela capacidade de crescimento orgânico, o racionalismo pretendeu basear as novas construções sobre uma rigorosa cientificação do elemento plástico-estrutural. Os dois movimentos confluíram nas personalidades mais importantes do meio do século e uma nova geração - Aalto, Saarinen, Tange, Johnson, Kahn, Nervi, que compreenderam não só a importância de libertar a arquitectura dos estilismos do passado, como a premente necessidade de considerar os elementos construtivos e mecânicos não como um fim supremo, mas um meio a oferecer. Está criado o pressuposto que permite a elaboração teórica da historiografia arquitectónica do século. A linguagem moderna permite uma crítica concreta, oferece-se como instrumento passível de medir cientificamente a actualidade e a decomposição construtiva dos temas funcionais. Esta obra constituiu uma investigação semiótica sobre o desenvolvimento da morfologia da arquitectura, dividindo-se o estudo sobre o Espaço - o perceptivo, o tipológico e o fenomenológico, o Equilíbrio - o gestáltico, o topológico, o fenomenológico e os ritmos, e a Forma - os eixos e a linha e o pormenor. Neste trabalho semiólogo, a arquitectura está desmontada em regras e excepções. Mas as únicas coisas que se podem codificar são as regras e dado que a linguagem moderna se compõe quase exclusivamente de excepções, as regras podem ser académicas e ao serem codificadas, corre-se o risco de retomar o preconceito do Academismo; assonâncias como regra, dissonâncias como excepção. Neste sentido, Morfologia da Arquitectura é obra completa, por discernir nos cinquenta anos do Modernismo as categorias que podem constituir o processo teórico do seu entendimento. Sobre uma completa explanação do processo de desmontagem, parte-se para a aglutinação que dá forma ao entendimento e eficácia profissional de Consiglieri como arquitecto. Sobre o texto rigoroso e consistentemente estruturado com profusos desenhos, monta-se um importante trabalho teórico que importa conhecer. Bem como Tricky em Maxinquaye.

ARQUITETOS

NOME _____

MORADA _____

CÓDIGO POSTAL _____

CIDADE _____

PAÍS _____

CONTRIBUINTE _____

TELEFONE _____

INÍCIO ASSINATURA (Nº) _____

FIM ASSINATURA (Nº) _____

ESTUDANTE _____

OUTROS _____

ESTUDANTES
6.500\$00

CONTINENTE
8.000\$00

REG. AUTÓNOMAS
8.500\$00

MACAU E PALOP
11.000\$00

ESPANHA
8.500\$00

EUROPA
10.500\$00

EXTRA-EUROPA
12.500\$00

Assinatura por 1 ano
(10 números). Enviar
cheque endossado à
Associação Arquitectos
Portugueses -
Trav. do Carvalho, 23
1200 Lisboa - Tel:
3432454/9 Fax:
3432451. Se és estu-
dante envia fotocópia
(frente e verso) do
cartão.

PHOTO & VIDEO / Fotografia Alexander Eick



ERGA BARREIRAS CONTRA O RISCO

A segurança no trabalho
protege apenas os
Garante também a
de quem espera por eles
produtividade no
qualidade da obra e a competitividade da empresa que a promove.



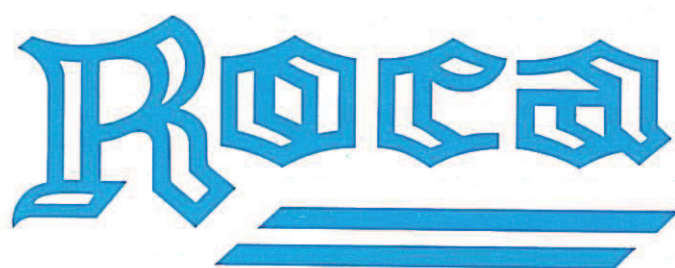
da construção não
trabalhadores em obra,
tranquilidade e o futuro
em casa, garante maior
trabalho, garante a



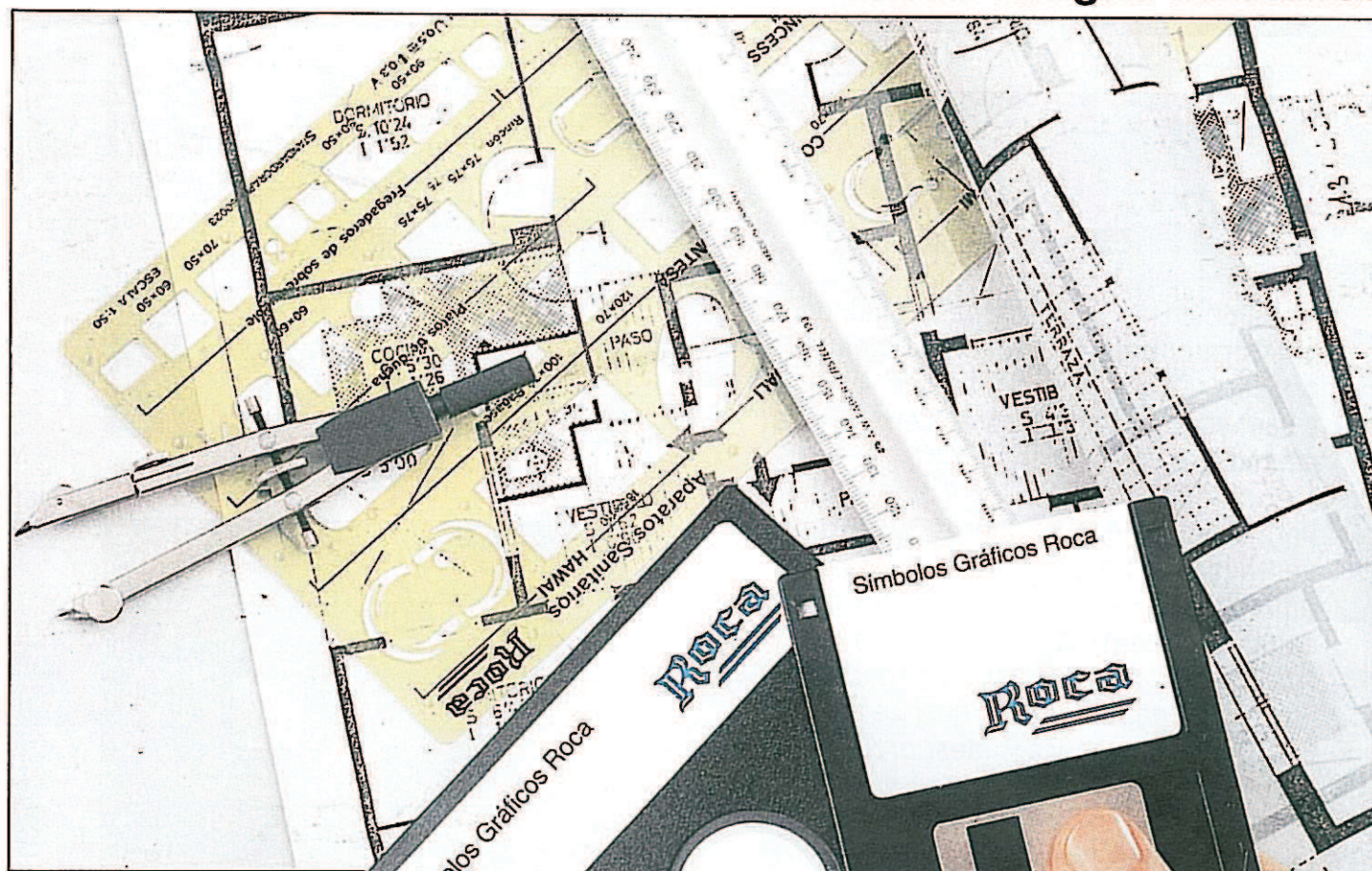
POR UM TRABALHO COM VIDA



Instituto do Desenvolvimento e Inspeção das Condições de Trabalho
Conselho Técnico de Acompanhamento da Construção: CMOPP - AECOPS - AISCOPH - FEDERAÇÃO CONSTRUÇÃO/CCOP - SETACOP - SINDICATO CONSTRUÇÃO/ST



O Escantilhão de Símbolos Gráficos Roca de Artigos Sanitários



Agora em Diskette

Instalação automática para
Autocad, Dos, Windows
e Macintosh

OFERTA GRATUITA

Pedidos:



Rua José Duarte Lexim, Lt. 6
2675 ODIVELAS
Telef. 01-937 76 67/937 55 39 Fax 937 54 05

Schröder

Uma luz que se espalha pela cidade

design: DIZINIA



CERTIFICADO
N.º 22/CEP-32
EMITIDO PELO
INSTITUTO
PORTUGUÊS DA
QUALIDADE

Quinta das Mil Flores, em Sete-Rios.

Um condomínio luxuoso e reservado, onde mil pormenores foram concebidos para oferecer um ambiente do máximo conforto e bem-estar, que a iluminação permite viver em todas as horas do dia.

Para a Quinta das Mil Flores, a Schröder desenvolveu um projecto muito especial: um estudo integrado, onde o design de cada equipamento se adapta com fiabilidade e harmonia às múltiplas imposições de iluminância, quer se trate de iluminação pública, desportiva ou decorativa.

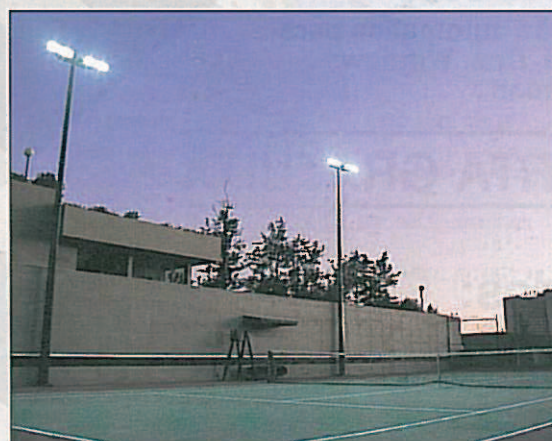
Um projecto tão especial como os primeiros que a Schröder criou em Portugal, há 36 anos. Precisamente em Lisboa, uma cidade onde a Schröder ainda hoje continua a espalhar a sua luz.



Zonas de Circulação: Luminárias MC



Jardins: Modelo Atlantis



Campo de Ténis: Projectores RT

 **Schröder**

ILUMINAÇÃO QUE SE VÊ.

SCHRÉDER - Construções Eléctricas Schröder, S.A.
2795 Carnaxide - Portugal
Telf. 417 00 37 - Fax. 418 87 41

Prefabricados na Arquitectura

Permitem melhorar a relação tempo - qualidade - preço, como acontece em quase toda a Europa e U.S.A.

Estrutura e edificação prefabricada

A prefabricação total de alta qualidade é a próxima meta desta década. A sua utilização é aplicável, tanto na fase de estrutura (pilares, lajes, etc), como na resolução final e completa de edifícios para habitação.



VERSÁTEIS
COMPETITIVOS
RÁPIDOS
E COM FUTURO

Fachadas prefabricadas em betão

O betão arquitectónico com inertes seleccionados (mamore ou granito) com granulometria contínua e cores naturais, permite fazer todo o tipo de painéis, no respeitante à geometria e desenho, tendo como limite somente a descobragem, oferecendo uma ampla variedade criativa ao Arquitecto do Projecto.



Fachadas prefabricadas com pedra natural

O sistema exclusivo de fixação da pedra natural ao prefabricado de betão, permite grandes dimensões e espessuras das peças de granito, impensáveis na colocação tradicional, conseguidas com a colaboração de profissionais de arquitectura e da pedra.

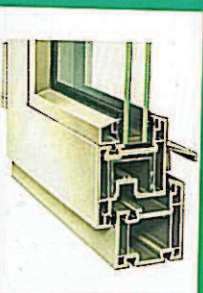
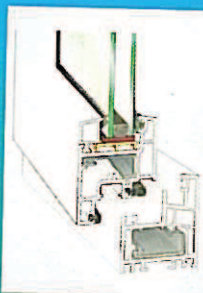


PETROPAN S.A.
PREFABRICADOS NA ARQUITECTURA
UMA EMPRESA DO GRUPO JOTSA

Fabrica: Camino de Rejas s/n 28820 Madrid (España).
Tel. (00341) 7474652. Fax. 7476803.

Comercialização em Portugal através de: JOTSA, S.A.
Rua Filipe Folque nº 17 R/C Dto.
Tel. 3526823/4. Fax. 577982

Liberdade Criadora



DECEUNINCK. A geração de sistemas em P.V.C. de alta tecnologia para todos os estilos de construção e renovação. Sem limitações. Resistentes aos agentes atmosféricos e inalteráveis com o tempo, os perfis de carpintaria e decoração em P.V.C. DECEUNINCK adaptam-se perfeitamente seja qual for o seu nível de exigência profissional e criativa.



Peça agora mesmo a sua informação gratuita através deste cupão.

Nome: _____
Morada: _____

Código Postal: _____ Telefone: _____

Preencha este cupão em maiúsculas e remeta para Deceuninck Iberica

DECEUNINCK IBERICA S.A.
AVENIDA DE LA INDUSTRIA, 25 - 28820 COSLADA (MADRID)
PORTUGAL: APARTADO 14187 - 1000 LISBOA

TEL: (1)6731723 FAX: (1)6731867
TEL: (01)4762715 FAX: (01)4762776

deceuninck



Clarabóia Universal, ambientes mágicos de luz

Quem nunca sentiu o fascínio da luz captada por uma clarabóia? Claridade que lembra a infância. Ambientes mágicos de luz. Mas no vasto mundo das clarabóias há diferenças fundamentais. As clarabóias da Braas, representadas exclusivamente em Portugal pela



são verdadeiramente inovadoras pela sua universalidade, adaptando-se na perfeição a qualquer tipo e modelo de telha ou material para telhados inclinados.

O caixilho com estrutura em PVC reforçado, preparado para enfrentar o mau tempo e a acção dos raios U.V.A., permite, pelas suas características e reduzido peso, uma fácil colocação em obra. O avental, de um material plástico flexível e reforçado por uma malha metálica, molda-se manualmente e sem necessidade de ferramentas, adoptando o perfil de qualquer telha ou placa, garantindo uma total estanquidade do conjunto. A tampa, em policarbonato transparente, é de uma tal robustez que a protege contra golpes e rupturas, mantendo-se inalterável com o tempo. Esta clarabóia universal encontra-se disponível em vermelho, castanho e antracite.

Se pretender informações mais pormenorizadas, envie este cupão devidamente preenchido para:

Lusoceram -
Empreendimentos Cerâmicos SA.
R. Castilho, 39-8º A/D-1200 LISBOA
☎ (01) 386 43 06 - Fax: 386 07 40

☐ Agradecia que me enviassem informações mais pormenorizadas sobre as Clarabóias Universais.

☐ Agradecia que me enviassem documentação sobre: _____

☐ Pretendo a visita de um vosso técnico para demonstração deste produto.

Colar o cupão num Bilhete Postal e não esquecer de mencionar o nome e morada do remetente

Garantia total fornecida pela **LUSOCERAM**

DLWCOVERALL MODUL



A geometria do design para o solo

Os materiais de grande qualidade e extrema resistência (velours, buclé e punzonado), fabricados com fibras de marcas de primeira categoria, oferecem para cada caso uma solução adequada.

Um espectro amplo de colorido actual e uma grande variedade de desenhos possibilitam a total liberdade de composição.

DLW Coverall Modul: um programa bem pensado técnica e esteticamente exigente para a decoração do solo.

Soluções flexíveis e profissionais!

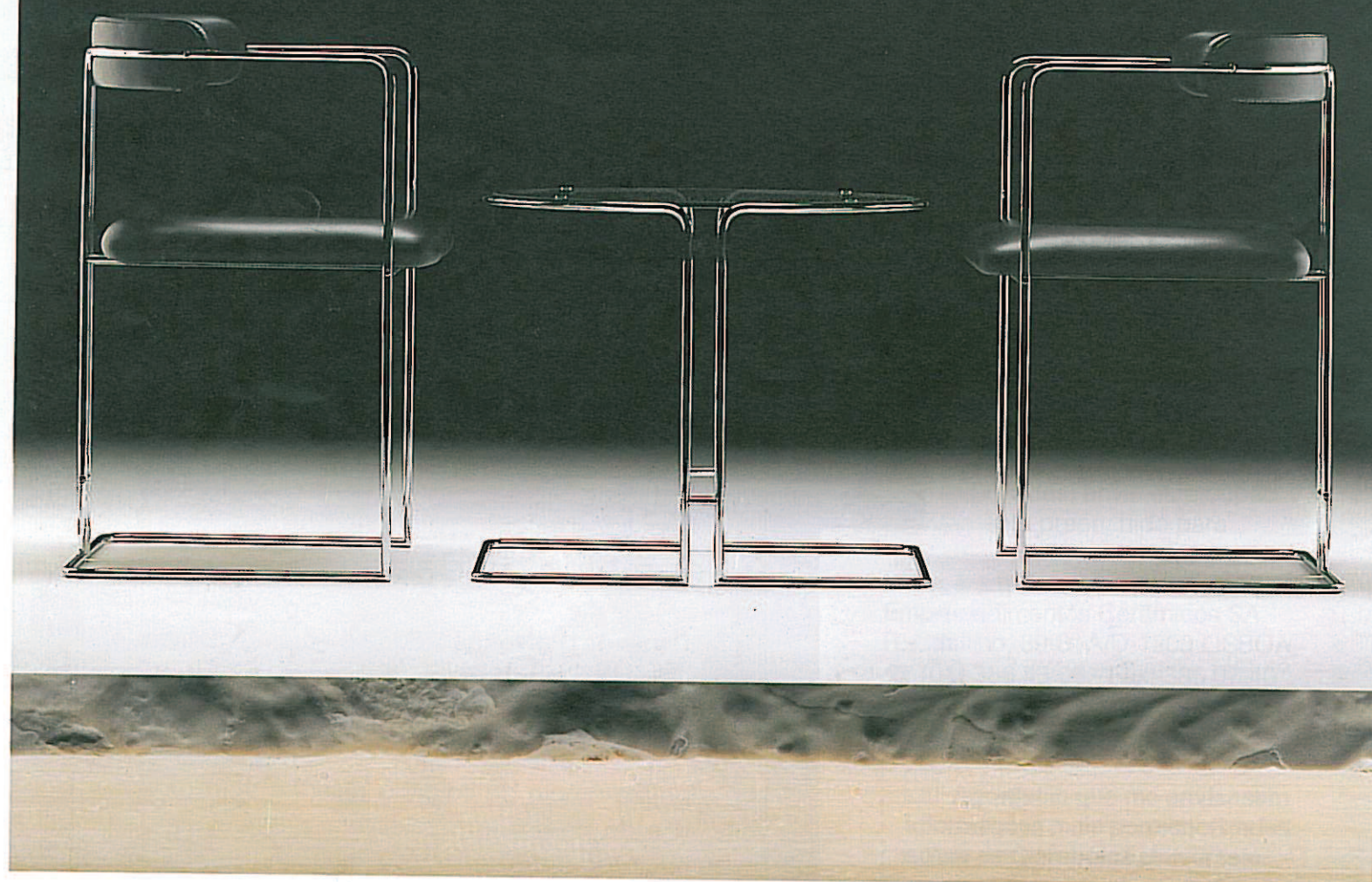
amorim
portugal
REVESTIMENTOS E DECORAÇÃO, S.A.

SEDE:
APARTADO 50 - PRIME - MOZELOS - 4539 LOUROSA CODEX
TELS. 02 - 745 51 97 - 745 51 99 - 745 52 00 - 745 52 01 - FAX 02 - 745 53 34
FILIAL:
QUINTA D. MARIA - 2840 SEIXAL - TEL. 01 - 221 38 66 - FAX 01 - 221 31 50



C
a

A LINHA DAS IDEIAS.

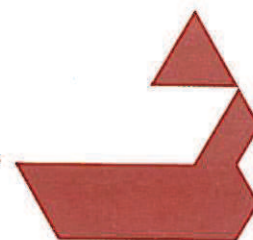


QUADRATURA

Ideias simples.

**O retomar da utopia racionalista
com "toque de mão" artesanal.**

LONGRA



A CULTURA DO ESPAÇO

Praceta Coelho Seabra, 6 Damaia - 2700 AMADORA. Tel. (01) 4972242 / 4901285 Fax: (01) 4900634 • Porto: Rua do Bom Jardim, 689 - 4000 PORTO. Tel: (02) 2087983 Fax: (02) 2086472

O alumínio

NOVA GERAÇÃO

A Technal, uma vez mais inovou perante o mercado, apresentando uma paleta única e exclusiva de novos coloridos anodizados e lacados, consequência do fabrico, também ele exclusivo nas suas instalações industriais. A vontade de simplificar e regressar à matéria original vêm caracterizar esta nova geração do alumínio assegurando as mesmas garantias de qualidade e comportamento a que o nome Technal já vos habituou. Muitas variações em torno do cinzento, novas cores e novos aspectos de superfície; as tendências actuais estão nas suas mãos... Da subtil alusão da natureza que encontra no verde acinzentado, ao relevo e textura que se sente ao toque no cinzento granulado, poderá encontrar a harmonia perfeita entre os materiais contemporâneos, o betão e o vidro. Com os novos coloridos Technal, os grandes clássicos evoluem, o alumínio abandona o seu ar impessoal e assume relevo assegurando uma luminosidade perfeita.



TECHNAL®

Nem todo o alumínio é igual!

Mobiliário de Escritório de Grande Versatilidade. Máximo desempenho em todo o terreno.



Vidros esfumados.

Design inovador.

Pré-instalação para sistemas eléctricos e de comunicação.

Tampo ergonómico de toque suave e anti-reflexo.

Ampla bagageira.

Suspensões inteligentes reguláveis em altura.

Rodas adaptadas a todo o terreno.

Em funcional, a robustez e a versatilidade das linhas de Mobiliário para Escritório da SELDEX superam com agilidade todos os dos grandes e pequenos espaços da sua empresa. São soluções dinâmicas e confortáveis que traduzem a aliança perfeita entre a forma e a função, o estilo e o desempenho, optimizando ao máximo, em qualquer situação, a performance dos seus utilizadores.

TH[®]
E

SELDEX - MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO • Queluz de Baixo - Tel. (01) 436 71 72 • Porto - Tel. (02) 200 14 24

